



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Marília

FLÁVIA TORTUL CESARINO

**“MACHISMO É PECADO”: FEMINISTAS EVANGÉLICAS NO BRASIL A PARTIR
DE GRUPOS E PÁGINAS DO FACEBOOK E DO INSTAGRAM**

MARÍLIA

2023

Flávia Tortul Cesarino

**“MACHISMO É PECADO”: FEMINISTAS EVANGÉLICAS NO BRASIL A PARTIR
DE GRUPOS E PÁGINAS DO FACEBOOK E DO INSTAGRAM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Área de Concentração: Ciências Sociais, Antropologia.

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio Mendes da Costa Braga

Marília

2023

C421“ Cesarino, Flávia Tortul
“Machismo é pecado”: feministas evangélicas no Brasil
a partir de grupos e páginas do Facebook e do Instagram /
Flávia Tortul Cesarino. -- Marília, 2023
130 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Antonio Mendes da Costa Braga

1. Religião e Sociologia. 2. Antropologia Feminista. 3.
Teologia Feminista. 4. Redes Sociais On-line. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Flávia Tortul Cesarino

**“MACHISMO É PECADO”: FEMINISTAS EVANGÉLICAS NO BRASIL A PARTIR
DE GRUPOS E PÁGINAS DO FACEBOOK E DO INSTAGRAM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Área de concentração: Ciências Sociais, Antropologia.

Linha de pesquisa: Cultura, Identidade e Memória.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Antonio Mendes da Costa Braga
UNESP – Campus de Marília, SP.

Profa. Dra. Maria Valéria Barbosa
UNESP – Campus de Marília, SP.

Profa. Dra. Lídia Maria Vianna Possas
UNESP – Campus de Marília, SP.

Prof. Dr. Luiz Ernesto Guimarães
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Profa. Dra. Kelly Thaysy Lopes Nascimento
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Marília, 26 de setembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador, o Prof. Dr. Antonio Mendes da Costa Braga por ter me ajudado e se empenhado para que eu conseguisse defender o doutorado. Quero agradecer também aos demais professores, funcionários da Seção-Técnica de Pós-Graduação, e a toda UNESP Campus de Marília por esta oportunidade. Sou muito grata a CAPES também por ter sido bolsista, o que me auxiliou muito durante o doutorado.

Faço um agradecimento especial aos meus pais, Evandro José Cesarino e Angela Cristina Tortul Cesarino (In Memoriam), principalmente para a minha mãe que me viu iniciar esta jornada, à minha irmã Amanda e ao meu namorado, Ricardo Meloni Martins Rosado.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.”

“A igualdade é uma lei divina, e se o homem a transgride, ele próprio se degrada”.

Angelina Grimké (1838)

“MACHISMO É PECADO”: FEMINISTAS EVANGÉLICAS NO BRASIL A PARTIR DE GRUPOS E PÁGINAS DO FACEBOOK E DO INSTAGRAM

RESUMO

Os evangélicos no Brasil representam uma comunidade heterogênea. O que comprova isso é o surgimento de grupos e páginas de evangélicos progressistas nas redes sociais, em especial páginas e grupos de Feministas Evangélicas que lutam por igualdade de gênero. Tendo em vista que são raros os trabalhos acadêmicos sobre Feminismo Evangélico nas redes sociais, e que, de acordo com as últimas pesquisas a população evangélica no Brasil é composta majoritariamente por mulheres, é que se faz necessária esta tese. O objetivo geral que buscamos alcançar é entender, a partir do mundo digital, isto é, por meio dos grupos e páginas das redes sociais Facebook e Instagram, o que é ser uma mulher feminista evangélica. Partindo disso, se desdobram os objetivos específicos, que se concentram em compreender como seria possível conciliar o feminismo com a fé evangélica, qual o discurso resultante da junção de ambos, e o processo de construção identitária dos grupos e/ou páginas do Facebook e do Instagram Feministas Cristãs, Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e o grupo Vozes das Redomas. Para que esses objetivos fossem alcançados, houve a elaboração da tese a partir de uma pesquisa metodologicamente qualitativa, baseada na antropologia digital, com a realização de uma etnografia digital e aplicação de questionário online através do Google Formulários, a fim de confirmar a hipótese de que as feministas evangélicas representam uma ressignificação de seu sistema de crenças, a partir do entrelaçamento entre feminismo e fé evangélica.

Palavras-chave: Feminismo Evangélico; Redes Sociais; Etnografia Digital.

"MACHISMO É PECADO": EVANGELICAL FEMINISTS IN BRAZIL FROM FACEBOOK AND INSTAGRAM GROUPS AND PAGES

ABSTRACT

Evangelicals in Brazil represent a heterogeneous community. What proves this is the emergence of groups and pages of progressive evangelicals on social networks, especially pages and groups of Evangelical Feminists fighting for gender equality. Given that academic work on Evangelical Feminism on social networks is rare and that, according to the latest research, the Evangelical population in Brazil is made up mostly of women, this thesis is necessary. The general objective is to understand what it means to be an evangelical feminist woman from the digital world, that is, through the groups and pages of the social networks Facebook and Instagram. From this, the specific objectives unfold, which focus on understanding how it would be possible to reconcile feminism with the evangelical faith, what discourse results from the combination of both, and the process of identity construction of the Facebook and Instagram groups and/or pages Christian Feminists, Evangelicals for Gender Equality (EIG), Network of Evangelical Black Women, Redomas Project and the group Voices of the Redomas. In order to achieve these objectives, the thesis was based on methodologically qualitative research, based on digital anthropology, with a digital ethnography and an online questionnaire using Google Forms, in order to confirm the hypothesis that evangelical feminists represent a re-signification of evangelical faith.

Keywords: Evangelical Feminism; Social Networks; Digital Ethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Instagram do Coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero	87
Figura 2 – Imagem de Simony dos Anjos com a frase “machismo é pecado”	89
Figura 3 - Qual a frase mais machista que você já ouviu na igreja?.....	90
Figura 4 – Faixa Etária.....	99
Figura 5 – Identidade Étnico-Racial	100
Figura 6 – Nível de Escolaridade.....	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O CAMPO EVANGÉLICO BRASILEIRO.....	19
1.1 Contexto Político no Brasil Atual e Engajamento Evangélico	21
1.2 Os evangélicos e a política.....	25
2. A MULHER NO CONTEXTO EVANGÉLICO	28
2.1 A Concepção De Mulher Para O Cristianismo	28
2.2 Mulheres evangélicas conservadoras no contexto político/evangélico brasileiro atual	32
2.3 A relação atual entre Feminismo e Evangélicas	37
2.4 Teologia Feminista: O Caminho para a Criação do Feminismo Evangélico	39
3. O QUE É O MUNDO DIGITAL?	45
3.1 Facebook e Instagram: Como se caracterizam duas das redes sociais mais populares no Brasil.....	50
3.2 Antropologia Digital	56
3.3 A Antropologia Digital e a Etnografia Digital: a adaptação da análise antropológica à realidade digital.....	61
3.4 Cibercultura e Ciberespaço	64
3.5 Contextualização e breve explicação sobre Feminismos, o Movimentos Feminista e a criação do Ciberfeminismo	66
3.6 A importância do Ciberfeminismo e sua relação com as redes sociais da internet	73
4. O LUGAR DO FEMINISMO EVANGÉLICO NO MUNDO DIGITAL E A ATUAÇÃO DAS FEMINISTAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS NAS REDES SOCIAIS.....	79
4.1 Grupo Feministas Cristãs do Facebook	81
4.2 Coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG).....	85
4.3 A Rede De Mulheres Negras Evangélicas	92
4.4 Projeto Redomas e grupo Vozes das Redomas.....	97
4.5 Questionário online aplicado nos grupos e páginas Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade De Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e Vozes das Redomas	98
5. CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU PARA PENSAR SOBRE O DISCURSO QUE RELACIONA GÊNERO E RELIGIÃO	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115

REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE AS FEMINISTAS EVANGÉLICAS NAS REDES SOCIAIS	132
ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS E PUBLICAÇÕES EM REDES SOCIAIS ASSINADO POR SIMONY CRISTINA TEIXEIRA DOS ANJOS, DA REDE DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS	137
ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE PUBLICAÇÕES E IMAGENS EM REDES SOCIAIS ASSINADO POR VALÉRIA CRISTINA VILHENA, DO COLETIVO EVANGÉLICAS PELA IGUALDADE DE GÊNERO.....	139

INTRODUÇÃO

Observa-se que os evangélicos no Brasil constituem uma parte considerável da população brasileira. Ainda não temos todos os dados do Censo mais recente, contudo, isso foi confirmado no último Censo, de 2010, sendo que os evangélicos somavam mais de 22,2% da população brasileira (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010)¹, e também mais recentemente numa pesquisa realizada pelo Datafolha em 2019². Nesta pesquisa foi possível verificar o aumento significativo dos evangélicos no Brasil, até mais do que no último Censo, passando a constar como 31% da população, e dentre eles, a maioria dos evangélicos são mulheres (58%) e mulheres pardas (43%).

Todavia, os números não necessariamente conseguem explicar de forma completa e tangível como se caracterizam as evangélicas e evangélicos no Brasil. Isso ocorre porque não podemos afirmar que exista uma homogeneidade entre eles, pelo contrário, é um fenômeno religioso heterogêneo que vem se segmentando e multiplicando cada vez mais em termos teológicos, denominacionais, morais e de costumes.

Independente das peculiaridades dos distintos grupos que formam o segmento, os evangélicos brasileiros são identificados, nos estudos de religião, por: (1) uma predominante leitura fundamentalista (literalista, a partir das ideias dos fundamentos da fé) do texto sagrado cristão, a Bíblia; (2) ênfase na piedade pessoal na busca da salvação da alma (influência do puritanismo e do pietismo dos pioneiros missionários que vieram do sul dos EUA, no século 19, ao Brasil); (3) frequentes posturas de rejeição das manifestações culturais não cristãs do País (fruto da mesma ação de missionários); (4) um isolamento das demandas sociais (resultante da espiritualização das questões da existência individual e social), entre elas a participação política. (CUNHA, 2019, p. 14)

Além disso, o próprio termo “evangélico” resulta desse tipo de identidade descrita por Cunha (2019, p. 14-15). Contudo, é um termo que pode ser insuficiente para o entendimento da complexidade da população a que se refere, por não se tratar de um segmento homogêneo, e também por ser distinto dos aspectos ideológicos, morais e sociais do recorte dessa pesquisa, referente às feministas evangélicas.

Outra questão é a escassez de pesquisas sobre feministas cristãs (católicas e evangélicas), mas, principalmente a respeito de feministas evangélicas. A maioria das pesquisas se concentra na ONG Católicas Pelo Direito De Decidir-, pioneira nos estudos voltados para a Teologia Feminista e também enquanto movimento feminista cristão católico.

¹ Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1> Acesso em: 07 out. 2012.

² Fonte: Site G1. 50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos, e 10% não tem religião, diz Datafolha. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>> Acesso: 31 jul. 2023.

Já no âmbito evangélico, mediante buscas na internet identificamos dois trabalhos acadêmicos sobre feministas evangélicas: o primeiro é um Trabalho de Conclusão de Curso de Kethelyn Anhaias de Brito, com o título “Mulher, tua fé te salvou”³: Quem são as evangélicas feministas?, de 2018, e a dissertação de Mestrado de Milena Geisa dos Santos Martins intitulada (Fé)minismo: Análises sociológicas sobre Feministas Evangélicas, de 2019⁴.

Percebe-se, assim, a importância de se estudar o fenômeno religioso das feministas evangélicas no Brasil a partir das Ciências Sociais, especificamente por meio da Antropologia, além dos dados já mencionados que afirmam que a maioria dos evangélicos são mulheres.

Apesar de constituírem uma parcela pequena no meio evangélico, uma parte das mulheres evangélicas tem se identificado cada vez mais com o feminismo. São mulheres que querem participar das decisões e ocupar cargos nas igrejas, lutam para serem incluídas em ministérios, se tornam membros de movimentos/coletivos como o das Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG) e o da Rede de Mulheres Negras Evangélicas. Elas utilizam as redes sociais como Facebook e Instagram para expressar seus ideais e compartilharem histórias de opressão e machismo nas igrejas, como denota a existência dos grupos Feministas Cristãs e Vozes das Redomas, além do site e da página Projeto Redomas.

Diante deste panorama, e para explicar o interesse pelo tema, é preciso explicar brevemente sobre a trajetória pessoal e acadêmica da pesquisadora responsável por esta tese. Sua trajetória pode ser compreendida através de sua própria vivência pessoal, pelo fato de ter convivido desde a infância com uma família evangélica, e, conseqüentemente, obteve contato com o universo evangélico, tendo passado por algumas igrejas evangélicas e reuniões de cunho religioso realizadas na casa de seus pais. Apesar de, em alguma medida, se identificar com esta crença, sempre sentiu uma espécie de incômodo com algumas práticas religiosas e dogmas. O controle exercido pelos líderes religiosos em relação aos fiéis era uma das principais questões que geravam essa inquietação.

Contudo, ela sempre teve interesse e curiosidade sobre religiões de modo geral, assim, isso motivou-a a pesquisar esta temática durante sua graduação, mestrado e posteriormente no doutorado. A diferença sobre a sua tese de doutorado é que ela introduz a questão de gênero e

³ BRITO, K. A. “Mulher, tua fé te salvou”: Quem são as evangélicas feministas? Setor de Artes, Comunicação e Design. Departamento de Comunicação Social. UFPR, 2018. (Trabalho de Conclusão de Curso). Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/58889/BRITO_Kethelyn_Anhaias_de_mulher_tua_fe_te_salvou.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso: 31 jul. 2023.

⁴ MARTINS, M. G. dos S. (Fé)minismo: Análises sociológicas sobre Feministas Evangélicas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFRJ, 2019. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/5280/2/2019%20-%20Milena%20Geisa%20dos%20Santos%20Martins.pdf>> Acesso: 31 jul. 2023.

feminismo relacionada à religião. E, especificamente sobre o tema deste doutorado, o contato com algumas reportagens de sites de notícias sobre feministas evangélicas nas redes sociais a instigou a procurar mais informações a respeito, resultando na realização desta pesquisa.

Em sua vivência no meio evangélico, era comum observar um discurso religioso pautado em moralismos, usos e costumes e principalmente a ênfase na construção do papel da mulher enquanto submissa ao homem. Inclusive, esses aspectos também a incomodavam, e quando a mesma se deparou com o fenômeno das feministas evangélicas nas redes sociais percebeu que havia uma busca por uma nova interpretação da fé, de forma que valorizasse a mulher de modo a considerá-la importante na narrativa bíblica, e não em posição de desigualdade em relação ao homem.

Todavia, a pesquisadora em questão enfrentou alguns percalços ao longo da produção de sua tese, como foi o caso do isolamento social devido à pandemia da Covid-19 e o falecimento de sua mãe. Além disso, um problema ocorreu em relação ao questionário online da pesquisa.

Primeiramente, o questionário seria divulgado apenas nas páginas e grupos do Facebook e Instagram pesquisados: Grupo Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede De Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e Vozes das Redomas. Contudo, pela escassez de respostas no início, ela optou por divulgar o questionário online em grupos de pesquisadores, bolsistas de agências de fomento, grupos feministas, entre outros. O problema é que isso ocasionou uma onda de críticas, algumas muito duras, sobre o tema de sua pesquisa e pessoas querendo desqualificá-la.

Diante disso, a pesquisadora até se manifestou nas redes sociais, nos grupos nos quais divulgou o seu questionário online, recebendo apoio e, ainda assim, inúmeras críticas. Uma das principais críticas era que “feminismo evangélico não existe” e não seria um tema adequado para uma pesquisa, por exemplo.

Essas críticas denotam um desconhecimento sobre o tema, o que se pode observar com sua pouca existência em termos de trabalhos acadêmicos. Exatamente por isso é que se faz necessário pesquisar acerca do Feminismo Evangélico nas redes sociais, para desconstruir pré-conceitos, conscientizar, informar e ajudar a educar quem não sabe nada sobre o assunto, indo além do âmbito acadêmico, e para acrescentar novos dados e análises às pesquisas já existentes.

Se voltando especificamente para a temática, diante de um embasamento teórico, as mulheres que se identificam como feministas evangélicas são marcadamente influenciadas pela modernidade, pelos movimentos sociais, principalmente o feminista, visando lutar por

seus direitos e pela igualdade, bem como por uma nova forma de constituir e interpretar a mulher evangélica no Brasil.

Para termos uma clareza acerca do contexto social em que vivemos, influenciados por manifestações culturais e sociais, que impactam também na reflexão, na ação social e política das feministas evangélicas, discorreremos um pouco sobre a identidade cultural na pós-modernidade.

Para isso, Stuart Hall (2006) procura explorar algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avaliar se haveria uma "crise de identidade", no que ela consiste e para que direção ela caminha. Na modernidade, segundo o autor:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 1)

Hall (2006) argumenta que para os teóricos que pensam que as identidades modernas estão entrando em colapso, existe uma mudança estrutural distinta que está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Ela é responsável por fragmentar as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, dentre outros, que anteriormente forneciam localizações sólidas como indivíduos sociais.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento — descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 2006, p.1)

Segundo Hall (2006), um dos desdobramentos da modernidade, seria a impossibilidade de concebermos uma identidade unificada e coerente, pelo contrário, com a multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural, os indivíduos se defrontam com uma infinidade de novas identidades possíveis, podendo inclusive se identificar com várias delas.

Outra questão importante relacionada à identidade é o "[...] caráter da mudança na modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança conhecido como "globalização" e seu impacto sobre a identidade cultural." (HALL, 2006, p. 3).

Desse modo, para Hall (2006), as sociedades modernas são sociedades em mudança rápida e permanente, sendo essa a principal diferença entre as sociedades "tradicionais" e as "modernas".

Como aponta Giddens (2000), a sociedade moderna, ou sociedade pós-tradicional, tenta romper ativamente com seu passado, caracterizando-se como uma sociedade de risco. O risco é o que mobiliza uma sociedade propensa à mudança, que deseja determinar seu próprio futuro ao invés de confiá-lo à religião, ou à tradição. As tradições então seriam resquícios do passado ainda presentes na modernidade, perpetuados pelas práticas sociais. Além disso, para Giddens (2000) as tradições são inventadas e reinventadas, dizem respeito ao tempo e ao espaço, elas buscam incorporar poder e se encontram ligadas à memória coletiva e à noção formular de verdade.

Assim, de modo a evitar as tradições, a modernidade, de acordo com Giddens (1990, p. 37-38), não se define apenas como uma mudança rápida e contínua, mas é uma forma reflexiva de vida, na qual: "as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter".

Essas mudanças, na perspectiva de Giddens (1990, p. 6), mencionado por Hall (2006, p. 3), ocorrem "à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra" — e a natureza das instituições modernas". Nessa questão, se torna importante destacar as transformações do tempo e do espaço, chamadas de "desalojamento do sistema social", que consiste na retirada das relações sociais de seus contextos locais e sua posterior reestruturação em escalas indefinidas de espaço-tempo.

Com a pós-modernidade, a questão da identidade se tornou politizada e caracterizou-se por uma emergência de novas identidades, como, por exemplo, aquelas relacionadas aos movimentos sociais, tais como o feminismo.

De acordo com Hall (2006, p. 9), referindo-se aos pensadores que sustentam o discurso de que as identidades modernas são fragmentadas, o que aconteceu sobre a concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi apenas a sua desagregação, mas seu deslocamento. Esse deslocamento é relatado por meio de rupturas nos discursos do conhecimento moderno.

Hall (2006, p. 11-12) comenta que um dos descentramentos apontados é o impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social. O feminismo é

considerado um dos novos movimentos sociais que surgiram durante os anos sessenta, no mesmo período das revoltas estudantis, das lutas pelos direitos civis e dos movimentos pela paz. O que é importante ressaltar sobre esses movimentos sociais é:

[...] Eles afirmavam tanto as dimensões "subjetivas" quanto as dimensões "objetivas" da política. [...] Como argumentado anteriormente, todos esses movimentos tinham uma ênfase e uma forma cultural fortes. Eles refletiam o enfraquecimento ou o fim da classe política e das organizações políticas de massa com ela associadas, bem como sua fragmentação em vários e separados movimentos sociais. Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres [...]. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade — uma identidade para cada movimento. (HALL, 2006, p. 11-12)

Hall (2006, p. 12) também aponta que o feminismo teve uma relação direta com o descentramento conceitual do sujeito iluminista e sociológico, pois procurou desconstruir a distinção entre público e privado, questionando aspectos da vida social, como, por exemplo, a família, sexualidade, divisão doméstica do trabalho, dentre outros, enfatizou a politização da subjetividade, da identidade e do processo de identificação (como homens/mulheres e mães/pais, por exemplo), foi um movimento que se iniciou com a contestação da posição social das mulheres e acabou se expandindo para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero.

Entende-se, assim, que o sujeito fragmentado já mencionado, se relaciona com as identidades culturais, representadas principalmente pela identidade nacional.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (veja *Penguin Dictionary of Sociology*: verbete "*discourse*"). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. (HALL, 2006, p. 13-14)

Como ocorre com a cultura nacional, compreende-se, portanto, que o movimento feminista, por exemplo, enquanto fruto da modernidade, e os evangélicos, resultado de uma reconfiguração religiosa moderna, mas permeada pelas tradições, constituem sistemas de representações culturais, isto é, possibilidades identitárias tanto separadas quanto juntas, como no coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), da comunidade digital Feministas Cristãs, da Rede de Mulheres Negras Evangélica, Projeto Redomas e Vozes das Redomas, articulados nas redes sociais Facebook e Instagram.

Retomando a discussão de Giddens (2000) sobre a sociedade pós-tradicional e a ruptura das tradições, entende-se que na modernidade tardia, a transformação de valores e comportamentos sociais referentes à mulher e ao homem não se baseia numa destruição de valores antigos e de tradições, mas sim em reformulações destes. Ou seja, nesse contexto, o movimento feminista segue a mesma linha de rompimento com o modelo estabelecido, repudiando a posição inferior a que a mulher se encontra sujeita, com o propósito de catapultá-la a uma posição de igualdade social e política em relação ao homem.

Logo, se existe esse rompimento com as tradições, isto é, com os pressupostos morais e religiosos impostos à mulher, como seria possível a constituição de grupos e movimentos sociais que aliam o feminismo com a fé evangélica? Nossa hipótese é a de que ocorreria uma reformulação de valores, e neste caso, tradições evangélicas que são incorporadas ao feminismo, e vice-versa, ou seja, uma ressignificação religiosa a partir de sua relação com o feminismo. A ideia é compreender como ocorre essa mediação entre feminismo e o ser evangélica, ou seja, como se constitui essa conciliação entre esses dois discursos tão distintos e como ocorre essa possível ressignificação, para analisar o discurso propagado pelas chamadas feministas evangélicas presentes nos grupos e/ou páginas do Facebook e do Instagram Feministas Cristãs, Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e o grupo Vozes das Redomas.

Partindo do pressuposto de que houve uma ampliação das formas de relação entre feminismo e protestantismo, confirmada pelo surgimento de grupos e páginas Feministas Evangélicas nas redes sociais, o objetivo geral que buscamos alcançar é entender, a partir do mundo digital, isto é, por meio dos grupos e páginas das redes sociais Facebook e Instagram, o que é ser uma mulher feminista evangélica. Partindo disso, se desdobram os objetivos específicos, que se concentram em compreender como seria possível conciliar o feminismo com o protestantismo, qual o discurso resultante da junção de ambos, e o processo de construção identitária dos grupos e/ou páginas do Facebook e do Instagram Feministas Cristãs, Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e o grupo Vozes das Redomas.

Assim, para que esses objetivos fossem alcançados, houve a elaboração da tese a partir de uma pesquisa metodologicamente qualitativa, baseada na antropologia digital, com a realização de uma etnografia digital e aplicação de questionário online através do Google Formulários. Durante a etnografia online, foi possível observar a interação e os discursos propagados pelas feministas evangélicas nos grupos e páginas pesquisados, isto é, para uma

melhor compreensão do que pensam, sentem e se identificam no ambiente digital. O questionário online veio como uma complementação necessária à pesquisa, de forma que pudéssemos nos aprofundar nos elementos e discursos das feministas evangélicas, para que se expressassem mais livremente. Em sua criação, procuramos questionar as feministas evangélicas sobre alguns de seus dados socioeconômicos, sua relação com as instituições religiosas, a visão das igrejas evangélicas sobre a mulher, o significado de Teologia Feminista e Feminismo Evangélico e suas interações nos grupos e páginas Feministas Cristãs, Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede De Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e Vozes das Redomas.

Para que seja possível entender como ocorre o entrelaçamento entre feminismo e a fé evangélica por meio da atuação e dos discursos das feministas evangélicas nas redes sociais, a princípio, é preciso retomar alguns aspectos teóricos da área de Ciências Sociais sobre religião, e neste caso, sobre o campo evangélico brasileiro, algo que discorreremos em seguida.

2. O CAMPO EVANGÉLICO BRASILEIRO

De acordo com Bourdieu (1996, p. 50):

O social é constituído por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria, não reproduzida e irreduzível à lógica que rege outros campos. O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constringe os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 50).

Neste sentido, podemos situar o movimento evangélico brasileiro como um *campo* (BOURDIEU, 1996, p. 50), como uma estrutura constituída por relações de forças, composto por atrizes e atores sociais que são diversos e heterogêneos.

Este campo evangélico brasileiro tem se transformado ao longo das últimas décadas. Outrora era descrito e caracterizado por Igrejas que imprimiam vestuário, aparência específica para seus fiéis, e uma série de usos e costumes que orientavam o que era ou não permitido ao fiel fazer, para não “pecar”, criando um estereótipo do que é ser um “crente” na sociedade brasileira.

Numa perspectiva de longo prazo, as Igrejas Evangélicas brasileiras remetem-se à história do protestantismo. O protestantismo, apesar de englobar diversas linhas teológicas e institucionais hoje em dia, se iniciou com as chamadas igrejas históricas, dentre as quais, podemos destacar a Igreja Luterana, a Igreja Presbiteriana e a Igreja Metodista, por exemplo. São Igrejas que costumam ser mais tradicionais tanto do ponto de vista da liturgia, quanto das

práticas religiosas e rituais. Entretanto, no Brasil, o protestantismo só começou a se disseminar no início do século XX, com a vinda de missionários dos Estados Unidos, que tinham por objetivo construir igrejas e converter o máximo possível de fiéis no Brasil.

O que havia de diferente nesse movimento do início do século XX era o chamado Pentecostalismo, uma vertente protestante que se popularizou nos Estados Unidos a partir de experiências religiosas que até então não eram muito comuns. Uma dessas experiências era a glossolalia (falar em línguas estranhas). No contexto cristão, o fenômeno da glossolalia se remete a um trecho do Novo Testamento, presente no Capítulo 2 dos Atos dos Apóstolos, da Bíblia Sagrada. Os eventos e fenômenos ali descritos são chamados de Pentecostes. Corresponde ao momento em que teria havido a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e discípulos ali presentes, dando a eles o dom de falarem em diferentes línguas (glossolalia)⁵.

As Igrejas Evangélicas surgidas no Brasil durante a primeira metade do século XX costumam ser chamadas de Pentecostalismo Clássico. A essas Igrejas sucederam-se outras, com algumas características diferentes. Uma das formas de classificar e apontar as diferenças entre as diversas Igrejas Evangélicas, de perfil pentecostal, que surgiram no Brasil desde o início do século passado, até hoje, é falar em termos de “ondas pentecostais” (FREESTON, 1993, MARIANO, 2010). Embora posicionar o surgimento de Igrejas Evangélicas Pentecostais no Brasil em termos de “ondas” não seja um consenso entre os estudiosos do tema, para fins de entendimento, nesta tese utilizaremos esse sistema classificatório.

O Pentecostalismo Clássico - de “primeira onda” - tem como característica principal a glossolalia, orações e cânticos muito voltados para emocionar seus fiéis. Também possui uma dimensão de vida que envolve o “viver fora do mundo”, isto é, viver conforme as Escrituras e o mais distante possível do modo de vida de pessoas que não tenham nenhuma crença, ou uma religião diferente da sua. Isto terminou por provocar, muitas vezes, a constituição de grupos ou círculos sociais que só englobam pessoas que frequentam a mesma Igreja. Instituições comumente associadas a esta vertente são a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil.

Como uma “segunda onda”, temos o chamado Deuteropentecostalismo, que além das características do Pentecostalismo, também incorpora outras, como o dom de cura e a

⁵ Fonte: Bíblia On, Bíblia Sagrada Online. Disponível em: https://www.bibliaon.com/atos_dos_apostolos_2/
Acesso em: 31 jul. 2023.

exploração dos meios de comunicação para fins proselitistas, como, por exemplo, é o caso da Igreja Deus é Amor, e da Igreja do Evangelho Quadrangular.

Além dessas, há uma “terceira onda” chamada Neopentecostalismo, que começou a se destacar na década de 70, como com a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Essa Igreja, liderada pelo bispo Edir Macedo, começou a atrair muitos fiéis, principalmente por investir em programas de rádio e de televisão. No caso da IURD, por exemplo, o culto envolve elementos ritualísticos de outras crenças, como o uso de sal grosso, folhas de arruda, entre outros. Esta instituição enfoca, com grande ímpeto, o aspecto financeiro, estimulando o fiel a “dar para receber”. Essa introdução do aspecto financeiro relaciona-se à chamada Teologia da Prosperidade. Essa é uma Teologia que incorpora o princípio de que aquele que é fiel, mediante a benção recebida, terá prosperidade em sua vida. Prosperidade não só em termos de saúde, vida familiar, mas também econômica. E não só prosperidade na sua vida, aqui, agora, mas também no alcançar a salvação eterna. As bases dessa prosperidade e salvação são a sua aliança com Deus. Aliança que passa pela sua contribuição efetiva - e inclusive financeira - com a Igreja.

Dentro do Neopentecostalismo - e da perspectiva da Teologia da Prosperidade - foram surgindo muitas outras Igrejas além da IURD. Muitas das Igrejas Neopentecostais surgidas desde então, são dissidências de outras instituições. Algumas, porém, mais determinadas em incorporar alguns aspectos vistos como mais “atuais” da sociedade brasileira, num esforço de atrair cada vez mais fiéis e de não parecerem “estáticas e ultrapassadas”. Ou seja, percebe-se em certas Igrejas Neopentecostais a preocupação em dar, para si, uma roupagem e apresentação mais “modernizadas”. Um exemplo é a Bola de Neve Church (CESARINO, 2015), que concentra seu objetivo na conversão de jovens, e para isso, se utiliza de uma linguagem atual e condizente com esse tipo de público, realizando eventos descontraídos como um luau, louvores em estilos de música como reggae e rock, incentivo à prática de esportes e uma identidade pautada em elementos do surfe.

Ainda que o entendimento do campo pentecostal brasileiro exija uma compreensão ampla, que incorpore tanto o Pentecostalismo quanto o Neopentecostalismo, o papel da “onda” neopentecostal dentro do universo evangélico brasileiro deve ser observado com muita atenção. Segundo Ricardo Mariano (2010), o Neopentecostalismo traz para o campo evangélico brasileiro uma postura de afirmação do mundo, e não de separação do mesmo, como se via em “ondas” anteriores do Pentecostalismo. Além disso, há outros aspectos a serem considerados, como uma ênfase na guerra espiritual do “bem contra o mal”, novas

lógicas de organização institucionais eclesiásticas (com, por exemplo, o uso de princípios e dinâmicas empresariais) e a Teologia da Prosperidade. E esses são aspectos que reposicionam tanto o evangelismo, quanto as Igrejas Evangélicas, dentro de espaços e posições mais amplas, de influência e disputas, na sociedade brasileira que ultrapassam, inclusive, o campo religioso. No que inclui como busca mostrar esta tese, a questão da mulher e do feminismo.

Apesar de muitas Igrejas Neopentecostais mostrarem-se como “descoladas” e “modernas” em sua apresentação, usualmente se encontram comprometidas com uma pauta moral e de usos e costumes que podem ser tomadas como “conservadoras”. São exemplos dessas pautas o combate a “ideologia de gênero” e a “virgindade até o casamento”. Pautas essas que também estão presentes nas Igrejas vinculadas às outras “ondas”. Essas pautas não deixam, portanto, de serem defendidas e tendem a serem incentivadas, constituindo uma parte muito importante de suas práticas religiosas.

Atualmente no Brasil existem diversas vertentes pentecostais coexistindo, sendo que dentro dessas três “ondas” - Pentecostalismo Clássico, Deuteropentecostalismo e Neopentecostalismo - encontramos a maioria dos evangélicos brasileiros. Contudo, essa hegemonia pentecostal não significa que o universo evangélico brasileiro é um grupo coeso e homogêneo. Dentro dele - e, mesmo, do próprio universo pentecostal - há diferenças, que apontam para distinções que não devem ser desconsideradas.

Essa tese trata de uma dessas especificidades, dentro do universo evangélico, sobre as “feministas evangélicas”, ou “evangélicas feministas”. E posicioná-las dentro do contexto evangélico atual - aqui compreendido como um campo de forças em disputas como aponta Bourdieu (1996) - ajuda a compreender os significados, papéis e lutas dessas mulheres. É isto que será feito a seguir: uma breve apresentação da relação dos evangélicos no contexto social brasileiro atual.

1.1 Contexto Político no Brasil Atual e Engajamento Evangélico

Tendo em vista o campo evangélico em questão, se faz necessário compreender brevemente o atual sistema político/religioso que está em funcionamento no Brasil. Este sistema político possui, em grande medida, identificação e propaga ideais conservadores. Dentro disto destaca-se uma importante parcela dos evangélicos. Grupos esses, de

evangélicos, que se engajaram de diferentes formas no governo do então Presidente da República Jair Messias Bolsonaro e seus esforços de consolidação de um projeto de poder conservador e religioso.

Jair Bolsonaro é um político conservador brasileiro que iniciou sua carreira política em 1989, como vereador da cidade do Rio de Janeiro, RJ, e que desde 1991, até se eleger Presidente (2018), fora considerado um deputado federal vinculado ao chamado “baixo clero” da Câmara dos Deputados. A partir de 2011 ele começou a ganhar maior projeção nacional, através de participações em programas televisivos populares, sensacionalistas ou de humor, sempre levantando polêmicas. Exemplos desses programas são o Superpop, da RedeTV e o Custe o que Custar (CQC), da Rede Bandeirantes de Televisão.

O então deputado destacava-se por fazer declarações consideradas controversas, muitas vezes com conteúdos que podem ser tomados como racistas, homofóbicos e misóginos. Visto como polêmico, este deputado acabou fortalecendo sua imagem na mídia, por meio de suas declarações, atraindo cada vez mais seguidores em suas redes sociais, por também passar uma imagem de “antissistema” e “contra a corrupção”.

Originalmente identificando-se como católico, Bolsonaro foi se aproximando de políticos evangélicos - como os da bancada evangélica da Câmara dos Deputados - e de figuras de proeminência desse meio religioso, como o Pastor Silas Malafaia. Isto contribuiu para a consolidação da sua imagem como um homem evangélico. Contudo, isto se deu sempre com certa ambiguidade, pois ora surgia como se fosse um evangélico, ora um católico. Possuía uma identificação comum com as vertentes mais conservadoras desses segmentos religiosos do cristianismo brasileiro. Foi hábil em associar-se a símbolos de ambas essas vertentes, fortalecendo e fortalecendo-se a partir da propagação de valores como o “Deus acima de tudo”, defesa da “família tradicional” e defesa de diferentes valores morais conservadores. O resultado é que atraiu para si cada vez mais admiradores, principalmente evangélicos.

Suas falas num primeiro momento pareciam causar indignação, constrangimento ou não eram levadas a sério, muitas vezes eram vistas como “piadas”. Contudo, passaram a provocar uma identificação e a concordância de um número cada vez maior de pessoas. Seus admiradores não só tendiam a concordar com ele, como passaram a relacionar essas suas falas às qualidades positivas de sua personalidade. Ou seja, relacionava-se ao que seria a sua “sinceridade” e “coragem de falar o que muitos diziam não ter coragem de falar”. Isto foi

cristalizando, cada vez mais, sua imagem como a de um “salvador da Pátria”, e seus seguidores passaram a chamá-lo de “Mito”.

No ano de 2018, Jair Bolsonaro investiu na divulgação de sua candidatura a Presidente da República. Esse investimento se deu, principalmente, através do uso de redes sociais (como Facebook, WhatsApp, YouTube). Esse investimento no uso das redes sociais foi extremamente bem-sucedido. Aos poucos foi conseguindo um alto engajamento digital. Um engajamento que, a certo ponto, poderia ser considerado “orgânico”. Também fez parte de sua estratégia digital uma alta propagação de fake news, através das redes sociais, principalmente via Whatsapp. Isto o ajudou a ampliar significativamente a sua candidatura e a obter um engajamento cada vez maior de grupos e pessoas ligadas à extrema-direita no Brasil, e consequentemente acabou sendo eleito.

O governo de Jair Messias Bolsonaro como Presidente da República, a partir de janeiro de 2019, passou a ser palco para diversas polêmicas e escândalos de corrupção. Polêmicas e escândalos envolvendo tanto o Presidente, quanto familiares e membros do Governo. Uma das primeiras polêmicas foi a escolha da Pastora Evangélica e Advogada Damares Alves para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Assim que Damares Alves foi anunciada como Ministra, diversos vídeos de seus cultos vieram a público. São vídeos onde Damares Alves faz as mais diversas acusações “à esquerda”. Ali se encontram, por exemplo, afirmações de que ela teria conhecimento de situações criminosas praticadas por membros desse espectro político, como pedofilia.

Esses vídeos têm os seus conteúdos centrados no que passou a ser chamado de “pauta de costumes”. Essa pauta envolve uma agenda conservadora relativa a valores morais e costumes que, teoricamente, devem ser defendidos por pessoas que se identificam como de “direita”. Por outro lado, por essas mesmas pessoas haveria o entendimento que aqueles identificados como “de esquerda” deveriam ser combatidos. As pessoas que se indentificam politicamente com a esquerda, segundo a visão de Damares Alves, estariam relacionados à homossexualidade, à pedofilia, além de afirmar que a “esquerda” quer “naturalizar” a homossexualidade, através da distribuição de “kits gay” nas escolas. Há também referência a outros temas, como um suposto risco do “comunismo” que a “esquerda” estaria tentando implantar no Brasil.

A referência à Ministra Damares Alves nesta tese não é aleatória. Ela, durante o Governo Bolsonaro, foi umas das melhores representantes - convertendo-se quase em um

símbolo - da aliança e vínculo entre Bolsonaro e seu Governo com os evangélicos e com os conservadores, o conservadorismo e a direita no Brasil entre os anos de 2019 e 2022. E em relação à Ministra Damares Alves, deve-se destacar a sua condição de mulher e pastora. Uma ministra mulher em um corpo ministerial de Governo Bolsonaro composto quase totalmente por homens brancos. Mulher, ministra e pastora evangélica profundamente comprometida e engajada na defesa de valores e costumes conservadores vistos como extremamente caros aos milhares de evangélicos e evangélicas que compuseram uma das principais bases de sustentação política de Jair Bolsonaro nos seus quatro anos de Presidência.

Como ilustra o caso da Ministra Damares Alves, citado acima, a relação entre Bolsonaro, seu Governo e os evangélicos (e Igrejas Evangélicas, principalmente pentecostais) foi muito forte. E, se de um lado Bolsonaro teve nesses evangélicos uma importante base de apoio e sustentação política, de outro lado, Bolsonaro proporcionou a esses evangélicos uma projeção e protagonismo político que eles jamais haviam experimentado na história da sociedade brasileira.

O processo eleitoral presidencial de 2022, que resultou na derrota de Bolsonaro para o candidato Luís Inácio Lula da Silva em segundo turno, é, neste sentido, exemplar: segundo os dados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral⁶, o candidato Lula teve 50,9% dos votos válidos (60.345.999 votos recebidos). Bolsonaro teve 49,1% (58.206.354 votos). Ou seja, a diferença foi de menos de um 1%. Há, portanto, quase que um empate. E é quase que consenso que para esses impressionantes 58.206.354 votos recebidos por Bolsonaro teve particular importância o engajamento evangélico na sua candidatura. O que aponta para o tema do tópico a seguir, que é a relação entre os evangélicos e a política.

Quanto à pertinência do tópico a seguir - os evangélicos e a política - ela decorre do fato de que a pesquisa empírica que sustenta esta tese - centrada em grupos de feministas evangélicas atuantes no mundo digital - desenvolveu-se em um momento e contexto social e histórico em que se deu um forte imbricamento entre evangélicos, ser evangélico, ser evangélica, ser mulher evangélica e a política e questões políticas (como também pode ser constatado nesse tópico que aqui está sendo finalizado).

Portanto, é preciso considerar que, em termos de contexto e cenário social dentro do qual as feministas evangélicas estavam atuando no decorrer da pesquisa, a política e as esferas

⁶ Fonte: Tribunal Superior Eleitoral. 100% das seções totalizadas: confira como ficou o quadro eleitoral após o 2º turno. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/100-das-secoes-totalizadas-confira-como-ficou-o-quadro-eleitoral-apos-o-2o-turno> Acesso em: 31 jul. 2023.

de valores políticos (WEBER, 1982) emergiram como parte importante da experiência de ser evangélica e ser evangélico. Inclusive tensionando, competindo, entrando em conflito, e mesmo influenciando outras esferas de valores (como os dos valores morais, religiosos) que intencionam regular as condutas de vida das pessoas. Algo que é particularmente relevante quando se trata de pessoas que agem em suas vidas levando em conta um sistema cultural religioso de regulação da vida (GEERTZ, 2008), como o evangelismo no Brasil, quando tratado como uma religião.

1.2 Os evangélicos e a política

Segundo o sociólogo Ricardo Mariano (2022, p. 222), nos anos 50 e 60 houve um protagonismo e ativismo de esquerda por parte dos evangélicos, contudo, esse ativismo acabou sendo reprimido por meio de perseguição empreendida por algumas denominações evangélicas antes da ditadura. Isso acabou dando espaço para a ampliação do conservadorismo no meio evangélico nas décadas posteriores.

Atualmente, Mariano (2022) ressalta que o campo evangélico se encontra dominado por conservadores e fundamentalistas, tanto do ponto de vista teológico quanto político.

Apesar disso,

[...] o campo evangélico tornou-se cada vez mais diversificado, heterogêneo e fraturado por lutas diversas, pelo impacto dos movimentos identitários, pela polarização política em relação ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao governo Bolsonaro e pela contestação da hegemonia conservadora por grupos protestantes autodesignados e reconhecidos como progressistas. ² Em desvantagem, esses disputam o que o cristão e o cristianismo devem ser e embasam seu ativismo na Bíblia. A fim de assegurar sua legitimidade religiosa para disputar legitimamente e ressignificar a identidade evangélica, visando dissociá-la da pecha de sectária, fanática e intolerante, os progressistas acionam práticas e símbolos tradicionais da religiosidade evangélica. Assim o fazem até para superar desconfiâncias de coletivos e movimentos sociais seculares com os quais somam forças. (MARIANO, 2022, p. 222-223)

Em uma nota de rodapé, Mariano (2022, p. 222) cita alguns desses grupos de evangélicos progressistas, nos quais os grupos e páginas analisados por nós nas redes sociais como Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas e Projeto Redomas e Vozes das Redomas, também fazem parte.

Desse modo, os evangélicos progressistas têm se organizado principalmente nas redes sociais. Todavia, não constituem maioria, não possuem o mesmo número de seguidores e alcance, não somam um número expressivo na política, e nem têm instituições religiosas grandiosas, como os evangélicos de direita.

Os evangélicos progressistas

Congregam ecumênicos, promotores da Teologia da Missão Integral (que prega a responsabilidade social da igreja e dos cristãos), das teologias negra (antirracista) e feminista, organizam-se e militam, sobretudo, em coletivos e nas redes sociais. Pregam justiça social, defendem laicidade do Estado, direitos humanos, preservação ambiental, povos indígenas e quilombolas, aliam-se a coletivos, movimentos sociais e partidos de esquerda. Combatem intolerância religiosa, discriminação de gênero, homofobia, militarismo, violência policial. (MARIANO, 2022, p. 223)

Anos antes de Jair Bolsonaro ter sido eleito Presidente da República do Brasil, por volta de 2015, muitos desses movimentos progressistas no meio evangélico foram surgindo, principalmente nas redes sociais, isto é, simultaneamente ao crescimento exponencial de uma extrema-direita evangélica. Contudo, justamente pela predominância dessa extrema-direita evangélica, muitas evangélicas/os progressistas passaram a ser perseguidos, ameaçados, expulsos de denominações religiosas e até mesmo demitidos, por não compactuar com os evangélicos de extrema-direita, e por se recusarem a votar em Jair Bolsonaro. Isso ficou ainda mais visível nas eleições de 2022, em que Bolsonaro estava se candidatando à reeleição.

Entende-se assim, que isso ocorreu porque com a ascensão de Jair Bolsonaro, houve um movimento que foi se alastrando pelas igrejas evangélicas, principalmente pentecostais e neopentecostais, ou seja, ele se tornou também o candidato de muitos líderes evangélicos, que chegaram a incentivar os fiéis a votarem nele, porque, segundo eles, ele representaria os “valores cristãos”, configurando assim o espaço religioso como um instrumento de campanha política para o candidato em questão, o que é chamado de “voto de cajado”. Obviamente, isso acabou fazendo com que muitos fiéis abraçassem uma extrema-direita de forte caráter fundamentalista religioso.

Segundo Mariano (2022, p. 225), simultaneamente à crescente diversidade sociocultural, um processo de secularização e progressão política dos movimentos feminista e LGBTQIA+, as tensões com os evangélicos conservadores cresceram tanto que culminaram numa guerra cultural, de modo a radicalizar o ativismo político antipluralista, patriarcalista, antifeminista, antigênero, a favor da família e homofóbico, dos evangélicos de extrema-direita no Congresso Nacional. É o que observamos tanto nas eleições de 2018, quanto nas eleições de 2022.

Para se ter uma ideia da atuação da bancada evangélica no Congresso Nacional, ela sempre se dedicou a se opor à esquerda e aos movimentos identitários e sociais. Mariano (2022, p. 227) destaca que eles se engajaram contra diversas pautas, como, por exemplo:

[...] sobre aborto, sexualidade, arranjos familiares, direitos humanos, direitos sexuais e reprodutivos, direitos LGBTs, políticas educacionais e de saúde, questões raciais. [...] Em 2011, atacaram o Projeto Escola sem Homofobia, denunciando o governo

petista de tentar erotizar e sexualizar precocemente crianças e desorientar sua sexualidade por meio de “ideologias de gênero”. Em 2013, ocuparam a Comissão de Direitos Humanos e Minorias para defender, nos termos do pastor Marco Feliciano (PSC-SP), que a presidia, “os verdadeiros Direitos Humanos”, os quais conjugava com a “cura gay”. Em 2014, vetaram a inclusão da igualdade de gênero e de orientação sexual no Plano Nacional de Educação. Entre 2015 e 2016, com Eduardo Cunha (PMDB-RJ), da Assembleia de Deus, na presidência da Câmara Federal, propuseram projetos como: 1) Escola sem Partido, que se baseia na acusação que iguala escolas a antros de doutrinação ideológica marxista e de gênero e visa instituir na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) a precedência dos “valores de ordem familiar” sobre o ensino escolar “relativo à educação moral, sexual e religiosa”; 2) Estatuto do Nascituro, que prega a “vida desde a concepção” e veta o aborto em qualquer circunstância; 3) Estatuto da Família, que restringe a família à união entre homem e mulher e proíbe a adoção de crianças por casais de mesmo sexo.

Desse modo, o autor afirma que os evangélicos conservadores concebem isso como uma missão de cunho religioso, de “lutar contra o mal” numa guerra religiosa, sendo o mal representado pela própria cultura brasileira, que segundo eles, teria o objetivo de destruir os valores cristãos. Mariano (2022, p. 228), diz que de acordo com eles, os parlamentares e partidos de esquerda, movimentos feministas, LGBTs, imprensa, mídia, artistas, professores e instituições de ensino, por exemplo, fariam parte de uma grande conspiração através do que eles chamam de “marxismo cultural” e “ideologia de gênero” para perseguir os cristãos, discriminá-los, destruir a família, entre outros.

Para Ronaldo Almeida (2019, p. 207), toda a conjuntura que levou a uma identificação por parte dos eleitores, principalmente evangélicos, com o candidato Jair Bolsonaro, eleito em 2018, na realidade teria se iniciado nos protestos de 2013, constituindo o que ele chama de “onda conservadora”, fazendo a mesma se popularizar cada vez mais. E sobre esse conservadorismo dos costumes, Almeida (2019, p. 208) também ressalta que: “A religião que parecia ter se restringido à esfera privada e individual pelo processo de secularização reconfigurou-se e atua sobre aquilo que se define como público, mais especificamente as normas em forma de lei ou de costumes”. O proselitismo procura atingir a sociedade brasileira como um todo.

Dessa forma, entende-se que para os envolvidos nisso, haveria uma necessidade de implantação de um domínio político/religioso evangélico. Entretanto, todo esse movimento estimulou o surgimento de uma contrapartida evangélica progressista, na qual se encontram os grupos e páginas pesquisados nesta tese: Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero, Rede de Mulheres Negras Evangélicas e Projeto Redomas e Vozes das Redomas.

2. A MULHER NO CONTEXTO EVANGÉLICO

2.1 A Concepção De Mulher Para O Cristianismo

No contexto histórico relacionado à ascensão de Roma enquanto império foi um marco para o cristianismo quando ele passou a ser a religião oficial do Império Romano, a partir da conversão do Imperador Constantino. Até então, o Império Romano possuía uma religião politeísta, ou seja, baseada no culto a vários deuses. Com a implantação do Cristianismo, a Igreja passou a exercer um grande poder na vida social e individual, ditando usos e costumes.

Isso também ocorreu com a concepção da figura feminina no cristianismo. No livro de Gênesis, presente na Bíblia Sagrada, há uma narrativa sobre o surgimento dos primeiros seres humanos, chamados de Adão e Eva. Deus teria alertado que eles só não poderiam se alimentar dos frutos de uma árvore presente no Jardim do Éden, denominada “árvore do conhecimento”. Apesar deste alerta, Eva teria sido convencida por uma serpente a provar este “fruto proibido”. Ela ofereceu-o a Adão, que também o teria comido. O resultado disto foi a ira de Deus contra eles, expulsando-os de lá, dizendo que eles agora tinham o “conhecimento do bem e do mal”, teriam que trabalhar para obter o seu próprio sustento, e Eva, assim como todas as mulheres que viriam teriam muitas dores ao dar à luz.

Esta narrativa mostra que Adão e Eva foram punidos, porém, o cristianismo, através de alguns líderes religiosos, passou a interpretar esta história como se Eva na realidade fosse um ser maligno que teria corrompido Adão. Ou seja, na Idade Média, por exemplo, as mulheres eram frequentemente associadas com o mal, principalmente se não se adequassem ao padrão imposto a elas, de se casar, ter filhos e se limitar a cuidar deles e da casa. E se elas fossem curandeiras, eram geralmente taxadas como bruxas e punidas com a morte.

De modo geral, segundo Lucimara Diniz Teles (2020, p. 20),

[...] pode-se afirmar que o retrato da mulher emergente na bíblia é, para dizer o mínimo, bastante questionável e contraditório. Existem (poucos) textos que dão algum espaço e valor para a emancipação das mulheres, enquanto muitos outros promovem a sua subalternidade à figura masculina. Importante enfatizar que esses textos foram escritos por homens e replicados igualmente por homens que, obviamente, tinham interesse que suas mulheres fossem dóceis e submissas às suas vontades. Portanto, a circunstância de que homens tenham exaltado, ao longo dos séculos, os ensinamentos que mais lhes convinham, enquanto suprimiam outros que pudessem conferir mais espaço às mulheres – adulterando de forma continuada e intencional a bíblia – é vertente defendida por grande parte dos pesquisadores dos escritos do Livro Sagrado Cristão.

Assim, entende-se que a mulher era retratada de forma controversa na Bíblia Sagrada, principalmente por ter sido escrita por homens e tendo em vista o seu contexto histórico que era fortemente patriarcal.

Neste sentido, também observado na Bíblia Sagrada, o cristianismo incorporou um exemplo de mulher que deveria ser almejado pelas mulheres cristãs, o exemplo de Maria, mãe de Jesus. O cristianismo se desenvolveu até a chamada Igreja Católica Apostólica Romana, que permitiu inclusive, que Maria, mãe de Jesus, fosse alçada à condição de santa. Desse modo, para que as mulheres pudessem se aproximar deste exemplo, teriam que seguir os dogmas e pressupostos morais impostos pela Igreja Católica. Esta Igreja acreditava na santidade de Maria a partir do relato presente na Bíblia Sagrada, de que a mesma teria sido escolhida por Deus para dar à luz seu filho, sendo que era uma mulher virgem.

Dessa forma, percebe-se que só havia dois caminhos para as mulheres sob a perspectiva cristã: serem “profanas” ou serem “santas”, e isto também estava muito ligado à figura do corpo feminino. Isso significa que “[...] repercutem sobre o corpo as contribuições das representações sociais construídas a partir das crenças e ideias religiosas.” (GOMES, 2006, p. 2).

Desse modo, segundo a perspectiva cristã, a mulher que tivesse uma sexualidade livre e/ou até mesmo tivesse prazer durante as relações sexuais era associada ao mal, ao “profano”. Por outro lado, a mulher que preservava a virgindade até o casamento e que depois dele, só tinha relações sexuais com o marido a fins de reprodução, se aproximava do ideal cristão de “santidade”.

A concepção do corpo feminino na idade média era mediada pelo cristianismo, e de acordo com Navarro (2007), nos mosteiros e conventos é que se consolida o pensamento de que o corpo deveria ser odiado e negado, dessa forma, o cristianismo encarava o corpo, principalmente o feminino, como uma espécie de reduto do pecado, do mal, e considerava que o ideal seria reprimir a sexualidade, ou seja, o corpo feminino deveria ser redimido, purificado; enquanto toda ação contrária, isto é, se uma mulher resolvesse exercer a sexualidade de forma livre, por exemplo, ela estaria subvertendo seu papel (aquele definido pelo cristianismo), rompendo com a ordem e tornando seu corpo “profano”, ao invés de “sagrado”.

Segundo Navarro (2007, p. 3), “[...] é durante a Idade Média é que os papéis masculino e feminino passam a ser construídos (LE GOFF, 1989, p. 25) e determinados pela

religião, é ela quem informa e cobra o que é esperado de cada um”. Ou seja, a religião passava a determinar o papel social dos homens e das mulheres, na medida em que oferecia concepções de masculino e feminino para que ambos os sexos se encaixassem.

Toda a construção social que envolve a criação e o desenvolvimento do cristianismo no Ocidente, também foi responsável pela consolidação da imagem da mulher cristã e de seu papel na sociedade, entendendo-a como submissa ao marido, responsável por cuidar da casa e dos filhos, dentre outras questões. No universo evangélico brasileiro, sempre foi muito difundido esse tipo de pensamento sobre a mulher evangélica também, principalmente em instituições religiosas pentecostais, e mais atualmente, em instituições neopentecostais também.

Comumente é atribuído a este tipo de pensamento o nome de conservadorismo. O conservadorismo possui muito em comum com o cristianismo, e conseqüentemente, também se encontra muito presente no campo evangélico brasileiro, seja expresso por líderes evangélicos e/ou por lideranças femininas evangélicas.

No campo Pentecostal, de acordo com Lucimara Diniz Teles (2020, p. 42), salvo exceções, as Igrejas, em sua maioria, admitem a submissão da mulher ao homem como um dever a ser seguido, interpretando de forma literal uma passagem da Bíblia Sagrada que fala a esse respeito. Esta questão pode então levar a vários desdobramentos que implicam em distintos níveis de submissão por parte da mulher, de acordo com o tipo de Igreja Pentecostal ela frequenta.

Alguns segmentos entendem que a submissão bíblica deve ser direcionada tão-somente ao cônjuge da mulher, já outros têm a compreensão de que a obediência deve ser praticada em relação a toda e qualquer figura masculina que se apresente: pai, cônjuge, pastor, empregador, dentre outros. (TELES, 2020, p. 42)

Os campos do Deuteropentecostalismo e do Neopentecostalismo herdaram a noção de submissão feminina à figura masculina, apesar de algumas instituições deuteropentecostais e neopentecostais serem mais “liberais” quanto a alguns “usos e costumes”. O que se pretende expressar é que no âmbito pentecostal havia um posicionamento de “rejeição do mundo”, que poderia implicar em modos de se vestir e também em alguns hábitos dos fiéis. No caso das mulheres, algumas instituições exigiam que elas só usassem saias longas, não utilizassem maquiagem, não poderiam tingir o cabelo e pintar as unhas, por exemplo. Todavia, em algumas Igrejas Deuteropentecostais e Neopentecostais, mesmo com a liberalização dos “usos e costumes”, isto é, serem menos controladores e exigentes quanto à vestimenta feminina, maquiagem, dentre outras questões, a mulher ainda é valorizada como uma figura subalterna,

tendo em vista o exemplo da esposa do pastor, que geralmente exerce o papel de “auxiliadora”.

Este é apenas um esboço para que se possa situar e caracterizar as mulheres evangélicas conservadoras do Brasil. Longe de querer generalizar, o objetivo nesta parte foi enumerar e/ou caracterizar brevemente este fenômeno social.

E para que se possa compreender melhor como são essas mulheres evangélicas conservadoras no Brasil, no próximo capítulo serão abordadas especificamente algumas mulheres evangélicas presentes recentemente na política do país, e ligadas ao governo de Jair Bolsonaro, as quais constituem como sua pauta política e de desenvolvimento de políticas públicas, suas concepções morais e de “usos e costumes”.

Partindo desses exemplos, busca-se entender esse contraponto do tema desta tese, que são as Feministas Evangélicas nas Redes Sociais, já que houve recentemente o recrudescimento do conservadorismo evangélico brasileiro, principal motivador da criação de grupos e/ou páginas de mulheres evangélicas progressistas, inclusive feministas, nas Redes Sociais, tais como Feministas Cristãs, Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e o grupo Vozes das Redomas.

2.2 Mulheres evangélicas conservadoras no contexto político/evangélico brasileiro atual

É fato que o discurso conservador evangélico, por meio da extrema-direita, encontrou possibilidades de atuação na política brasileira, como observado anteriormente, e, na verdade, ele sempre existiu, contudo, é notável o quanto ele tem sido propagado e estimulado nos últimos anos, podendo inclusive ser chamado de neoconservadorismo.

Segundo Mattos (2017), o conservadorismo é um pensamento político que defende a manutenção das instituições tradicionais, tais como a família, a comunidade e a religião, além dos costumes e tradições. O conservadorismo enfatiza a estabilidade das instituições, sendo contrário a qualquer tipo de movimentos revolucionários e de políticas progressistas. As características fundamentais do pensamento conservador ocidental são: a liberdade e a ordem, principalmente a liberdade política e econômica, e a ordem social e moral.

Compreende-se assim, que:

O conservador acredita que há uma ordem moral duradoura e transcendente, que no caso do conservadorismo ocidental é baseada na doutrina cristã e tem na religião a sua base. O conservadorismo valoriza a diversidade típica do individualismo e rejeita a igualdade como um objetivo da política. (MATTOS, 2017)

O neoconservadorismo, segundo Barroco (2015, p. 624), se inicia nos Estados Unidos nos anos 60, período crítico para o capitalismo, como uma reação contrária à contracultura e aos movimentos que defendiam os direitos das minorias. Isso fez com que no contexto da implementação de políticas neoliberais, o neoconservadorismo se consolidasse e se tornasse um programa político baseado em pautas como a defesa do neoliberalismo, do militarismo e dos valores tradicionais familiares e religiosos.

A autora argumenta que o avanço desse movimento ocorre sob o contexto de crise estrutural do capitalismo e do Welfare State nos países europeus, de modo que a ofensiva neoliberal precisasse de uma justificativa política e ideológica, legitimada pelo apelo aos valores tradicionais como à ordem, à família tradicional e combate às desagregações sociais pela militarização da vida social, em suas palavras. (SOARES, p. 2, 2019)

Compreendendo assim o que significa conservadorismo e neoconservadorismo, percebe-se que isso se fortaleceu recentemente no Brasil. Através dessa relação que se estabeleceu entre religião e política, desde pouco antes de Jair Bolsonaro ter sido eleito presidente, e também via mulheres evangélicas, sejam através de seus cargos públicos: deputadas, vereadoras, senadoras e ministras, sejam através das mídias sociais ou lideranças religiosas.

Muitas mulheres começaram a se destacar como formadoras de opinião, inclusive, a partir da eleição de Bolsonaro. Como o espaço da igreja muitas vezes passou a ser um espaço político houve o entrelaçamento do discurso político com o religioso, fazendo com que ambos se tornassem indissociáveis, e tudo aquilo em termos de pautas morais e de costumes que se limitavam ao âmbito da instituição passou a ser propagado inclusive enquanto política pública.

Essas mulheres utilizam as redes sociais para expressar seus ideais e propagar notícias, em sua maioria fake news, isto é, utilizam as redes para ativismo político, principalmente o Whatsapp e o Facebook. Elas podem ser identificadas como neoconservadoras, pois defendem "a família, a moral e os bons costumes". Essas mulheres são contrárias a movimentos sociais, principalmente contra o movimento feminista, cujo objetivo é lutar por seus direitos e pela igualdade.

E quais são as pautas defendidas por essas mulheres que representam o neoconservadorismo evangélico no Brasil? A de que a mulher deve ser submissa ao marido, ou seja, sempre obedecê-lo, não pode se negar a ter relações sexuais se não quiser, inclusive,

pois se o marido quer, ela é obrigada a satisfazê-lo; a mulher deve se limitar a ser dona-de-casa e cuidar dos filhos, porque só o marido deve trabalhar; a mulher deve ser muito feminina e vaidosa, mas não pode usar decote ou roupas consideradas “indecentes” para não provocar os homens, e são contrárias ao feminismo. Esses são alguns exemplos, todavia, também temos outros que foram promovidos pela ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, do governo Bolsonaro.

De acordo com uma reportagem do portal Terra, de Renata Cafardo e Marianna Holanda (2018), Damares Alves formou-se professora, advogada e também é pastora evangélica. Já há alguns anos também trabalhou como auxiliar parlamentar e chefe de gabinete de políticos da bancada evangélica.

Desde sua nomeação para o ministério da mulher, Damares tem sido notícia por conta de uma série de polêmicas em seus discursos, seja no âmbito da política, ou nas igrejas. Numa entrevista para o canal do Youtube DW Brasil, ela responde algumas perguntas sobre suas polêmicas declarações e defende que igrejas podem ajudar a "transformar o Brasil". Segundo ela, a "ideologia de gênero" teria manipulado o movimento gay. Ela defende ainda que a abstinência sexual seja incluída como método de combate à gravidez precoce, embora não se coloque como contrária aos métodos contraceptivos tradicionais.

Em demais vídeos do Youtube, principalmente de suas pregações em igrejas, Damares Alves se diz contrária à discussão de temas relacionados a gênero nas escolas, e afirma que a educação sexual precisa ser autorizada pelos pais. Concomitantemente, diz que "[...] os cristãos sempre acolheram os *gays*". (CAFARDO; HOLANDA, 2018).

Damares faz apresentações didáticas, com uso de slides. Um deles mostra um material feito pelo Ministério da Saúde sobre prevenção do HIV, com cenas de sexo. A evangélica afirma que ele foi mandado para escolas, "para crianças de 10 anos". "Vocês não estão prestando atenção ao que está acontecendo com seus filhos nas escolas brasileiras", dizia aos fiéis, anos antes de livros contra a homofobia, apelidados de "*kit gay*", se tornarem tema das eleições. Procurado, o Ministério da Saúde informou que o material é para adultos e "nunca foi distribuído às escolas". (CAFARDO; HOLANDA, 2018)

Além das questões de gênero e sexualidade nas escolas, outra polêmica ocorreu em relação ao seu posicionamento antiaborto que impactou mais firmemente a opinião pública a partir do caso de uma menina de 10 anos grávida, que havia sido vítima de um estupro.

No "Conversa com Bial" na madrugada desta sexta (18), na Rede Globo, Damares disse: "Eu acredito que o que estava no ventre daquela menina era uma criança com quase seis meses de idade e que poderia ter sobrevivido. Discordo do procedimento do Dr. Olímpio, mas discordo de tudo o que aconteceu em torno dessa criança". (UNIVERSA UOL, 2020)

A menina em questão havia sido abusada pelo próprio tio, dos 6 aos 10 anos, e enfrentou uma série de empecilhos para conseguir a interrupção legal da gravidez, que só é admitida no país em três situações: estupro, risco de vida para a mãe e anencefalia do feto. Este caso se enquadra nas duas primeiras situações, e após o procedimento ter sido negado no Espírito Santo, ele foi realizado em Recife.

Além de Damares Alves, outra mulher da extrema-direita evangélica que pode ser citada é a deputada estadual de Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo (2019). Nascida em Itajaí, em Santa Catarina e possui graduação em História.

Ana Campagnolo (2019) assume como uma luta pessoal o combate ao feminismo, como se observa neste vídeo do Youtube chamado "Não devo nada ao feminismo Dep. Ana Campagnolo", com mais de 334 mil visualizações e publicado em seu canal, que possui 524 mil inscritos. Neste vídeo, a deputada inicia sua fala na Câmara dos Deputados com a finalidade de desmentir algumas questões relacionadas aos movimentos de mulheres. A primeira questão abordada é baseada em uma série de xingamentos que ela recebeu nas redes sociais por se posicionar contra o feminismo. Ela alega que o feminismo atribui a si a conquista dos direitos civis das mulheres, quando, na verdade, segundo sua interpretação de eventos históricos, a primeira conferência sobre direitos civis das mulheres ocorreu numa igreja metodista e foi presidida por um homem, e também, em alguns momentos citados por ela, as próprias mulheres teriam se recusado a obter o direito de votar. A deputada, inclusive, se define como "[...] antifeminista, conservadora, cristã e de direita". (CARTACAPITAL, 2018). E sobre a sua atuação contra o feminismo, ela diz o seguinte:

"Eu me voltei contra o movimento feminista quando eu descobri que essas bandeiras de reconhecimento de direitos são falsas. São uma maquiagem de algo muito mais obscuro que recebe o nome de revolução sexual, que é a transformação dos comportamentos, da relação e da diferenciação entre homem e mulher." (LEONE, 2019)

Desse modo, Ana Campagnolo (2019) aponta como objetivo do movimento feminista a revolução sexual, o que atentaria contra a "moral e os bons costumes". Nota-se essa sua concepção sobre feminismo, de maneira mais aprofundada, em seu livro "Feminismo: Perversão e Subversão", de 2019.

O ódio contra o cristianismo fica evidente em cada onda do movimento feminista e nas obras célebres de cada escritora fundante do pensamento revolucionário. O quinto e último capítulo demonstra que o feminismo detesta e combate a cultura ocidental, a moral judaico-cristã e os nossos pilares filosóficos. No lugar do cristianismo, as feministas propõem um estilo de vida irresponsável e nocivamente promíscuo sob a falsa propaganda de liberdade. (CAMPAGNOLO, 2019, p. 31)

Dessa forma, tendo tanto Damares Alves quanto Ana Caroline Campagnolo (2019) como exemplos dessa ascensão das mulheres de extrema-direita evangélica, entende-se que em seus discursos nada convencionais, Damares procura sempre atrelar a moral e os bons costumes às suas atividades no cargo político que ocupa. Alguns exemplos citados anteriormente demonstram que ela se posiciona contra a chamada "ideologia de gênero", que segundo os neoconservadores cristãos, significaria impor ao menino ou à menina, que eles se tornassem homossexuais, apenas ao aprenderem mais sobre a diversidade de gênero.

Ao dizer "Menina veste rosa e menino veste azul", por exemplo, a ministra demonstra um claro bloqueio a assuntos relacionados à questão de gênero. Um desconhecimento tanto da parte dela, quanto de quem concorda com esse tipo de pensamento, já que nunca existiu um "kit gay" nas escolas, contudo, chegou a ser estudada a implantação de um material didático que falasse sobre os LGBTQIA+, com o intuito de desconstruir o preconceito nas escolas. Ela até chega a dizer que os LGBTQIA+ sempre foram bem acolhidos pelos evangélicos, contudo, se recusar a discutir sobre diversidade sexual e depois dizer que os evangélicos acolhem os homossexuais, é algo contraditório.

Sobre a questão do combate à gravidez precoce, como ela havia declarado que a abstinência deveria ser incentivada e ensinada como método contraceptivo, num vídeo de uma entrevista que concedeu ao Canal DW, Damares prontamente disse que o que ela estava propondo não era bem aquilo, e afirmou que não era contrária ao ensino dos métodos contraceptivos tradicionais, mas gostaria que a abstinência sexual fosse colocada como mais uma opção de método contraceptivo.

O fato de ser antiaborto e expressar o que pensava a respeito da gravidez de uma criança de 10 anos, que havia sido estuprada por um tio, causou muita controvérsia. A ministra declarou que a criança deveria nascer, mesmo a lei garantindo o direito ao aborto neste caso, já que a menina foi vítima de estupro, e o parto oferecia risco de vida para ela. Sua preocupação se concentrava apenas na criança que não havia nascido, e não na vítima de violência que passou por um grande trauma.

Por fim, acerca da deputada estadual Ana Campagnolo (2019), sua oposição ferrenha ao feminismo tem relação direta com sua própria vida pessoal. Em seu livro, já citado anteriormente, ela relata ter sofrido preconceito por ser cristã e estar em um namoro "casto". Ao se deparar com o feminismo, e segundo ela, se aprofundar no tema, inferiu que a luta por

direitos civis, igualdade de gênero e demais demandas de movimentos feministas eram só uma fachada para a revolução sexual, que, em sua visão, é sinônimo de promiscuidade.

Dessa maneira, depreende-se que sua interpretação é influenciada por suas convicções morais de cunho religioso, enquanto procura fazer uma análise que atenda a seus anseios pessoais, isto é, que parte de seu próprio senso comum.

Com essa breve análise, conclui-se que os discursos das mulheres evangélicas neoconservadoras, representados pelas duas mulheres citadas, possuem muitos pontos de convergência, principalmente em termos de ideologia e defesa das mesmas causas. No caso da ministra, sua fala assume uma dimensão simbólica, na medida em que consegue interpretar e adaptar seu discurso, que outrora era presente na igreja, para a sua atuação política, sem deixar de defender suas convicções morais, mas sempre tentando convencer quem a escuta de que seus argumentos de base religiosa também teriam sentido na política.

Em relação à deputada estadual, verifica-se que sua luta contra o feminismo simboliza a sua frustração em não ser socialmente aceita, e de precisar atacar aquilo que não concorda. Suas críticas não possuem embasamento científico, pois partem do senso comum e de uma interpretação equivocada de fatos históricos.

Assim, compreende-se que as mulheres neoconservadoras evangélicas buscam resgatar as tradições e a moral cristã, pretendendo assim também reconstruir a identidade da mulher cristã como submissa ao marido, que é feminina, casta até o casamento, e exemplo de virtude e de moral.

Essas mulheres, em sua maioria, se identificam com a extrema-direita e utilizam as redes sociais para expressar seus ideais e propagar notícias falsas, isto é, utilizam as redes para ativismo político, principalmente o Whatsapp e o Facebook. Elas podem ser identificadas como evangélicas neoconservadoras, pois defendem "a família, a moral e os bons costumes". Essas mulheres são contrárias a movimentos sociais, principalmente contra o movimento feminista, que tem como objetivo lutar por seus direitos e pela igualdade.

O que ocorreu com essas mulheres, é que absorveram uma interpretação considerada machista da Bíblia Sagrada, como sendo a "verdadeira palavra de Deus". Não é algo tão surpreendente, já que a maioria dos líderes evangélicos são homens, então, uma leitura patriarcal das escrituras é muito conveniente para os homens evangélicos.

Essas pautas morais e de costumes já mencionadas, denotam um neoconservadorismo enraizado há muito tempo no meio evangélico, principalmente pentecostal e neopentecostal, que se sustenta na própria ignorância, ou ainda, no ódio profundo à diferença. Isto é, tudo o que as mulheres evangélicas conservadoras condenam, como os LGBTs, sexo antes do casamento, traição, enfim, são questões e aspectos mais importantes de serem evitados e fiscalizados do que a própria fé ou prática religiosa. Entretanto, na sociedade brasileira sempre aparecem notícias sobre líderes evangélicos, ou evangélicos cometendo algum crime ou algo moralmente questionável, denotando a hipocrisia que existe no meio evangélico.

Por um lado, a maioria das mulheres evangélicas se alinha com o neoconservadorismo, inclusive muito propagado por boa parte das igrejas, todavia, a partir de 2014, alguns grupos, páginas e coletivos que se identificam como feministas evangélicas têm surgido, se consolidando principalmente nas redes sociais, como uma nova forma de “ser evangélica”, de cunho progressista.

2.3 A relação atual entre Feminismo e Evangélicas

A relação entre feminismo e meio evangélico tem sido conflituosa. A princípio, como se pôde observar em situações recentes, há uma ofensiva do meio evangélico em relação ao feminismo, de modo a condená-lo por considerá-lo contrário à religião, algo que deturparia o papel tradicional da mulher, incentivaria a promiscuidade sexual, outras orientações sexuais e também muitas vezes, por aliá-lo a movimentos comunistas ou socialistas, considerados por uma parcela dos evangélicos como algo extremamente ruim e que promoveria o ateísmo.

Temos como exemplos dessas situações, figuras consideradas proeminentes no meio evangélico, pastores, muitos inclusive em cargos políticos, barrando projetos de lei em prol dos direitos humanos, como a legalização do aborto e a inclusão da discussão sobre a igualdade de gênero nos currículos escolares, por exemplo. Essas questões denotam um conservadorismo evangélico que se expressa não só politicamente, mas também na esfera pessoal, com o discurso de defesa da família, tão enfatizado por eles. Entretanto, essas questões vêm acirrando o debate sobre os papéis e a divisão de tarefas entre homens e mulheres.

Se por um lado uma parcela dos evangélicos parece possuir uma faceta conservadora, por outro, a partir desse tipo de expressão e também atuação política, tem havido uma reação contrária, mais progressista, que passa a questionar o papel da mulher, cobrar sua participação enquanto liderança religiosa e rejeitar uma leitura considerada machista da Bíblia. A partir

disso que surge o feminismo cristão e/ou evangélico e também a chamada Teologia Feminista.

Segundo Soares (1994), o conceito de feminismo se refere à ação política das mulheres, pois abrange teoria, prática, ética e considera as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Ela propõe que as mulheres devem transformar o mundo e se transformarem.

O feminismo se expressa em ações coletivas, individuais e existenciais, na arte, na teoria na política. Reconhece um poder não somente no âmbito do público-estatal, mas também o poder presente em todo o tecido social, fazendo a concepção convencional da política e a noção de sujeito se ampliarem. Todos aqueles que têm uma posição subalterna nas relações de poder existentes são chamados a transformá-las. Não existe pois um só sujeito histórico que enfrenta e transforma tais relações em nome de todos os subalternos. Reconhece uma multiplicidade de sujeitos que, desde sua opressão específica, questionam e atuam para transformar esta situação (SOARES et alii, 1995). (SOARES, 1994, p. 2)

A Marcha das Vadias e outros movimentos feministas colocaram questões que acabaram repercutindo no cristianismo. Observa-se assim, mais recentemente, um tipo de ativismo feminista articulado ao cristianismo. Como exemplo, podemos citar o Movimento Católicas pelo Direito de Decidir, que se organizam em defesa da legalização do aborto.

“Católicas pelo Direito de Decidir” (CDD-Br) caracteriza-se como uma organização não governamental feminista de caráter ecumênico, que atua no Brasil desde o início da década de 1990. Contudo, o processo histórico que possibilitou a emergência desse coletivo tem seu ponto de partida entre as décadas de 1960 e 1970, no qual diversos países latino-americanos passavam por golpes de Estado e a implantação de regimes ditatoriais de cunho civil-militar. (BRITES, 2014, p. 22)

Compreende-se assim, que este movimento constitui:

[...] uma “voz dissonante” por destoar da teologia moral oficial proposta pela oficialidade católica composta por um discurso que regula, normatiza, influencia e atua diretamente com o cotidiano dos fiéis. Esse grupo composto por mulheres católicas e feministas se destaca no cenário brasileiro contemporâneo por apresentar compreensões divergentes da oficialidade católica no tocante às questões de gênero. (BRITES, 2014, p. 22)

Segundo Nunes apud Brites (2014), a organização "Católicas pelo Direito de Decidir" surgiu no Brasil em 1993, a fim de criar um espaço coletivo de luta e reivindicação pela liberdade de expressão religiosa, pelos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, pela igualdade nas relações de gênero e pela cidadania das mulheres, na Igreja Católica, no interior de outras igrejas e religiões e na sociedade. Logo, entende-se que pretendem “[...] divulgar o pensamento religioso progressista em favor da *autonomia das mulheres*, reconhecendo sua *autoridade moral* e sua *capacidade ética* de tomar decisões sobre todos os campos de suas vidas” (CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR, 2007).

Além do âmbito católico, vê-se também a criação de grupos feministas evangélicos, principalmente organizados em comunidades presentes em redes sociais da internet, dentre eles, o chamado Feministas Cristãs, que tem se destacado tanto na internet quanto como movimento, desde 2014. Pouco tempo depois, houve o surgimento de outros grupos e páginas tanto no Facebook quanto no Instagram: Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e o grupo Vozes das Redomas.

2.4 Teologia Feminista: O Caminho para a Criação do Feminismo Evangélico

Rosado-Nunes (2015, p. 10) ressalta que para as Ciências Sociais:

[...] as religiões são realidades socialmente construídas e as práticas religiosas, as representações simbólicas e os discursos religiosos são reveladores de relações sociais. Assim, a pertença a uma classe, a uma raça ou a um sexo determina e delimita as práticas religiosas, mesmo aquelas consideradas do domínio privado. Além disso, as crenças, práticas e representações religiosas agem sobre a realidade, seja reforçando as estruturas sociais, seja modificando-as. Compreender as religiões como espaços complexos portadores de contradições e ambiguidades, de produção, reprodução e transformação de relações sociais em todos os domínios, aqueles do culto, dos símbolos, como do saber, e não somente o da organização, é uma questão teórica. Assim sendo, é no quadro das relações sociais de sexo – o gênero -, de raça e de classe que devem ser analisadas as relações das mulheres com as religiões e das religiões com as mulheres.

Dessa forma, Rosado-Nunes (2015, p. 10) também aponta que as religiões possuem um caráter ambíguo, isto é, do ponto de vista empírico, as religiões podem funcionar como forças conservadoras, porém, em algumas situações elas podem motivar mudanças sociais e políticas. Neste sentido, percebe-se que o propósito da Teologia Feminista e do Feminismo Evangélico é justamente funcionarem como molas propulsoras para transformações de gênero, sociais e políticas.

Falar em Teologia Feminista ou sobre Feminismo Evangélico parece ser uma contradição para muitas pessoas, sejam cristãos de modo geral, evangélicos, e até mesmo acadêmicos. Porém, são movimentos que têm ganhado evidência principalmente nas redes sociais desde 2014.

Em relação à teologia feminista e o feminismo cristão, tudo começou, segundo o relato do teólogo Augusto Bello de Souza Filho (2012), no final do século XIX, quando um grupo de mulheres cristãs norte-americanas, lideradas por Elizabeth Cady Stanton, começou a se reunir frequentemente para estudar todas as passagens bíblicas onde havia referência à mulher, com a intenção de relê-las e interpretá-las em concordância com a nova consciência que a mulher tinha de si mesma. Como consequência desses encontros nasceu a Bíblia da Mulher, obra que abalou o mundo protestante norte-americano.

Souza Filho (2012) ressalta que durante os anos de 1956 a 1965 ocorreu outro momento significativo. As mulheres foram admitidas no pastorado pelas principais correntes do protestantismo, o que representou algo novo do ponto de vista eclesial. Sobre esta questão, o livro “O Trabalho e o Status das Mulheres na Igreja”, de 1952, escrito por Kathleen Bliss foi de suma importância.

O livro era baseado numa pesquisa sobre as atividades e ministérios nos quais as mulheres cristãs estavam comumente envolvidas. Bliss observou que, embora as mulheres estivessem extremamente envolvidas na vida da Igreja, a participação delas estava limitada a papéis auxiliares tais como Escola Dominical e Missões. As mulheres não participavam em lideranças tradicionalmente aceitas, tais como as atividades de ensino, pregação, administração e evangelismo, ainda que muitas delas parecessem estar preparadas e terem dons para este exercício. Bliss chamou a atenção da Igreja para a reavaliação dos papéis homem/mulher na Igreja, particularmente da ordenação de mulheres. (LOPES, 2011).

Segundo Souza Filho (2012), nas últimas décadas, primeiramente nos Estados Unidos e depois na Alemanha e Europa de modo geral, um grupo numeroso de mulheres cristãs criaram um novo tipo de reflexão teológica intitulada “teologia feminista”.

A teologia feminista consiste numa teologia de mulheres feita pelas mulheres, ou seja:

Pela primeira vez, concretamente, as mulheres se tornaram sujeito da própria experiência de fé, da sua formulação e da relativa reflexão, e por isso, sujeito do fazer teologia, e, somente na dependência deste novo fato cultural e eclesial, a teologia feminista é também uma teologia do genitivo objetivo: mulheres cristãs refletem sobre sua experiência humana e cristã, e experimentam criticamente sua experiência. Desse modo a teologia feminista introduz no círculo hermenêutico — o círculo que liga a experiência do passado fixada nos textos da Bíblia e da tradição à experiência atual da mulher — a outra metade da humanidade e da Igreja, enriquecendo a experiência de fé, a sua formulação e as suas expressões. (FILHO, 2012)

Dessa forma, a teologia feminista procura resgatar a mulher no contexto cristão, onde geralmente se encontra em segundo plano e dar visibilidade à sua fala, compreendendo uma experiência religiosa própria do âmbito feminino, relacionando a fé com a experiência de ser mulher no mundo atual.

Se aprofundando um pouco mais sobre a Teologia Feminista, a ex-freira e teóloga feminista brasileira Ivone Gebara (2007, p. 7) aponta uma questão fundamental, a de que as religiões monoteístas sempre priorizaram uma linguagem masculina para se referir a Deus, em detrimento da feminina, excluindo as mulheres da linguagem teológica. No caso do cristianismo, isso ocorreria tanto na expressão da própria religião, apagando a trajetória de mulheres que tiveram alguma relevância na Bíblia Sagrada, quanto no próprio fazer teológico.

Sabemos bem que a linguagem é a expressão simbólica mais significativa da humanidade em sua diversidade social e cultural. Por meio dela nos comunicamos e expressamos as significações de nosso mundo assim como as valorações que damos a pessoas e coisas. Nesse particular, a linguagem sobre Deus nas culturas monoteístas é prioritariamente masculina, ou seja, a cultura expressa Deus partindo do gênero masculino. (GEBARA, 2007, p. 7)

Desse modo, compreende-se que a cultura presente no cristianismo, incluindo o que foi escrito pelo “livro sagrado”, e propagada por ele, é machista, sendo que a própria organização e estruturação de instituições religiosas cristãs, sejam católicas, ortodoxas ou evangélicas, priorizam uma linguagem masculina.

Por muito tempo, questionar o protagonismo masculino no cristianismo não foi algo sequer elaborado, justamente porque o cristianismo foi fortemente responsável por moldar a sociedade enquanto patriarcal, e não havia estímulo para desconstruir essas estruturas sociais, tanto na sociedade de modo geral, quanto no próprio âmbito cristão religioso.

Na década de 1960 surgiu um movimento dentro da Igreja Católica denominado Teologia da Libertação. Este movimento lutava por direitos e fazia crítica à realidade social, incorporando o auxílio a pessoas pobres e marginalizadas. Ocorreram conflitos entre este movimento, tanto com o próprio Catolicismo, quanto com o Estado, principalmente no período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Porém, questionamentos sobre as estruturas patriarcais não faziam parte das reivindicações deste movimento.

Apesar disso, a Teologia da Libertação foi uma inspiração importante para o que surgiria mais tarde, entendido como Teologia Feminista, assim como o surgimento de movimentos feministas, também na década de 1960. Para Ivone Gebara (2007, p. 15), neste período, as mulheres começaram a admitir e esclarecer como era a sociedade machista em que viviam. Assim, tiveram maior clareza sobre a opressão sofrida pelas mulheres.

Esse ser poderoso e abstrato, adorado e glorificado como Senhor absoluto dos céus e da terra, justificava leis, comportamentos e costumes estabelecidos. Ele determinava, por intermédio de seus representantes e dos textos reconhecidos como ‘revelados’, os diferentes papéis sociais. Ordenava caminhos, julgava e até condenava os que pareciam se distanciar de uma ordem predeterminada por ele mesmo fixada. (GEBARA, 2007, p. 15)

A Teologia Feminista se propõe a buscar a igualdade entre homens e mulheres a partir da religião, neste caso, do cristianismo, fazendo uma releitura da Bíblia Sagrada. Tendo isso em vista, Valerie Saiving Goldstein (1960) foi a teóloga precursora dos estudos atualmente denominados como “Teologia Feminista”, estabelecendo-se como um marco uma frase de sua obra: “Estudo teologia; sou, também, uma mulher”.

Por também se dedicar ao estudo da Psicologia, Goldstein (1960), ao se debruçar sobre a cultura, concebeu a existência de uma modernidade caracterizada por uma “cultura hipermasculina”, com ênfase na separação do homem da natureza. Esta autora observou uma “feminização da própria sociedade”, contudo, analisa que a identidade feminina no Cristianismo foi fruto de uma comunidade que arriscou a junção da “[...] identidade individual nas identidades dos outros” (HENKING, 2010), ocasionando a criação de uma espécie de personagem que se adapta aos outros, mas que não possui sua própria identidade pessoal. Ou seja, pode-se dizer que a história das mulheres na Bíblia era geralmente contada a partir da identidade masculina, que era protagonista, e estava a serviço dos homens. Por isso as interpretações sobre a Bíblia Sagrada que se seguiram continuaram a alimentar essa identidade patriarcal, algo que também estava enraizado na sociedade.

Outra teóloga de fundamental importância para a Teologia Feminista, que inclusive foi influenciada por Valerie Saiving Goldstein (1960), é Elisabeth Schussler Fiorenza (2009). Durante sua formação em Teologia na Alemanha, Fiorenza (2009) procurou: “[...] conjugar reflexão teológica com consciência de gênero (seguindo a intuição com base em toda a teologia feminista); a paixão pela Sagrada Escritura e a sua interpretação; o sentido de pertença à Igreja católica e a atenção na relação mulheres e igreja em todas as suas nuances” (GREEN, 2009).

Fiorenza (2009) constitui uma das maiores estudiosas da Teologia Feminista. Considerando que a Teologia Feminista surgiu de forma mais elaborada nos anos 60, no contexto da chamada “revolução sexual”, com a criação da pílula anticoncepcional para as mulheres, a defesa da legalização do aborto, e o direito ao divórcio. Especificamente no Brasil, isso ocorreu um pouco mais adiante, na década de 70, misturando-se com a luta pela cidadania, e contra a Ditadura Militar.

Desse modo, o feminismo influenciou a criação da Teologia Feminista, mesmo que até os anos 60 não houvesse dentro da própria área de Teologia a exploração de temas relacionados à mulher. Uma das questões exploradas por Fiorenza (GREEN, 2009, p. 13), tendo em vista o papel das mulheres na Igreja, é justamente a reflexão sobre o papel da Teologia Feminista dentro das faculdades de Teologia, e como seria possível modificar as estruturas do discurso de líderes religiosos masculinos, de modo a incluir a participação das mulheres.

Esta autora entende que o cristianismo teve um papel preponderante na formação de uma feminilidade estereotipada, e também, por outro lado, destaca a importância de resgatar uma memória feminina para contrastar com essa estereotipia. (GREEN, 2009, p. 15).

Para Elisabeth Schussler Fiorenza (GREEN, 2009, p. 17), o objetivo de movimentos de emancipação, como o feminismo, é lutar:

[...] para conquistar os direitos, benefícios e privilégios de igual cidadania, os quais, embora lhes pertencendo por direito, são negados a elas pelos regimes e pelas religiões patriarcais. O resultado é que o feminismo une tanto o pensamento teórico quanto a ação política, sendo, de um lado, uma “perspectiva teórica” capaz de analisar as várias facetas da opressão feminina e, de outro, “um movimento histórico para mudar as instituições socioculturais e religiosas”. (GREEN, 2009, p. 17)

Dessa forma, o feminismo se apresenta como uma transformação das estruturas sociais, econômicas e políticas, e a Teologia Feminista como “[...] uma transformação global de toda a reflexão teológica e das estruturas eclesiais; não basta a integração das mulheres nas estruturas eclesiais masculinas existentes, mas se exige uma “mudança radical” de tais estruturas”. (GREEN, 2009, p. 18)

Assim, é importantíssimo que as mulheres não sejam mais objetos de uma reflexão teológica masculina, e passem a se apoderar da própria autoridade, “[...] tornando-se “sujeitos religiosos”, com objetivos, capazes de “participar da construção crítica de significados bíblico-teológicos””. (GREEN, 2009, p. 18)

E por que isso seria tão importante? De acordo com Elizabeth Green (2009), Fiorenza (2009) aponta que o cristianismo teve um peso muito relevante na formação da sociedade ocidental.

Inspirando-se em Elizabeth Cady Stanton, estudiosa do século XIX e idealizadora da *Bíblia das Mulheres* (1895), a quem Fiorenza dedicou diversos estudos, considera que não é possível compreender nem mudar as instituições da sociedade ocidental sem mudar o cristianismo, do qual, ao menos em parte, elas derivam. A religião cristã, mesmo em suas formas secularizadas, continua a desempenhar um papel fundamental na cultura do Ocidente; ignorá-la ou considerá-la superada significa não chegar à raiz de importantes questões que continuam a agitar a sociedade (como os direitos das mulheres), e entregá-la nas mãos de forças conservadoras e machistas, cujas primeiras vítimas são, mais uma vez, as mulheres. (GREEN, 2009, p. 18)

Logo, o cristianismo teria sido conivente com a opressão feita às mulheres, que é justamente o que o feminismo combate (GREEN, 2009, p. 19). Por isso a necessidade de reformular o cristianismo sob uma perspectiva feminina. E para isso, Fiorenza (2009) busca recuperar o protagonismo histórico das mulheres, e revelar os aspectos do cristianismo que corroboram com a libertação das mulheres. Embora o cristianismo tenha esse caráter

contraditório, o objetivo seria fazer uma releitura da Bíblia Sagrada reforçando as protagonistas femininas, anteriormente apagadas da interpretação bíblica.

Desse modo, entende-se a Teologia Feminista de Elisabeth Schussler Fiorenza (2009) como uma “teologia feminista crítica”, pois “[...] revela e critica as tradições e as teologias cristãs que encorajaram e mantiveram a violência, a alienação e a opressão” (GREEN, 2009, p. 20).

Outra questão importante referente à Fiorenza (2009) é a respeito de seu conceito denominado “kiriarquia”. Sabe-se que a teoria feminista considera que a opressão das mulheres ocorre por meio do patriarcado, ou seja, na dependência e no controle das mulheres pelos homens. Contudo, para ela, patriarcado corresponde não a um “[...] governo de todos os homens sobre todas as mulheres, e sim a um governo de uma parte dos homens (exatamente os pais) sobre as mulheres e sobre uma parte dos homens”. (GREEN, 2009, p. 23). Isso significa que a opressão patriarcal, além de sexista, é também classista.

Dessa forma, já que o conceito de patriarcado parece abarcar diferentes formas de exploração e discriminação apenas nas entrelinhas, e também pelo fato de dificilmente conseguir traduzir uma experiência feminina que fosse universal, isto é, levando-se em conta as diferenças, é que Fiorenza (2009) cria o conceito de “kiriarquia”.

A noção de “kiriarquia” (utilizada para descrever estruturas, quer sociais, quer simbólicas, de modo que “kiriocentrismo” [...] procura fazer justiça ao fato de que algumas mulheres sofrem múltiplas formas de opressão (por causa do gênero, da etnia ou da própria posição socioeconômica), as quais interagem entre si. (GREEN, 2009, p. 24)

Portanto, Fiorenza (2009) procura desconstruir o pensamento e o discurso patriarcal sobre a leitura da Bíblia, alçando as mulheres à condição de protagonismo. Ao fundar o conceito de “kiriarcado”, acrescentou à noção de patriarcado outros marcadores sociais da diferença: raça e classe, além de gênero. Isto é, é um conceito que abarca a interseccionalidade de diversas formas de opressão e submissão, que podem acontecer ao mesmo tempo.

Assim, tendo a Teologia Feminista como base teórica, movimentos sociais feministas cristãos (católicos e evangélicos) começaram a surgir. Primeiro, no campo católico, com a ONG Católicas Pelo Direito de Decidir, em 1993, e, posteriormente, com a internet assumindo cada vez mais um papel importante na vida social das pessoas, com a criação de coletivos feministas evangélicos, utilizando-se das redes sociais, principalmente, para difundir seus ideais e pautas progressistas. Algumas premissas defendidas pelo feminismo evangélico,

ou pelas evangélicas feministas, como também se denominam, é a desconstrução do machismo na interpretação bíblica, mais espaço e cargos de liderança para mulheres nas Igrejas, legalização e descriminalização do aborto, dentre outros.

Dessa maneira, o feminismo evangélico, e/ou evangélicas feministas constituem a Teologia Feminista colocada na prática, tanto por meio da internet, como também através de manifestações, luta por direitos e contra projetos de lei que atentam aos interesses das mulheres, e no intento de informar e ensinar as mulheres evangélicas que se identificam com o feminismo a lerem textos e livros que abordam justamente conexões entre a religião evangélica e a luta das mulheres.

3. O QUE É O MUNDO DIGITAL?

Tendo em vista a necessidade da Teologia Feminista em desconstruir o machismo presente nas instituições religiosas e no próprio fazer teológico, observou-se a criação de grupos e páginas em redes sociais como Facebook e Instagram, presentes na internet, com o objetivo de divulgar suas ideias e também criar coletivos feministas cristãos, isto é, coletivos tanto católicos quanto evangélicos.

No âmbito evangélico, alguns grupos e páginas feministas evangélicas foram criados no Facebook e no Instagram a partir de 2014. Para podermos alcançar o entendimento sobre este fenômeno, é preciso também compreender a relação da internet e mídias sociais com o cotidiano de cada indivíduo, o que também se relaciona com sua própria vida social.

Nota-se que a tecnologia vem se aprimorando já há algumas décadas, assumindo papel fundamental na evolução da comunicação. Destaca-se como marco nos meios de comunicação a criação e o desenvolvimento do rádio, televisão, e posteriormente, da internet. Todavia, a internet, principalmente no início dos anos 2000, foi se transformando num veículo que ia além de algumas fronteiras limitadas pelos outros meios de comunicação já conhecidos. Ela passou a possibilitar a conexão entre pessoas de diversas localidades por meio de e-mails, chats, mensagens e por vídeo, assumiu papel importante ao criar portais de busca, como o site Google, e fundou redes de relacionamentos virtuais entre pessoas, denominadas “redes sociais”.

Inclusive, alguns pesquisadores evidenciaram a importância da internet para a chamada “globalização”, como Giddens (2000). Ou seja, o autor compreende que a internet ajuda a promover as relações sociais entre nações, isto é, no âmbito econômico e político internacional, influenciando as localidades interconectadas. Desse modo, por eliminar

fronteiras, a internet, desde seu surgimento, passou a se desenvolver e se tecnologizar cada vez mais com o passar dos anos e décadas.

Na perspectiva de Manuel Castells (2011), entramos definitivamente na sociedade em rede, a era em que vivemos sob a hegemonia das tecnologias da informação e comunicação (TICs): o conjunto convergente da microeletrônica, computação (hardware e software), telecomunicações [...]. (MISKOLCI, 2016, p. 276).

Também de acordo com Miskolci (2016, p. 276), a internet passou a ser comercializada a partir de 1995, e desde então, a realidade social foi se transformando em “[...] relações mediadas por plataformas comunicacionais em rede [...]”. Para ele, “vivemos a consolidação de transformações tecnológicas e sociais articuladas e que não podem mais ser compreendidas em separado, assim como suas consequências econômicas e políticas.” (MISKOLCI, 2016, p. 277).

Sendo assim, a sociabilidade digital atualmente é uma questão de total relevância, pois as pessoas costumam documentar suas atividades e demais ações, antes apenas vivenciadas, compartilhando com várias pessoas, escrevendo o que pensam e divulgando fotos em mídias sociais, também chamadas de redes sociais, por exemplo. Assim também acontece com a fundação de grupos no Facebook, com o propósito de reunir pessoas que pensam de forma convergente sobre diversos temas: política, religião, feminismos, entre outros temas atuais.

Desse jeito, especificamente sobre as mídias sociais, Daniel Miller Et al. (2019), no livro “Como o Mundo Mudou as Mídias Sociais” aponta que

[...] as mídias sociais não devem ser vistas como as plataformas sobre as quais seus usuários realizam postagens, mas como o próprio conteúdo postado, que circula por essas plataformas. Tal conteúdo varia consideravelmente de região para região, e é por essa razão que um estudo comparativo sobre o que é postado e o porquê de se postar nas mídias sociais faz-se necessário.

Atualmente, as mídias sociais são lugares onde convivemos, não apenas meios de comunicação. [...] Propomos uma teoria da sociabilidade escalonável para demonstrar como as mídias sociais habitam os espaços de socialização, entre as esferas do público e do privado, e como, ao fazê-lo, criam escalas que consideram o tamanho dos grupos e seu grau de privacidade. (MILLER; COSTA; HAYNES; MCDONALD; NICOLESCU; SINANAN; SPYER; VENKATRAMAN; WANG, 2019, p. 10).

Os autores do livro mencionado utilizam a teoria chamada polimídia, que ressalta a importância de entender as mídias sociais de modo relacional, em conformidade com o que atualmente os indivíduos usam. Ou seja, consiste em diversas possibilidades de plataformas ou mídias que serão escolhidas especificamente para cada tipo de interação social. E diferente de alguns teóricos que separam a “realidade” da “realidade digital”, eles veem as mídias sociais como parte integrante da vida cotidiana.

Alguns estudiosos também destacam um possível problema relacionado às tecnologias digitais, de que o contato e as interações via internet seriam capazes de transformar os seres humanos em “pós-humanos”, fazendo com que eles perdessem alguma parte de sua essência humana. Contudo, os autores mencionados se opõem a esta forma de pensamento. Eles afirmam que a adição de novas capacidades proporcionadas pela tecnologia acaba por naturalizar-se nas atividades cotidianas, ou seja, são incorporadas à condição humana.

O mundo digital é ubíquo, e, em grande parte, se sustenta e se reproduz através do que se entende popularmente como mídias sociais, que estão em constante mudança. Houve um período em que o Orkut era uma mídia social muito utilizada no Brasil. Com o tempo, plataformas como esta última citada, foram sendo substituídas por outras, como Facebook, Instagram, Twitter e Whatsapp, por exemplo. Contudo, para Miller Et al. (2019), essas mídias só permanecerão populares se não caírem no desuso, isto é, elas têm que se reinventar com frequência. Isso é importante também devido à concorrência de novas mídias sociais que acabam surgindo, como quando ocorreu a criação do TikTok, um aplicativo baseado na criação de vídeos curtos, em que o usuário pode personalizar o mesmo.

Miller Et al. (2019) reforça que Danah Boyd foi a pioneira nos estudos de mídias sociais. Em um artigo publicado em 2007, esta autora apresenta a trajetória histórica das mídias sociais e resumos de trabalhos sobre o tema até 2007.

Segundo Boyd, os primeiros *sites* de redes sociais, nos EUA, eram lugares onde os indivíduos podiam conhecer amigos de amigos ou realizar reconexões com amigos distanciados pelo tempo em sites como, por exemplo, o Friends Reunited. Depois de um tempo, estes *sites* foram transformados, em grande parte pelos seus próprios usuários, em lugares de interação mais constante. Isto aconteceu mais entre amizades já anteriormente estabelecidas, de modo que os *sites* tornaram-se menos focados na expansão de sua rede. De certa forma, os *sites* de redes sociais transformaram-se em mídias sociais, caso utilizemos de forma literal tais rótulos estabelecidos. (MILLER; COSTA; HAYNES; MCDONALD; NICOLESCU; SINANAN; SPYER; VENKATRAMAN; WANG, 2019, p.11)

Miller Et al. (2019) afirma que Boyd procurou caracterizar as mídias sociais como “públicos em rede” que possuiriam quatro características principais: persistência, visibilidade, propagabilidade e pesquisabilidade, partindo de exemplos bem-sucedidos naquele período, como o MySpace, e depois o Facebook.

Miller Et al. (2019, p. 12) ressalta que para várias pesquisas, ao mesmo tempo que as mídias sociais abriram novas possibilidades de relações sociais entre diversas pessoas com os mesmos tipos de interesses, também facilitaram as relações sociais através do anonimato, o que por sua vez, acabou sendo substituída pela questão da falta de privacidade. Mais

recentemente, isso acabou se desdobrando na discussão da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais⁷, sobre especificamente dados digitais, auxiliando a regulamentar pesquisas envolvendo mídias sociais, por exemplo.

Para Miller Et al. (2019, p. 19), outras questões também passíveis de análise passaram a ser as seguintes: o uso das mídias sociais como forma dos indivíduos se apresentarem ao mundo, o que levaria à discussão sobre como se apresentam on-line e off-line e qual a relação entre ambas, a quantidade de amigos e/ou seguidores de cada plataforma e como isso reflete o julgamento que uns fazem sobre os outros e como as mídias sociais se relacionam com o bem-estar das pessoas, se as deixam mais felizes, por exemplo.

Estes autores mencionam um livro chamado *Networked*, de Rainie e Wellman (2014), que:

A partir de um raciocínio significativamente claro, os autores alegam que a evolução das redes sociais digitais seria uma terceira revolução, posterior às revoluções da internet e da mobilidade. Ambos analisam uma série de mudanças na forma como os usuários relacionam-se em rede e na própria constituição dos grupos com os quais estabelecem suas redes de relacionamento. (MILLER et al, 2019, p. 24)

Assim, Miller Et al. (2019, p. 24) abordam que Rainie e Wellman (2014), a partir da ascensão da internet, das mídias sociais e do telefone celular, identificam uma tendência crescente de diminuição de relacionamentos em grupo, favorecendo o aumento de uma rede estruturada no indivíduo.

Todavia, embora isso possa ocorrer em alguns casos, não necessariamente é uma regra quando se trata de internet e mídias sociais, sendo que, concomitantemente, existe a proliferação de comunidades e grupos via internet.

O conceito de sociabilidade escalonável e o surgimento de plataformas como o WhatsApp, claramente, referem-se a grupos, não apenas a redes individualizadas. Também estará evidente no Capítulo 7 que há uma dependência de fatores contextuais, como *status* social e gênero, sendo o mundo *on-line* usado, algumas vezes, para fortalecer e, outras vezes, para complementar diferentes elementos da sociabilidade *off-line*. (MILLER et al, 2019, p. 24)

Isso ocorre porque apesar da internet possibilitar a conexão entre usuários diversos e de diferentes localidades, muitas vezes as redes sociais são utilizadas para reforçar laços de

⁷ A Lei nº 13.709/2018 foi promulgada para proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e a livre formação da personalidade de cada indivíduo. A Lei fala sobre o tratamento de dados pessoais, dispostos em meio físico ou digital, feito por pessoa física ou jurídica de direito público ou privado, englobando um amplo conjunto de operações que podem ocorrer em meios manuais ou digitais. Fonte: GOV.BR. Lei nº 13.709/2018, Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Disponível em: < <https://www.gov.br/esporte/pt-br/acao-informacao/lpd#:~:text=A%20Lei%20Geral%20de%20Prote%C3%A7%C3%A3o,da%20personalidade%20de%20cada%20indiv%20C3%ADduo.>> Acesso: 5 nov. 2023.

parentesco e amizades já existentes no mundo off-line. O que significa que os mundos on-line e o off-line têm cada vez mais se entrelaçado, fazendo com que as redes sociais façam parte do cotidiano do ser humano.

Mais uma vez, longe de estarem separadas dos relacionamentos *off-line*, as mídias sociais tornam-se um modo primordial pelo qual relações tradicionais e bem próximas de familiares se mantêm, retêm, revigoram, e, em certos casos, transformam-se. Em todos esses cenários, a sociabilidade escalonável abrange a possibilidade de que as mídias sociais possam ser mais intensas e íntimas do que relacionamentos *off-line*. (MILLER Et al, 2019, p. 119-120)

Entende-se que neste contexto, a partir das conexões e relações estabelecidas on-line e off-line, é importante compreender como se constrói a identidade on-line. Neste sentido, os pesquisadores da área de Ciências Sociais consideravam que a identidade era construída a partir da interação social. Além disso, Miller Et al. (2019, p. 124) resgata Giddens, que caracteriza o mundo moderno pela fragmentação dos elementos de identidade, ou seja, eles não são mais estáveis e fixos, fazendo com que os sujeitos busquem “[...] preservar uma narrativa coerente da própria identidade”.

[...] as ideias são complementadas por Goffman, cujo conceito de *frame*⁸, anteriormente citado, também diz respeito à maneira como muitos administram diversas identidades associadas a vários papéis e contextos sociais: mãe, trabalhadora, esportista etc. Estar *on-line* adiciona alguns *frames* a essa mistura. Quando a sociabilidade se torna mais escalonável, ela também pode proporcionar uma maior flexibilidade à identidade *on-line*. (MILLER et al, 2019, p. 124)

Desse modo, é possível entender a existência de perfis de usuários, inclusive mais de um perfil para cada usuário, podendo se desdobrar em múltiplas identidades on-line. E levando em consideração o caráter onipresente da internet, as relações sociais se desenvolvem tanto no ambiente “real” quanto no digital, sendo que neste segundo, dependendo da forma como esses indivíduos se apresentam em seus perfis nas redes sociais.

Todas as questões que envolvem a internet e principalmente as mídias sociais abordadas demonstram a complexidade de se pesquisar algo em âmbito digital e também as próprias contradições e diferentes teorias dos pesquisadores que se debruçam sobre esta temática. Considerando que a internet e as mídias sociais estão em constante mudança, não há como fixar uma teoria que consiga abarcar toda essa complexidade, e que não seja passível de substituição em algum momento. Cabe aqui nesta pesquisa fazer um recorte, que se refere a

⁸ Goffman é um sociólogo que propõe uma abordagem microsociológica da realidade social. Para ele, *frame* se refere ao “[...] conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles. (GOFFMAN, 1986, p. 10-11, apud MENDONÇA; SIMÕES, 2012).

alguns grupos e páginas feministas evangélicas presentes em redes sociais como Facebook e Instagram.

3.1 Facebook e Instagram: Como se caracterizam duas das redes sociais mais populares no Brasil

Para ficar claro como as identidades on-line são produzidas diariamente, como também se organizam em comunidades on-line, isso tendo em vista números astronômicos de usuários, isto é, milhões de pessoas utilizam todos os dias as redes sociais presentes na internet, é preciso compreender um pouco acerca do surgimento de algumas plataformas digitais. Como as feministas evangélicas encontraram uma forma de se organizar através das redes sociais, para analisar este fenômeno, cabe neste trabalho dedicar uma atenção especial ao Facebook e ao Instagram, porém de forma breve.

O Facebook e o Instagram se popularizaram mais por sua atuação enquanto “apps”, ou seja, aplicativos móveis desenvolvidos por softwares para smartphones. Inclusive, algumas funções importantes do Instagram só funcionam na versão aplicativo, e não ao acessar o site.

Na linguagem técnica de informática, entende-se por plataforma a tecnologia de base do sistema operativo de um computador. Os apps — uma redução para a expressão aplicativos móveis — são softwares desenvolvidos para serem instalados em dispositivos móveis, para rodarem nas plataformas de cada sistema operacional. (RAMOS; MARTINS, 2018, p. 119)

Segundo a empresa de análise da internet Comscore⁹, o Brasil é o terceiro país maior consumidor de redes sociais do mundo, sendo que o Youtube, Facebook e Instagram são as redes sociais mais acessadas pelos usuários brasileiros, com alcance de 96,4%, 85,1% e 81,4%, respectivamente. Os usuários brasileiros dessas redes sociais totalizam atualmente cerca de 131,5 milhões, e o tempo de uso das redes sociais por esses usuários têm aumentado, em parte pela Pandemia de Covid-19, que começou em 2020, impulsionando a alteração de vários empregos para a categoria home office.

Devido à importância e tempo que o consumo das redes sociais ocupa na vida do brasileiro, é importante frisar algumas informações relevantes sobre o Facebook e o Instagram. O Facebook e o Instagram atualmente pertencem ao mesmo dono, Mark Zuckerberg, proprietário de um conglomerado de tecnologia e mídias sociais chamados Meta

⁹ PACETE, L. G. Forbes Tech. Brasil é o terceiro país que mais consome redes sociais em todo o mundo. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20E2%80%9CTend%C3%A2ncias%20de%20Social,internet%2C%20em%20especial%20nessas%20plataformas.>> Acesso: 10 abr. 2023.

Platforms Inc. Anteriormente, o nome era Facebook, Inc, mas houve uma alteração recente no nome, ocorrida em 2021¹⁰, com o intuito de se aproximar à lógica do chamado “metaverso”, que busca associar uma realidade aumentada à digital, e que futuramente poderá existir paralelamente, sendo tão importante quanto o “mundo real”¹¹.

A rede social Facebook foi criada em 2004, obtendo uma rápida expansão e um número crescente de usuários. Em 2012, Zuckerberg comprou o Instagram (rede social conhecida principalmente pelo compartilhamento de fotos)¹², e o Whatsapp (aplicativo de mensagens) em 2014¹³.

Sobre a história do Facebook, de acordo com Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia e Maria Faia Rafael Moreira (2014, p. 169), em 2003, Mark Zuckerberg, que era estudante de Psicologia na Universidade de Harvard na época, juntamente com seus colegas Andrew McCollum, Chris Hughes, e Dustin Moskovitz, criou um website chamado Facemash, que permitia aos visitantes votar na pessoa que fosse mais atraente, a partir de duas fotos dos estudantes de Harvard, uma ao lado da outra, as quais ele obteve a partir da base de dados de identificação de estudantes da própria instituição. A ideia foi um sucesso, pois em quatro horas online, 450 pessoas já tinham visitado o site e havia mais de 20.000 visualizações de fotografias.

Alguns dias depois, o Facemash foi desativado pelo Conselho de Administração de Harvard, que acusou Zuckerberg de ter violado as regras de segurança informática e de invasão de privacidade ao ter utilizado as fotografias do facebook da universidade (Schwartz, 2003; Zeevi, 2013). (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 169)

Assim, o Facemash existiu por pouquíssimo tempo, mas foi importante para a gênese do Facebook, que seria criado no ano seguinte. Logo, aproveitando esse projeto inicial do Facemash, Zuckerberg:

[...] desenvolveu, no âmbito de um projeto da disciplina de Estudos Sociais, um *website* que consistia numa coleção de 500 imagens da época Renascentista. Em cada página havia uma imagem e espaço para que os alunos da disciplina de História da Arte a comentassem. Uma vez mais, as ideias de Zuckerberg revelaram-se

¹⁰ CNN BRASIL. Facebook muda nome para Meta. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/facebook-muda-nome-para-meta/>> Acesso: 10 abr. 2023.

¹¹ Para mais informações sobre isto, sugiro a leitura desta matéria: EXAME. Há um ano, o Facebook se tornou Meta: Veja os resultados até agora. Disponível em: <<https://exame.com/future-of-money/ha-um-ano-o-facebook-se-tornou-meta-veja-os-resultados-ate-agora/>> Acesso: 10 abr. 2023.

¹² EXAME. Mark Zuckerberg anuncia a compra do Instagram pelo Facebook. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/mark-zuckerbert-anuncia-a-compra-do-instagram-pelo-facebook/>> Acesso: 10 abr. 2023.

¹³ G1. Facebook compra o aplicativo Whatsapp por US\$ 16 bilhões. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-compra-o-aplicativo-whatsapp-por-us-16-bilhoes.html>> Acesso: 10 abr. 2023.

promissoras, tendo o próprio comentado: “Em duas horas todas as imagens estavam cheias de comentários, e tive muito sucesso nessa disciplina. Tivemos todos” (McGirt, 2007), o que demonstrou o potencial do *website* como importante ferramenta de partilha de conhecimento e de interação entre os alunos.

Em janeiro de 2004, Zuckerberg começa a definir o código para um novo *website* com o nome Thefacebook, referindo num artigo do jornal diário, Harvard Crimson, que o incidente do Facemash serviu de inspiração para a criação do Thefacebook, mas que, ao contrário do primeiro, foi criado de forma a cumprir todas as regras de segurança e privacidade de Harvard (Tabak, 2004). (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 170)

Ainda de acordo com Correia e Moreira (2014, p. 170), assim que o Facebook (no início o nome era Thefacebook) ficou pronto, um amigo sugeriu a Zuckerberg que ele divulgasse o website numa lista de e-mails de uma das casas onde viviam alguns estudantes de Harvard, e ele assim o fez, e em um dia conseguiram em torno de 1.200 a 1.500 registros. E após um mês, metade dos estudantes de Harvard já estavam registrados no site. O crescimento foi contínuo, expandindo o acesso para outras universidades.

Em 2005, no seguimento da compra do domínio facebook.com, Parker alterou o nome da empresa Thefacebook simplesmente para Facebook. O Facebook permitiu então o acesso de mais de 800 redes universitárias e inclusive redes de liceus (Arrington, 2005).

Em 2006, o Facebook continuou a expandir a sua base de redes, permitindo o acesso de mais de 22.000 redes de organizações comerciais (Zywica e Danowski, 2008).

A última grande expansão do Facebook ocorreu em 2006, com o alargamento da permissão de acesso a qualquer internauta com idade superior a 13 anos e com um endereço de *email* válido. [...] Mas mesmo depois deste sucesso, o Facebook mostra raros indícios de quebra na popularidade. De fato, ao expandir-se globalmente, atraindo, em simultâneo, uma grande variedade de grupos etários, esta rede registrou um crescimento rápido e contínuo (Brown, 2008). (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 171)

Contudo, apesar do sucesso desta plataforma, ela e Mark Zuckerberg já foram alvos de investigação por conta dos dados pessoais que quem se cadastra no Facebook precisa preencher ao efetuar o seu registro.¹⁴ A acusação seria de que os dados pessoais dos usuários, pelo Facebook, são acessados por terceiros. Ou seja, o acesso de empresas comerciais, por exemplo, o que acaba personalizando os anúncios comerciais presentes na plataforma, conforme os interesses dos usuários serviram de brecha para que a Cambridge Analytica se apropriasse desses dados sem a autorização desses usuários, utilizando-os para fins eleitoreiros, no caso, para impulsionar a campanha eleitoral de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos em 2016.

¹⁴ G1. Mark Zuckerberg é processado nos EUA devido ao caso Cambridge Analytica. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/05/23/mark-zuckerberg-e-processado-nos-eua-devido-ao-caso-cambridge-analytica.ghtml>> Acesso: 10 abr. 2023.

Esse escândalo colocou em dúvida se haveria no Facebook alguma preocupação com a proteção de dados de seus usuários. Com isso, Zuckerberg reconheceu alguns erros, propôs mudanças, e um acordo foi firmado em 2019, culminando no pagamento de uma multa por violação de privacidade.

Apesar das polêmicas, esta rede social segue sendo muito popular e bastante utilizada no Brasil. Desse modo, como se caracteriza o Facebook, ou seja, como ele funciona? O Facebook é uma rede social que se estrutura a partir do perfil individual de um usuário. Ao se cadastrar, você pode selecionar algumas questões relacionadas a gostos pessoais, como por exemplo, curtir e/ou seguir determinado artista, político, digital influencer, ideologias políticas, páginas religiosas, entre outros. Também é possível entrar em grupos, chamados de comunidades públicas ou privadas, nas segundas, só é possível entrar mediante aprovação de seus moderadores¹⁵.

Na página inicial do Facebook, como se trata de um perfil individual, há um espaço para texto com a seguinte frase: “No que você está pensando, (nome do usuário)?”, que é um local específico para a escrita de textos e/ou compartilhamento de links de matérias, fotos e vídeos de modo público e/ou apenas para seus amigos da rede social, como se fosse uma espécie de mural. E na chamada “linha do tempo”, a partir do rolamento da página, o usuário é apresentado a diversos tipos de conteúdo, todos relacionados a páginas, grupos, postagens e compartilhamentos públicos e/ou de amigos digitais. Outra característica importante do Facebook é o chamado Messenger, isto é, neste aplicativo também é possível trocar mensagens escritas e áudios curtos em tempo real com os seus contatos do Facebook, de modo privado. Além do que já foi mencionado, é possível vender produtos, carros, ou até mesmo imóveis a partir da função Marketplace, e o Facebook possui uma seção específica para jogos.

[...] a *homepage* (ou página inicial do Facebook) exibe toda a informação que está especificamente relacionada com o utilizador, de forma centralizada e atualizada em tempo real, incluindo um calendário personalizado de eventos e um *feed* de notícias, onde os contributos mais recentes dos amigos do utilizador são mostrados por ordem cronológica. Os utilizadores podem publicar fotografias e identificar e nomear outros utilizadores presentes nessas fotografias – a denominada *tag* – uma funcionalidade popular, que à data, confere ao Facebook o primeiro lugar no *ranking* de *websites* destinados à partilha de fotografias, com 48 milhões de imagens únicas (Lewis et al., 2008; Fletcher, 2010) (CORREIA; MOREIRA, 2014, p.173)

¹⁵ Moderadores e administradores são os usuários responsáveis por gerenciar os grupos e comunidades, fiscalizando se os demais usuários seguem as regras presentes na comunidade em questão, por exemplo. São também responsáveis por apagar comentários ofensivos, bem como expulsar do grupo o usuário que violar alguma regra.

O Facebook oferece algumas formas de interação social, tanto privada quanto pública, e isso ocorre além de texto, por meio de figuras animadas, gifs e/ou emojis. Na interação social pública o que mais ocorre é a possibilidade de “curtir” as postagens de amigos, sendo que isso acontece ao clicar na opção “like” (curtir), sendo possíveis sete tipos de reações representadas em sete tipos de emojis: o primeiro é o próprio curtir com o polegar para cima, em sentido de aprovação, o segundo é um coração, o terceiro é um emoji abraçando um coração, o quarto é um emoji gargalhando, o quinto representa “uau”, a partir de um emoji espantado, o sexto é um emoji chorando, e o sétimo é um emoji raivoso. Os sete emojis representam reações que partem de sentimentos que os usuários podem ter tido àquilo que foi publicado. Esses sete emojis então personificam o gostar, o amar, a empatia e/ou solidariedade, o humor, o espanto, a tristeza e a raiva, organizando assim boa parte da forma de se expressar no Facebook.

Sobre os grupos, ou comunidades presentes no Facebook, eles também possuem uma página inicial onde é possível ao membro do grupo fazer algum tipo de publicação ao selecionar a opção “discussão” e ir para “escreva algo”, bem como reagir às publicações. Geralmente as regras do grupo ficam afixadas no mural e há uma parte destinada a informações sobre o grupo. É possível visualizar todos os membros do grupo e acessar alguns conteúdos compartilhados, tanto em forma de texto, quanto em postagens e imagens. Há também um mecanismo de busca, para facilitar que o usuário encontre alguma postagem antiga do grupo através de uma ou mais palavras.

Além do Facebook, por conta deste trabalho, também se faz necessário abordar brevemente o surgimento e como se constituiu a rede social Instagram. O Instagram foi lançado no dia 6 de outubro de 2010¹⁶, criado pelo engenheiro de software Kevin Systrom, inicialmente com o nome de “Burbn”. O propósito do aplicativo para celular era resgatar a experiência adquirida através das fotos instantâneas das antigas máquinas fotográficas polaroides, que revelavam as fotos logo após serem tiradas. Dessa forma, o intuito seria aliar fotos, check-ins e planejamento num único aplicativo. Assim, de acordo com Mariana Vassalo Piza (2012, p. 7) os usuários deste aplicativo poderiam compartilhar fotos, vídeos, localização, planos de viagens, entre outros. Com o tempo, além de novos investidores, o brasileiro Mike Krieger se juntou a Kevin Systrom, e juntos reinventaram o aplicativo,

¹⁶ TECNOBLOG. A evolução do Instagram: das fotos quadradas à era dos vídeos. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/especiais/a-evolucao-do-instagram-das-fotos-quadradas-a-era-dos-videos/>> Acesso: 1 Maio 2023.

colocando em evidência as fotos como principal elemento, transformando-o em Instagram, tal qual é conhecido atualmente.

O Instagram foi um aplicativo pensado exclusivamente para o sistema operacional IOS, isto é, o sistema operacional de iPods, iPhones e iPads produzidos pela Multinacional Norte-Americana Apple, que produz eletrônicos, softwares e computadores, podendo ser baixado por meio da Apple Store, loja de aplicativos da Apple, gratuitamente. Posteriormente, o Instagram foi disponibilizado para outro sistema operacional, o Android, sistema presente em boa parte dos smartphones de várias marcas. Para que o Instagram possa ser utilizado, o usuário deve fazer um cadastro que envolve e-mail, algumas informações pessoais e uma imagem sua, assim como ocorre com o Facebook também.

Após o lançamento, o Instagram rapidamente passou a ser muito utilizado. A possibilidade de editar fotos já tiradas ou até mesmo, de tirar fotos e editá-las em tempo real, tendo à sua disposição diversos tipos de filtros, especificamente vinte e dois, ou seja, tipos de tratamento das imagens que envolvem a luz, sombra, deixam a imagem mais clara, mais escura, mudança de efeito das cores, dentre outros efeitos, que se tornou muito popular. E ao compartilhar uma foto, o usuário tem a possibilidade de escrever uma legenda para mesma e compartilhá-la em outros aplicativos ao mesmo tempo, como Facebook, Twitter, entre outros.

A conta do usuário do Instagram é pública e qualquer pessoa pode visualizar, contudo, é possível alterar as configurações, tornando a conta privada. E o contato e sociabilidade via Instagram é feito por intermédio de amigos, conhecidos, artistas, influenciadores digitais, dentre outros, que seguem o seu perfil, ou/e que você segue a pessoa também, tendo acesso a tudo que a pessoa compartilha. Se você é um usuário e entra no perfil de outro usuário que você segue, conseguirá visualizar quantos seguidores esta pessoa tem, quantos usuários ela segue, sua foto de perfil e quantas fotos/postagens realizou. O seu “feed”, isto é, fluxo web ou fonte web, é o local onde você visualiza e atualiza as postagens que aparecem pra você, ou seja, é semelhante à linha do tempo, presente no Facebook. Desse modo, você pode visualizar e curtir e também comentar em postagens feitas por pessoas que você segue no Instagram.

É importante destacar que o aplicativo Instagram foi pensado para ser utilizado em smartphones. É possível acessá-lo também num computador como site, por exemplo, todavia, algumas de suas funções não ficam disponíveis neste tipo de acesso, como a utilização de filtros nas fotos.

Outra questão importante é o uso das chamadas hashtags nas legendas das fotos compartilhadas:

Uma hashtag é um comando que tem a função de agrupar imagens relacionadas a um determinado assunto. Este recurso facilita a disseminação de um tópico, assim como organiza o acompanhamento do conteúdo e discussões feitas em relação ao tema colocado em pauta. As hashtags são muito usadas em convenções, palestras, encontros, onde tudo que está para acontecer ou já aconteceu é comentado em tempo real. E os usuários interessados no assunto podem se atualizar rapidamente através do buscador do encontrado no Instagram. Para criar uma hashtag, o usuário deverá taggear¹⁷ a imagem com símbolo # mais uma descrição do assunto, normalmente sem acentuação (ex.: #pordosol; #fotografianoturna; #instameet e assim por diante). Quando um usuário clicar uma hashtag, todas as imagens taggeadas com localizadores iguais irão aparecer. (PIZA, 2012, p. 12-13)

Periodicamente, algumas hashtags, assim como fotos e vídeos, acabam sendo mais compartilhadas por uma questão de engajamento nesta rede social. Alguns artistas ou pessoas famosas no Instagram acabam gerando o fenômeno atualmente chamado de “viralizar”. Isso significa que algo se popularizou e é muito compartilhado, isto é, por milhares ou até milhões de pessoas. Isso acabou criando também uma nova profissão para pessoas desconhecidas, a de Digital Influencer, e originando uma nova fonte de renda para artistas já consagrados, que consiste em criar conteúdo para o Instagram sobre um determinado tema, podendo ser patrocinado por diversas marcas, e em troca, por terem milhões de seguidores, esses usuários fazem publicidade em seu próprio perfil.

No próximo capítulo serão abordados alguns aspectos teóricos e metodológicos sobre a Antropologia Digital, campo de pesquisa considerado recente, e também sobre etnografia digital, para que se possa entender como se desenvolve uma pesquisa baseada no universo on-line e como utilizar a técnica da etnografia no campo da internet.

3.2 Antropologia Digital

Os grupos e páginas feministas evangélicas analisados nesta tese se articulam principalmente através das redes sociais, fazendo com que seja vital o entendimento dos mesmos por meio de instrumentos analíticos de pesquisa que considerem o mundo digital como produtor de sociabilidade tanto on-line quanto off-line.

Com as redes sociais on-line, os estudos sobre as culturas digitais permitem a construção de metodologias e instrumentos de pesquisa que articulem as práticas on-line e off-line, sem perder de vista a diversidade dos usos e apropriações das tecnologias digitais de

¹⁷ Segundo Piza (2012, p. 12-13), “Tags” são palavras-chaves que os usuários podem salvar como favoritos, de modo a ajudá-los a organizar seus conteúdos. Desse modo, numa página pode ter várias tags.

comunicação. Nesse sentido, uma referência metodológica importante é a contribuição de Heather Horst e Daniel Miller (2015), que dissertam sobre uma subdisciplina, a Antropologia Digital.

O artigo busca entender as tarefas de uma Antropologia Digital a partir de um confronto direto entre o humano e o digital. Então, constrói seis princípios centrais: 1) o digital e a dialética; 2) a cultura e o princípio da falsa autenticidade; 3) transcendendo o método por meio do princípio holístico; 4) a questão da “voz” e o princípio do relativismo; 5) Ambivalência e o princípio de abertura e fechamento; 6) normatividade e o princípio da materialidade. (HORST; MILLER, 2015, p. 91)

Desse modo, Horst e Miller (2015, p. 91) constroem seis princípios que constituem a chave para questões e preocupações da Antropologia Digital. Para eles, o digital intensifica a natureza dialética da cultura, isto quer dizer que o termo *digital* se refere a tudo que pode ser desenvolvido ou reduzido a código binário, simplificando a informação e a comunicação, porém produz um aprofundamento no aumento das diferenças e particularidades. A dialética diz respeito ao relacionamento entre esse crescimento em universalidade e particularidade e as conexões intrínsecas entre seus efeitos positivos e negativos, como já foi abordado de maneira breve anteriormente.

As tecnologias digitais produzem uma relação dialética porque estimulam o crescimento da universalidade (relacionada com a questão da globalização), estabelecendo conexões e sociabilidades entre pessoas de diversos países, e também das particularidades, ou seja, o uso da internet e das redes sociais para a expressão cultural local, como propagação de suas tradições.

Estes autores ressaltam que a humanidade não estaria nem um pouco mais mediada pela ascensão do digital, isto é, já havia mediação similar anteriormente com o advento da televisão, por exemplo, e para a antropologia, não existe a ideia de ser humano puro e não mediado, pois “[...] somos todos resultados da cultura como mediação, seja através das regras de parentesco e religião [...]” (HORST; MILLER, 2015, p. 99).

Ainda sobre a questão da mediação, no caso da religião, segundo Horst e Miller (2015, p. 98):

[...] não é que a mídia simplesmente media um elemento fixo chamado religião. A religião, em si, é uma forma de mediação altamente comprometida que se mantém muito preocupada com controlar e usar as consequências de mídias específicas. Isso é evidente quando pensamos na relação entre o protestantismo e a mídia digital. Primeiro, vemos um paradoxo. Parece muito estranho que durante os séculos em que os protestantes tentaram eliminar todos os objetos que mantinham-se no caminho de uma relação não mediada com o divino enquanto católicos adotavam uma proliferação de imagens. Ainda assim, quando falamos da mídia digital moderna, a

posição é praticamente a contrária. Não são os católicos, mas os evangélicos protestantes, que parecem abraçar com espontaneidade todo novo tipo de mídia, desde a televisão ao Facebook.

Desse modo, de acordo com Horst e Miller (2015), os evangélicos são entusiastas das novas tecnologias. Isso acontece, pois para eles, a mídia não tem o papel de mediação, do contrário, se oporiam às mídias digitais. Entende-se que os evangélicos veem a mídia como uma facilitadora de uma relação mais direta, sem mediações, com Deus, via experiências religiosas marcadas pela emotividade. Importante ressaltar também, a utilização das mídias sociais com fins proselitistas, algo observado antes mesmo da internet, como o rádio e a televisão, que também foram e ainda são utilizados pelos evangélicos, principalmente a partir da segunda onda do Pentecostalismo e atualmente no Neopentecostalismo.

Voltando o enfoque sobre a questão do mundo digital, a constatação de que o mundo pré-digital teria maior legitimidade em detrimento do mundo digital, e de que o último prejudicaria as relações sociais, não está correta. Ambos seriam autênticos, pois a cultura digital já é algo que faz parte do cotidiano do indivíduo e também se constitui numa forma de expressão e de ação. Isso quer dizer que as tecnologias digitais fornecem meios de sociabilidade e de expressão culturais tão importantes quanto aqueles considerados reais.

Dividiremos estas motivações para manter um comprometimento com o holismo em três categorias: as razões pertencentes ao indivíduo, àquelas pertencentes ao etnográfico e aquelas pertencentes ao global. A primeira é a simples observação de que ninguém vive uma vida completamente digital e nenhuma mídia ou tecnologia digital existe fora de redes que incluem tecnologias ou mídias analógicas. (HORST; MILLER, 2015, p. 100)

Logo, a proposição dos autores é a de utilizar o método etnográfico numa pesquisa que envolva mídias digitais, considerando todos os aspectos que englobam a vida do indivíduo e não apenas o que ocorre digitalmente: vida pessoal, cultura, política, religião, tradição, dentre outros.

O quarto princípio reafirma a importância do relativismo cultural e a natureza global de nosso encontro com o digital, negando premissas de que o digital está, necessariamente, homogeneizando e também dando voz e visibilidade aqueles que foram jogados às periferias por modernistas e perspectivas similares. O quinto princípio está preocupado com a ambiguidade essencial da cultura digital considerando-se o seu aumento de abertura e fechamento; ambiguidade que emerge em assuntos que variam desde políticas e privacidade a autenticidade da ambivalência. (HORST; MILLER, 2015, p. 92)

Segundo Horst e Miller (2015, p. 92), o princípio final reconhece a materialidade de mundos digitais, não sendo mais nem menos materiais do que os precedentes.

As perspectivas teóricas sobre cultura material mostraram como a materialidade e, também, o mecanismo por trás de nossas observações finais; também nossas justificativas primárias para abordagem antropológica. Isso diz respeito à capacidade

incrível da humanidade de restabelecer-se normativamente tão rápido quanto as tecnologias digitais criam condições de mudanças. [...] O digital, assim como toda a cultura material, é mais do que um substrato; está constituindo-se como parte do que nos faz humanos. Este é o primeiro ponto do emergir de uma Antropologia Digital. (HORST; MILLER, 2015, p. 92)

Em termos metodológicos, a pesquisa em questão considera tanto a antropologia interpretativa de Geertz (2008), quanto a Antropologia Digital, de Horst e Miller (2015), porque se pretende partir de quatro grupos e/ou páginas das redes sociais Facebook e Instagram como objetos de pesquisa: o grupo Feministas Cristãs, do Facebook; o coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), presente no Facebook, Instagram e possui site próprio; Rede de Mulheres Negras Evangélicas; Projeto Redomas e Vozes das Redomas, estes dois últimos são página e grupo presentes no Facebook. Desse modo, nessa pesquisa majoritariamente qualitativa, a etnografia digital foi utilizada como recurso metodológico.

Esta pesquisa se propôs a realizar uma etnografia digital, tomando como universo empírico grupos e/ou páginas recentemente criados no Facebook e Instagram: Feministas Cristãs, Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e Vozes das Redomas. Realizamos observação e registro em diário de campo, bem como procuramos estabelecer interações dialógicas com os interlocutores presentes nestes espaços.

Para auxiliar na realização do trabalho etnográfico, tomamos como uma das referências metodológicas Clifford Geertz (2008), com sua proposta interpretativa na elaboração de uma descrição densa. O autor se utiliza de uma metáfora para definir o que faz a Antropologia Interpretativa, sendo a leitura das sociedades como textos ou como análogas a textos. Para ele,

A interpretação ocorre em todos os momentos do estudo, da leitura do texto cheio de significados que é a sociedade, à escritura do texto do antropólogo, interpretado por aqueles que não passaram pelas experiências do autor do texto escrito. Todos os elementos da cultura analisada devem ser entendidos, portanto, à luz desta textualidade imanente à realidade cultural. (GEERTZ, 2008).

Para Geertz (2008, p. 10-11), “[...] nossas formulações dos sistemas simbólicos de outros povos devem ser orientadas pelos atos”. Dessa forma, as descrições culturais elaboradas pelos antropólogos consistem em construções que os mesmos imaginam que os povos da cultura pesquisada elaboram através de sua vivência cotidiana e ao definirem o que ocorrem consigo mesmos.

Observa-se assim, que partindo dessa metodologia interpretativa, Geertz (2008) procura analisar a cultura estudada a todo o momento, não apenas na elaboração do texto

etnográfico, interpretando o que observa, procurando entender que sentido o nativo atribui a suas próprias práticas. Desse modo,

O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.”(GEERTZ, 2008, p. 4)

Assim, vê-se que Geertz (2008) defende a cultura como um sistema de signos que deve ser interpretado, em que o indivíduo vive num sistema de significados que ele próprio construiu.

Partindo da observação das ações cotidianas dos agentes, o objetivo do antropólogo é elaborar a descrição densa, que consiste na busca de significados entrelaçados, diferenciando-se, assim, de uma simples descrição. É dessa maneira que nos preocupamos em elaborar a etnografia sobre os grupos citados, mesmo que os mesmos façam parte do mundo digital.

Além da questão metodológica e sobre o conceito de cultura, Clifford Geertz (2008) no livro *A Interpretação das Culturas*, também discorre sobre a religião, de modo a compreendê-la através da interpretação da mesma, entendendo como se configura o pensamento religioso e a compreensão do indivíduo que crê. Para ele, a religião é um sistema de símbolos, portanto, algo a ser decifrado, pois tudo o que é simbólico está, na verdade, dotando de um sentido determinada coisa, e neste caso, este sistema cumpre um papel, que é o de tornar a concepção religiosa factível.

Geertz (2008, p. 67) afirma que a religião é:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Portanto, a religião, e conseqüentemente o sagrado para Geertz é uma interpretação do real e uma forma de agir na realidade tendo por referência determinado sistema simbólico religioso. A diferença é o modo de análise a que ele se propõe: se referir à religião como um sistema de símbolos, isto é, tendo em vista que símbolos podem ter diversas interpretações, mas a que ele se atém é a utilização do símbolo “para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o “significado” do símbolo.” (GEERTZ, 2008, p. 67).

Cabe aqui ressaltar que nesta tese considera-se a concepção de cultura e religião cunhada por Geertz (2008), procurando assim, através da experiência etnográfica, fazer uma observação participante envolvendo interações digitais, buscando entender as condições sociais de produção do discurso feminista evangélico, presente, por exemplo, numa frase defendida por muitas feministas evangélicas: “machismo é pecado”, bem como a ressignificação de práticas sociais e religiosas, tendo em vista sua relação e/ou interpretação do feminismo evangélico, bem como o papel social e religioso da mulher.

3.3 A Antropologia Digital e a Etnografia Digital: a adaptação da análise antropológica à realidade digital

Segundo Cláudia Pereira Ferraz (2019), a etnografia como método, quando associada ao campo online, tem sido apropriada por muitas áreas além da Antropologia. Ferraz (2019) também ressalta que a condição digital da cultura contemporânea tem se alastrado em todas as esferas das relações sociais (se apresentando também como campo e/ou objeto de pesquisa).

Embora alguns pesquisadores se recusem a analisar o mundo digital, é difícil ignorar as recentes mídias no cotidiano das relações sociais como o fato social de nossa atualidade. Dessa forma, o ideal não seria abandonar os métodos antropológicos tradicionais, mas repensá-los e adaptá-los para poderem explicar as relações culturais entrelaçadas pelas tecnologias nas relações sociais e materiais.

Na Antropologia digital, os informantes e o contato local são “[...] substituídos por ícones em telas conectadas via online” (FERRAZ, 2019, p. 48).

Portanto, é a partir da entrada nos sites de busca e nas redes sociais onde se encontram as referências preliminares das diferentes temáticas do estudo, correspondendo ao lugar onde se inicia o emprego da etnografia. Não obstante a isso, ao considerar a Internet como portal de dados, podemos convergir sobre o caminho da proposta etnográfica tradicional de Mauss (1993, p. 5-7), que se denota na ação do etnógrafo em “observar e classificar os fenômenos sociais”, pois as “diversas formas de olhar”, agora em rede digital, de antemão proporcionam “o contato com um universo de possibilidades de estudos” em constante movimento (FERRAZ, p. 48, 2019)

Ferraz (2019, p. 48) também ressalta que a extensão do método para as práticas em rede não corrompe a Antropologia, mas sim reatualiza a etnografia pela possibilidade do encontro com uma série de dados, que separados, parecem não ter significado, mas que juntos, seguindo a linha de Mauss, seguem a representação da concentração de uma série de princípios e valores.

No ambiente digital, as defesas de ideias radicais ou fundamentalistas em publicações em redes sociais tornam-se fragmentos das representações digitais da sociedade contemporânea, as quais conferem amplitude a todas as vozes de todos os grupos e comunidades, incluindo aqueles que não aceitam o outro, em virtude de valores sociais baseados em nacionalidade, classe, raça e gênero. Isso, segundo Ferraz (2019), justifica, de acordo com Latour, o fracasso do projeto de liberdade, igualdade e fraternidade da modernidade diante das atuais crises das democracias do mundo.

Tal acontecimento é digitalmente refletido e pode ser analisado e comprovado na ação dos atores sociais/digitais e suas representações e registros publicados em rede. Por isso, a observação sobre tais demandas em redes sociais pode legitimar a extensão da etnografia tradicional ao campo online das relações sociais, representativas dos fatos sociais.

O trabalho *Da Etnografia Virtual à Etnografia Online: Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital*, de Cláudia Pereira Ferraz e André Porto Alves (2017, p. 9), procura explicar o percurso das metodologias de investigação científica acerca da tecnologia das comunicações online como plataformas para estudos de análises etnográficas. Segundo os autores, esse é um campo de pesquisa que tem se desenvolvido desde o final dos anos noventa, concomitantemente como investigação do fenômeno dos avanços tecnológicos da internet.

Tal fato pode ser demonstrado pelo emprego da *ciber etnografia*, como método de análise em duas comunidades virtuais, presente no trabalho de Ward (1999:01,02). Esta pesquisa foi selecionada para buscar entender como se pensava as comunidades online convergindo a condição física com a virtual, no que a autora do texto chamou de hibridização (destas duas esferas). Isso aponta de maneira específica, o marco das relações sociais online na contemporaneidade ocorrendo fundamentalmente, a partir da emergência das mídias móveis e das redes sociais digitais. (FERRAZ; ALVES, 2017, p. 9)

Mesmo antes da existência de redes sociais como o Facebook, Twitter e Instagram, no estudo de Ward, mencionado pelos autores, já havia a compreensão de que *a ciber etnografia* deveria ser utilizada como método objetivo para analisar os fenômenos em redes digitais. “Esta metodologia possibilita a observação do comportamento social na rede e sua interação com a comunidade online, formando um campo vasto, em que, espontaneamente, dados pessoais são tornados públicos [...]” (FERRAZ; ALVES, 2017, p. 9-10), oferecendo assim uma diversidade de informações para coleta de dados.

Ferraz e Alves (2017, p. 10) apontam que a tecnologia é moldada pelo social, isto é, que ela se mostra como uma ciência necessária para cobrir utilidades, as quais reagem às

esferas econômicas, políticas, culturais e técnicas. Desse modo, existem, por exemplo, diversos aplicativos para mídias móveis que controlam e monitoram dados pessoais, que se desenvolvem com a interação em ambiente online, se desdobrando em fenômenos sociais derivados do ciberespaço.

“Mais que um campo de interação social, as mídias em rede *online* produzem e reproduzem comportamentos, valores e preceitos do controle hegemônico desempenhado pela cultura a que estão submetidas”. (FERRAZ; ALVES, 2017, p. 10).

Complementando, segundo Mercado (2012, p. 1), a etnografia digital estuda as práticas sociais na internet e o significado delas para os participantes. Concentra-se num estudo detalhado das relações nos espaços digitais, resultando na formação de comunidades e na emergência de novas formas de sociabilidade.

Os principais instrumentos de coleta de dados na pesquisa etnográfica digital que foram utilizadas nessa pesquisa foram: o questionário online, de modo a aprofundar as informações coletadas, procurando assim interpretar significados e detalhes não capturados em outras técnicas. Assim, elas foram feitas via preenchimento do formulário on-line, para que as informantes pudessem se expressar mais livremente e falarem de si mesmas e de questões relevantes para a pesquisa; também utilizamos a observação de interações mediadas pelas ferramentas comunicacionais, ou seja, observação de mensagens e discussões presentes em comunidades digitais, dentre outros, com o intuito de explicar o cenário, a relação dos participantes (número, idade, características, religião), ou seja, caracterizar o objeto de pesquisa.

A observação participante on-line foca principalmente os desempenhos e comportamentos no ambiente virtual (estatística e avaliação). O pesquisador combina a observação com a participação, sendo agente principal da pesquisa. O grau de participação é variável segundo o tipo de estudo, assumindo o pesquisador o papel de observador e em outras de participantes das interações nos ambientes virtuais. O objetivo da observação participante é desvelar os encontros que permeiam o dia a dia da prática on-line, descrever as ações e representações de seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano virtual. (MERCADO, 2012, p. 8)

Dessa forma, tendo em vista as concepções de Geertz (2008), Horst e Miller (2015) e Mercado (2012), a metodologia desta tese se concentrou em realizar uma pesquisa qualitativa baseada na etnografia realizada em espaço digital, tendo como técnica a observação participante. Para isso, houve a elaboração de um formulário online através da ferramenta Google Documentos (Google Docs) e a aplicação desse questionário online, a fim de obter

respostas das mulheres que se identificam como feministas evangélicas, e que seguem as páginas e/ou grupos pesquisados; observação de mensagens e discussões nas comunidades digitais, documentos digitais e grupos de discussão online.

3.4 Cibercultura e Ciberespaço

Todo esse mundo digital anteriormente explanado passa a constituir parte importante da vivência humana, proporcionando a fundação de um campo de estudos e pesquisas específicos sobre isso, derivando na criação e adaptação de metodologias de pesquisa ao campo digital. Esse campo é o que se reconhece como Ciberespaço e a também Cibercultura.

De acordo com Eduardo Araújo da Silva (2014, p. 2), o Ciberespaço é um espaço de comunicação que não necessita fisicamente da presença humana para estabelecer a comunicação como fonte de relacionamento, estabelecendo a imaginação como necessária para a criação de uma imagem anônima, que terá comunhão com as pessoas que ali estão.

Para ele, a internet é o principal ambiente do Ciberespaço, todavia, devido a sua popularização, ele também pode ocorrer na relação do ser humano com outras tecnologias, como, por exemplo: celulares e tablets, muito utilizados atualmente.

Silva (2014, p. 2) ressalta que o termo Ciberespaço foi criado em 1984 por William Gibson, um escritor norte-americano que utilizou este termo em seu livro de ficção científica chamado *Neuromancer*. Este livro retrata uma realidade que se origina através da produção de um conjunto de tecnologias enraizadas na sociedade, e que procura modificar as estruturas e princípios desta e dos indivíduos que nela encontram-se inseridos.

Desse modo, Silva (2014), aponta que o Ciberespaço é definido como o espaço de comunicação formado pela interconexão mundial dos computadores e das suas memórias. Ele elimina os limites territoriais por conectar pessoas de diversas partes do mundo, e também supera as barreiras do espaço e do tempo. O Ciberespaço constitui-se num espaço digital de trocas simbólicas entre as pessoas por meio de conhecimentos e ideias transmitidas a partir de dados, símbolos digitais, textos, imagens, sons e vídeos. Isto é, o Ciberespaço é considerado o espaço de troca de informações na cultura contemporânea a partir de serviços online como sites, aplicativos, redes sociais e jogos, por exemplo.

Todavia, o Ciberespaço engloba três elementos: a virtualidade, digitalidade e materialidade, pois as informações e interações que ocorrem constituem representações digitais, portanto, não possuem correspondentes no mundo material.

Mas o que seria possível fazer no Ciberespaço e para o que ele é utilizado? Em seu âmbito, as pessoas podem criar identidades virtuais, participar de comunidades online,

realizar vários tipos de atividades educacionais, comerciais e também de lazer. Além disso, é um ambiente em transformação constante, porque sempre surgem novas tecnologias e aplicativos, oferecendo uma gama de funcionalidades que atraem os usuários.

É importante dizer que o Ciberespaço atualmente se caracteriza como uma espécie de extensão do mundo físico, influenciando em vários aspectos da vida, bem como desempenha um papel muito importante na cultura, na política, na educação, na sociedade, de modo geral.

Complementando, Silva (2014) diz que a Cibercultura especifica um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do Ciberespaço, resumindo as progressivas transformações a que a sociedade digitalmente incluída tem sofrido. Segundo Pierre Lévy (1999), Cibercultura “é um fluxo contínuo de ideias, práticas, representações, textos e ações que ocorrem entre pessoas conectadas por computadores”. Sendo que tablets e smartphones também se encontram inseridos na Cibercultura devido ao seu uso para acessar a internet.

A Cibercultura também é responsável por influenciar e caracterizar a cultura na qual vivemos, ou seja, como as pessoas se relacionam, aprendem, consomem informações, se divertem. Enfim, ela funda novas formas de interação social e de construir identidades.

Assim, percebe-se que Cibercultura e Ciberespaço se referem a conceitos relacionados ao avanço tecnológico, principalmente em relação à comunicação, sendo o surgimento da internet o principal marco para o desenvolvimento de uma compreensão das relações sociais baseada nesses conceitos.

Neste sentido, Levy (1999) problematiza algumas questões relacionadas ao advento da internet, como a relação entre construção do conhecimento e o fácil acesso a informações proporcionadas pela tecnologia, bem como a desterritorialização e digitalização de comunidades através do Ciberespaço. E também a própria constituição da Cibercultura como uma cultura que influencia as práticas sociais e digitais, ou seja, que envolve tanto o universo off-line quanto o on-line, sendo que o que é criado em meio digital, pode ter implicações e/ou impactar o mundo off-line.

A Cibercultura, desse modo, procura analisar como se estrutura e se caracteriza essa dependência digital, na qual tanto os indivíduos quanto a sociedade se encontram imersos e as novas possibilidades de expressão cultural cibernética.

A partir de então, Cibercultura e o Ciberespaço são conceitos utilizados para o entendimento de novos fenômenos sociais em ambiente digital. Estando on-line, as pessoas podem compartilhar fotos, textos, vídeos, de maneira a representar um tipo ideal de realidade.

Isso quer dizer que as pessoas podem fingir ser o que não são nas redes sociais? Sim, isso pode acontecer, assim como crimes cibernéticos através dessas ações, indicando os possíveis problemas e desafios a serem enfrentados com relação ao uso da tecnologia: segurança on-line, privacidade, dependência digital e exclusão digital, dentre outros.

Todavia, as redes sociais se tornaram um espaço de reprodução cultural, isto é, não só como ferramentas para demonstrar seu cotidiano, como também para corresponder à expectativa de ideais como “felicidade”, “relacionamento perfeito”, dentre outras questões. Ou seja, o mundo digital é um mundo no qual não se admite erros e falhas.

Entende-se, assim, que a vida demonstrada em ambiente digital se entrelaça com a realidade, produzindo uma vivência e convivência humana atual que não pode mais ser concebida sem considerar as redes sociais e a utilização de smartphones para este fim. As tecnologias digitais, e, especificamente, as redes sociais, ultrapassaram o papel inicialmente atribuído a elas de facilitar e globalizar a comunicação, para assumir uma dimensão do que nos faz humanos atualmente. É possível constatar isso ao observarmos diversas funções e atribuições de órgãos públicos e bancos, por exemplo, que passaram a ser executados com o auxílio das tecnologias digitais.

3.5 Contextualização e breve explicação sobre os Feminismos, Movimento Feminista e a criação do Ciberfeminismo

Como a temática de pesquisa envolve o feminismo evangélico no âmbito das redes sociais, se faz necessário explicar brevemente sobre alguns momentos-chave para o feminismo e o desenvolvimento feminista, assim como o seu impacto e organização a partir das redes sociais mais recentemente.

A princípio, é importante deixar claro que atualmente é praticamente impossível determinar o feminismo como algo único e coeso, pois enquanto movimento, procurou se organizar a partir de questões femininas específicas levando em consideração o contexto histórico de cada época. Isso significa que é um movimento em constante transformação e fruto de segmentações identitárias, portanto, faz mais sentido entendermos enquanto “feminismos”.

Historicamente houve a ascensão de alguns movimentos, reivindicações e lutas majoritárias que se destacaram quando nos referimos a feminismos. De acordo com Franchini (2017)^[1], entende-se que do fim do século XIX até meados do século XX, imperou o chamado feminismo liberal.

O feminismo liberal é uma linha de pensamento feminista referente à teoria política e econômica do liberalismo, que a partir do século XVII, consistia em se opor às monarquias absolutistas, criticando a falta de direitos, mobilidade social e o autoritarismo. Contudo, defendia as liberdades individuais, e não as coletivas.

Segundo Bruna Santiago Franchini (2018), no início, o liberalismo se relacionou com o feminismo a partir da questão do direito ao voto feminino, já que em tese, o liberalismo defendia que todos os seres humanos seriam iguais e, portanto, teriam direitos civis. Todavia, quando as próprias mulheres passaram a refletir e criar teorias para analisar e interpretar sua condição social, as teorias masculinas passaram a ser criticadas. As feministas se deram conta de que os homens, em sua maioria, brancos e burgueses, elaboraram teorias que são e sempre foram excludentes, por mais que dissessem ser universais, fazendo assim com que o liberalismo se tornasse um inimigo do movimento feminino, “porque desconsidera as estruturas da sociedade, que em algum grau condicionam, em algum grau limitam as nossas liberdades, independentemente de nós os termos institucional e formalmente” (FRANCHINI, 2018).

Em suma, este período foi marcado pelas chamadas sufragistas, algo que ocorreu primeiro na Inglaterra, em que reivindicavam o direito ao voto e os papéis sociais das mulheres da época. É importante destacar que este período histórico foi marcado por uma sociedade industrial, urbana, voltada para a ciência, política e economicamente liberal, apesar do surgimento do socialismo, da luta por participação política, do questionamento das condições de trabalho dos operários, por exemplo, mas, nada disso incluía as mulheres.

A retórica predominante [...] é o liberalismo e o universalismo. As mulheres defendiam que homens e mulheres, por serem iguais (principalmente nos quesitos moral e intelectual), deveriam ter iguais oportunidades (de estudos, de trabalho, de desenvolvimento, de participação política, de posições, enfim). É um feminismo que prega igualdade (FRANCHINI, 2017).

Neste período, a inglesa Mary Wollstonecraft se destacou ao publicar “*Reivindicação dos Direitos das Mulheres*”, em 1792, obra que foi influenciada pela Revolução Francesa. Nessa obra, Wollstonecraft embasava seu pensamento na “[...] educação das mulheres, o direito ao voto e a igualdade no casamento, em particular, o direito das mulheres casadas a dispor de suas propriedades”. (MIGUEL, 2015). Outras pensadoras feministas foram muito importantes neste período, como, por exemplo: Olimpe de Gouges, Judith Sargent Murray, Elizabeth Cady Stanton e Sojourner Truth.

Em 1848, cerca de 100 mulheres se reuniram em uma convenção em Seneca Falls, Nova York, para ratificar a *Declaração dos Sentimentos*, escrita principalmente por Elizabeth Cady Stanton, para defender os direitos naturais básicos da mulher. As autoras desta Declaração reclamavam que as mulheres estavam impedidas de conseguirem empregos melhores, além de não receberem pagamento equitativo pelo trabalho que realizavam. As mulheres também estavam excluídas de profissões tais como teologia, medicina e advocacia e todas as universidades estavam fechadas para elas. Elas também denunciaram um duplo padrão de moralidade que condenava as mulheres a penas públicas, enquanto excluía os homens dos mesmos castigos em relação a crimes de natureza sexual.

Logo, a *Declaração dos Sentimentos* foi um marco significativo no movimento feminista, e suas reivindicações atraíram muitas adeptas, apesar, e por causa das grandes barreiras impostas às mulheres que se expunham na defesa de seus ideais. As leis do divórcio foram liberalizadas e grandes mudanças ocorreram com a posição legal da mulher dentro do contexto do casamento. Por volta dos anos 30, como resultado de sua educação qualificada e profissional, as mulheres começaram a entrar no mercado de trabalho como força competitiva. Assim, muitas barreiras legais, políticas, econômicas e educacionais que restringiam a mulher foram removidas.

Apesar da predominância de mulheres brancas e de maior poder aquisitivo, no mesmo período, além delas, também existiram mulheres negras reivindicando direitos civis, como Sojourner Truth, que além da questão feminina, englobava a abolição da escravatura. E, contrariando o liberalismo, também tiveram mulheres que incluíram as teorias socialistas e marxistas às suas pautas de reivindicações, como as mulheres operárias.

Segundo Alves (2013, p. 2), "Essa fase era a do feminismo "bem-comportado" e sinalizava o caráter conservador desse movimento. Nesse momento, ainda não era questionada a opressão da mulher".

Isso mudou em meados dos anos 50 até a metade dos anos 90 do século XX, tempo marcado, segundo Franchini (2017), por estudos sobre a condição da mulher, de modo a criar uma teoria sobre a origem da opressão feminina. O movimento feminista desse período se destacou mais ativamente nas décadas de 60 e 70 com o chamado feminismo radical, direcionando a reflexão feminista para a exploração das mulheres e acerca de seus direitos reprodutivos e discussões sobre sexualidade.

É mais ou menos aqui que começa a distinção entre *sexo* e *gênero*, sendo que aquele passa a ser entendido como uma característica biológica; e este, como uma construção social, um conjunto de características e de papéis imposto à pessoa dependendo de seu sexo. (FRANCHINI, 2017).

Desse modo, pode-se estabelecer que um dos eventos importantes desta época foram os protestos contra os concursos de Miss Estados Unidos nos anos de 1968 e 1969 (FRANCHINI, 2017). Vários grupos feministas protestaram alegando que os concursos de beleza objetificavam as mulheres, disseminando a ideia de que a aparência da mulher seria mais importante do que o que ela pensa.

Uma frase marcante relacionada a este episódio foi “a irmandade entre mulheres é poderosa” (FRANCHINI, 2017), o que se alinha às táticas feministas de conscientização das mulheres através de atividades coletivas, propiciando assim, o que hoje entendemos como o empoderamento dessas mulheres enquanto coletividade.

O objetivo dessas mulheres era buscar “[...] identificar a origem da condição feminina — por que somos oprimidas, e o que todas as mulheres do mundo têm em comum que justifique estarmos todas, coletivamente, em situação pior do que a dos homens, de forma geral?” (FRANCHINI, 2017). A resposta encontrada por essas feministas para este questionamento foi a de que o sexo e a capacidade reprodutiva seriam as origens da opressão feminina.

A mulher desde sempre esteve atrelada, social e economicamente, à sua função reprodutiva, e o patriarcado, assim como o capitalismo, consiste essencialmente, também, na exploração dessa capacidade. O patriarcado é inerente à sociedade burguesa (de exploração), portanto. [...]. (FRANCHINI, 2017)

Uma das autoras mais importantes que marcou o que conhecemos sobre feminismo moderno foi Simone de Beauvoir (2009). Entende-se que desde os primórdios da existência humana, o homem, na maioria das vezes, tem exercido dominação sobre a mulher. Isso significa que a figura feminina foi socialmente construída através dos tempos como a de um ser frágil, dócil, que exala feminilidade e que é submissa ao homem, isto é, inferiorizada pelo mesmo. Neste sentido, Simone de Beauvoir (2009), no livro *O Segundo Sexo* (2009), procura questionar o que é uma mulher e tudo que é atribuída a ela. Para Beauvoir (2009, p. 16), "todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade". Ou seja, em sua constatação, conforme a sociedade, alguém do sexo feminino só é considerada mulher se for feminina.

Beauvoir (2009) compreende que a humanidade é masculina e o homem é que define a mulher, relativamente a ele, ou seja, a mulher não existe e não pensa se não for nessa relação

de dependência com o homem. Dessa maneira, entende-se que as mulheres eram obrigadas a se encaixar nos padrões criados pelos homens, que sempre as colocavam em posição de subordinação. Elas não poderiam ter vontade própria, pois a existência das mesmas somente se legitimava em função da satisfação masculina.

Desse modo, uma cultura se expressa através da transposição das relações biológicas, para sistemas de oposições, o que ocorre na relação entre homem e mulher, pois, o homem, ao rejeitar a consciência feminina, se constitui como sujeito em oposição à mulher, alçada à condição de objeto. Não haveria então reciprocidade na relação entre ambos, logo, a alteridade, que seria o ato de se colocar no lugar do outro, não ocorre, e a desigualdade entre homens e mulheres persiste.

Logo, as mulheres, segundo Beauvoir (2009), foram definidas e diferenciadas tomando como referencial o homem e não como referência elas mesmas. Ela acreditava que o sexo masculino compreendia a medida primeira pela qual o mundo inteiro era medido, incluindo as mulheres, sendo elas definidas e julgadas por este padrão. O mundo pertencia aos homens. As mulheres eram o “outro” não essencial. Simone de Beauvoir observa esta desigualdade do status sexual em todas as áreas da sociedade, incluindo a econômica, industrial, política, educacional e até mesmo em relação à linguagem. E as mulheres foram forçadas pelos homens a se conformarem e se moldarem àquilo que os homens criaram para seu próprio benefício e prazer.

No início dos anos 60, a jornalista americana Betty Friedan (2020) transformou os conceitos filosóficos de Simone de Beauvoir em algo mais compreensivo para a mulher moderna ao publicar *A Mística Feminina*, um livro onde examinava o papel da mulher norte-americana. Para Friedan (2020), as mulheres dos seus dias foram ensinadas a buscar satisfação apenas como esposas e mães. Ela afirmou que essa mística do ideal feminino tornou as mulheres infantis e frívolas, quase como crianças, levianas e femininas; passivas; garbosas no mundo da cama e da cozinha, do sexo, dos bebês e da casa. Friedan (2020) batizou o dilema das mulheres de “um problema sem nome”. Ela concordou com Beauvoir (2009) que a libertação das mulheres necessitava de mudanças estruturais profundas na sociedade, e para isto, as mulheres precisariam ter controle de suas próprias vidas, definirem-se a si mesmas e ditar o seu próprio destino.

No final dos anos 60, a autora feminista Kate Millett (2017) usou o termo “patriarcado” para descrever o “problema sem nome” que afligia as mulheres (LOPES, 2016).

A palavra patriarcado era usada para descrever o domínio social do homem e a inferioridade e a subserviência da mulher. As feministas viram o patriarcado como a causa do descontentamento das mulheres. A palavra patriarcado define o problema que Beauvoir (2009) e Friedan (2020) não puderam nomear, mas conseguiram identificar. Desse modo, o patriarcado representa o poder dos homens que oprime as mulheres e que seria o responsável pela infelicidade delas, dessa forma, a destruição do patriarcado traria de volta a plenitude das mulheres.

Para Alves (2013), esse momento do feminismo incluía líderes operárias, anarquistas e mulheres intelectuais, sendo que defendiam o direito à educação, abordando temas como a dominação masculina, a sexualidade e o divórcio.

E foi neste contexto, na década de sessenta, nos Estados Unidos, que o movimento feminista, de forma organizada, se iniciou e depois se espalhou pelo mundo. Nessa época, a busca por direitos e autonomia da mulher, bem como o questionamento acerca do papel social desempenhado pela mesma até então, caracterizavam uma prática efetiva do movimento.

Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias. (PINTO, 2010, p. 16)

Já no Brasil, a década de sessenta se configurou de forma diferente graças ao golpe militar de 1964, com a instauração de uma ditadura militar. Para Pinto (2010), enquanto na Europa e nos Estados Unidos o momento era propício para o surgimento do movimento feminista, no Brasil, com a repressão total da luta política, o que obrigou os grupos de esquerda a se organizarem na clandestinidade, havia um ambiente limitado para o desenvolvimento do movimento feminista. Entretanto, apesar do regime militar entendê-las como política e moralmente perigosas, as primeiras manifestações feministas no Brasil ocorreram na década de setenta.

Conforme ressalta Pinto (2010), na década de oitenta no Brasil, com a redemocratização, o feminismo entra numa fase de efervescência na luta pelos direitos das mulheres. Diversos grupos e coletivos começam a tratar de variados temas, tais como:

violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito a terra, direito à saúde materno-infantil e luta contra o racismo.

Do meio para o final dos anos 90 em diante, houve uma associação do feminismo com movimentos de punk femininos, baseados numa ideologia que procurava negar os corporativismos e defendia a máxima “faça você mesmo”. Foram as garotas punks que introduziram a produção de zines, isto é, pequenas publicações de produção autoral, relacionados ao feminismo. Estes zines, retratavam assuntos como estupro, patriarcado, sexualidade e empoderamento feminino. Além disso, “em 1989, Kimberlé Creenshaw introduziu o conceito de *interseccionalidade* enquanto uma ferramenta para que mulheres atingidas por vários tipos diferentes de opressão (raça, classe, sexualidade) pudessem analisar sua condição” (FRANCHINI, 2017).

Posteriormente, "a menos comportada dos feminismos" começou a predominar a partir de alguns segmentos do movimento anarquista e do Partido Comunista. Este foi um período marcado por rupturas, ou seja, pelo abandono das crenças, conceitos e de todo um sistema de significação do mundo que havia sido definido por homens, e por assumir uma postura pós-estruturalista.

[...] em significados fixos ou intrínsecos a palavras, símbolos ou instituições [...] Tanto gênero quanto categorias biológicas [...] seriam construções sociais, pois fruto de ciências enviesadas pelo olhar masculino. O grande denominador comum [...] é a busca pela destruição de pensamentos categóricos e a crítica às prévias narrativas de liberação e de vitimização [...] rejeita quaisquer tentativas de identificação de objetivos comuns, gerais, padronizados, e sequer se reconhece enquanto um movimento coletivo. O conceito de feminismo aqui se atomiza, se individualiza e quando isto acontece ele começa a se enfraquecer e a ser capitalizado. (FRANCHINI, 2017)

Ao não ser apropriado no sentido de uma luta coletiva, o feminismo se individualiza, promovendo a ideia de uma liberdade individual e perpetuando manifestações no sentido de “quebrar padrões”, e/ou romper paradigmas mediante situações que podem “chocar” a opinião pública moralista. Um exemplo disso foi a apropriação de termos considerados machistas, misóginos e pejorativos contra as mulheres, como, por exemplo, o termo “vadia”, que costuma ser utilizado pelos homens no intuito de reprimir as mulheres, e/ou ofendê-las, principalmente aquelas que vivenciam sua sexualidade como querem. Segundo Franchini (2017), há um esforço empreendido pelas feministas para ressignificar o termo “vadia”, retirando sua conotação negativa.

Enquanto isso, no Brasil, para Pinto (2010), na última década do século XX, o movimento feminista sofreu um processo de profissionalização, através da criação de Organizações Não-Governamentais (ONGs), que em parceria com o Estado, buscavam aprovar medidas protetoras para as mulheres e procurarem espaços para a sua maior participação política. Uma das questões centrais era a luta contra a violência, da qual a mulher é vítima, especialmente a violência doméstica. Além das Delegacias Especiais da Mulher, espalhadas pelo país, a maior conquista foi a Lei Maria da Penha, que proporcionou a criação de mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

3.6 A importância do Ciberfeminismo e sua relação com as redes sociais da internet

Mais recentemente, alguns acadêmicos especulam sobre a atual situação dos feminismos, como no chamado ciberfeminismo, “[...] caracterizado principalmente pelo uso maciço das redes sociais para organização, conscientização e propagação dos ideais feministas” (FRANCHINI, 2017). Neste caso, não há:

[...] uma coesão teórica, são apontadas como pautas frequentes a cultura do estupro, a representação da mulher na mídia, os abusos vivenciados no ambiente de trabalho e nas universidades, e a postura de denúncia e de recusa ao silenciamento. As palavras-chave [...] são “liberdade” e “igualdade”, independentemente do que isso signifique (FRANCHINI, 2017).

Apesar da convergência de temas e pautas de cunho feminista, isto não significa coesão no mundo digital. Isto acontece porque conceitos como cultura do estupro, equidade salarial, dentre outros, passam a ser incorporados à cibercultura, ou seja, se tornam naturalizados e também anexados pela cultura de consumo, esvaziando seu significado.

Outra questão é a de que o Ciberfeminismo se apresenta como consequência da pós-modernidade, já que os próprios movimentos feministas se encontram fragmentados, isto é, há uma fragmentação das identidades nos movimentos feministas. Dessa forma, não há uma questão ou causa única que reúne todas essas mulheres. Isso ocorreu após a redemocratização no Brasil, por exemplo. Houve assim uma tendência ao individualismo, ao questionamento e a desconstrução de conceitos referentes aos feminismos, como já foi abordado anteriormente. Sendo assim, segmentações começaram a surgir, originando vertentes como, por exemplo, Feminismo Radical, Feminismo Interseccional, Feminismo Negro, Feminismo Evangélico, Feminismo Negro Evangélico, dentre outros.

As identidades ligadas ao sujeito são constructos sociais e políticos, segundo os autores como Hall, os movimentos sociais antes das décadas de 1960 e 1970, foram centrados nas questões econômicas, como fonte da desigualdade. Posteriormente, a esse período os movimentos passaram a se pautar nas ações identitárias, ligadas as

relações políticas e sociais na luta por espaço, objetivo daqueles que se propunham a conquistar direitos.

A partir desse novo cenário, na perspectiva da crise de identidades, as feministas, buscaram questionar a identidade feminina socialmente construída, ligadas a interseccionalidades das diferenças encontradas no próprio movimento, como gênero, raça/etnia, religião e classe. (DUTRA, 2018, p. 22)

Neste contexto, o ciberfeminismo, que começou a se desenvolver na década de 80, em confluência com a geração dos primeiros computadores, se tornou proeminente na década de 90, tem atualmente crescido e se transformado juntamente com a própria cibercultura e o desenvolvimento tecnológico, ajudando também no crescimento do consumo. Pode-se dizer que tem ganhado força no Brasil a partir da segunda metade dos anos 2000, quando houve a popularização de alguns movimentos e manifestações feministas no mundo “real” que acabaram reverberando no mundo digital.

Desse modo, a partir de 2010, podemos afirmar que tem havido um movimento progressista vinculado aos feminismos que surgem na internet. Martinez (2019, p. 3-4) assegura que:

Como a maioria dos movimentos sociais, o feminismo tem se valido de uma dinâmica reticular formada pelas plataformas de comunicação digital – blogs, redes sociais, vídeos, para difundir e promover suas pautas e reivindicações. Dentro dessa dinâmica, observa-se que nos últimos doze anos houve uma transformação em relação aos sujeitos desse debate, indicando a adesão cada vez mais precoce de jovens interessadas nas pautas feministas, o que está ligado diretamente ao fácil acesso e à familiarização desse público com as tecnologias. O crescente interesse pela temática feminista revela tanto o aumento dos espaços ocupados pelas feministas na internet quanto o extravasamento de suas preocupações para espaços da mídia internacional. Através da atualização contínua dos seus significados, essa nova “consciência feminista” tem sugerido uma nova política teleológica que congrega novas estratégias e formas de (re)produção do conhecimento.

Percebe-se que os feminismos surgidos na internet, especificamente nas redes sociais como Facebook e Instagram, por exemplo, deram margem a novas possibilidades de se compreender o que são os feminismos, como compartilhar esses conhecimentos e também como vivenciar um novo tipo de ativismo, o chamado ativismo digital.

Logo, Martinez (2019, p. 4) indica que no campo discursivo do feminismo cibernético depreende-se que os antigos modelos e categorias de mobilização já não são suficientes, e nem pode ser tratado em termos dicotômicos, como falar em mundo on-line e mundo off-line.

Martinez (2019) declara que em 2015 houve uma explosão de movimentos feministas contribuindo para uma práxis feminista. Esse campo discursivo juntamente com outro, o das segmentações e classificações dos feminismos em vertentes que competem entre si, também

no mundo digital, contribuem para ancorar a noção de campo discursivo de ação, cunhada por Alvarez (2014). Os campos discursivos de ação “[...] se articulam discursivamente através de linguagens, sentidos, visões de mundo, pelo menos parcialmente compartilhadas, mesmo que quase sempre disputadas, por uma espécie de gramática política que vincula as atoras/es que com eles se identificam” (ALVAREZ, 2014, p. 19).

Como conjuntos de ideias, pressupostos, temas e interpretações, os discursos feministas constituem um universo de significados que se traduzem ou se (re)constroem ao fluir ao longo de diversas teias político-comunicativas, norteando as estratégias e identidades das atoras/es que se coligam nesse campo. (ALVAREZ, 2014, p. 19)

Alvarez (2014) assim identifica como um dos três movimentos decisivos na trajetória do feminismo no Brasil o movimento atual, a partir dos anos 2000, entendido como sidestreaming, ou seja, fluxo horizontal dos discursos e práticas feministas plurais entre os mais diversos setores da sociedade civil, se desdobrando em múltiplos campos feministas.

Martinez (2019) ressalta que essa multiplicidade de campos feministas compõe um campo discursivo de ação que engloba páginas e grupos discussão do Facebook, páginas do Instagram, vídeos do Youtube, blogs, sites de notícias, postagens de influenciadores digitais.

Manifestou-se assim uma nova consciência feminista relacionada ao mundo digital, ocasionando uma nova dimensão à perspectiva feminista e à sua luta (MIGUEL; BOIX, 2013). Martinez (2019) apreende que anteriormente, ou seja, ao longo das décadas, o movimento feminista sempre foi organizado pelas mulheres de modo presencial em diversos locais. Contudo, “[...] a partir dos anos 90 a cultura digital possibilitou que as coisas se dessem de forma mais generalizada e pulverizada se tornando, ela mesma, objeto de uma nova epistemologia feminista, que foi chamada de ciberfeminismo” (MARTINEZ, 2019, p. 7).

Em suma, o Ciberfeminismo é “[...] um movimento estético e político orientado pela popularização das tecnologias digitais que renovou o debate feminista, questionando as desigualdades de gênero através das relações das mulheres com a ciência, a tecnologia e a cultura eletrônica” (MARTINEZ, 2019, p. 7).

Tendo como inspiração algumas manifestações artísticas como Ciberpunk, o Ciberfeminismo tem como mola propulsora o *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, da filósofa e bióloga Donna Haraway (2009).

Por isso, no ciberfeminismo, duas das principais abordagens do Manifesto Ciborgue se desdobram ao longo de duas linhas temáticas. Em primeiro lugar, a quebra de

binarismos proposta por Haraway (1995) se desdobraria através de reflexões sobre as representações do feminino nas narrativas e histórias de ficção, as possibilidades de descorporificação, da abolição/superação dos gêneros, e da hibridização entre organismo e máquina. Essa abordagem se alinharia mais a um “ciberfeminismo radical” praticado pelo grupo australiano VNS Matrix5, mais atento à questão da mulher e à desconstrução das assimetrias de gênero e do corpo feminino (BOIX; MIGUEL, 2013 apud MARTINEZ, 2019, p. 7).

A segunda abordagem tem sido considerada mais liberal e estaria atenta às contradições da relação entre as mulheres e a informática, bem como ao seu posicionamento no mercado de trabalho, o sistema que Haraway (1995) chamou de “informática da dominação”. (MARTINEZ, 2019, p. 7).

Desse modo, neste livro ela disserta sobre a crise de identidade relacionada aos movimentos sociais, inclusive o movimento feminista e sua relação com as novas tecnologias. Ela questiona as identidades fixas e dualidades, como homem/mulher e natureza/cultura, e diz que os seres humanos estão se tornando ciborgues, ou seja, seres híbridos compostos por natureza orgânica e tecnologia.

Segundo Haraway (2009), isso ocorre devido à ligação cada vez maior e constante entre os seres humanos e a tecnologia, nos tornando interligados às máquinas. Contudo, essa vivência parte humana e a outra parte tecnológica afeta os relacionamentos e percepções que as pessoas têm sobre identidade, poder e gênero, por exemplo.

Com a influência de Haraway (2009), outros trabalhos e reflexões foram acontecendo com o passar das décadas e o avanço das tecnologias digitais. O chamado “ciberfeminismo social” (BOIX; MIGUEL, 2013), por exemplo, se organizou na relação entre feminismo e tecnologia a partir dos anos 2000, reunindo uma pluralidade de teorias e práticas de acordo com Nathanson (2013 apud MARTINEZ, 2019, p.9) que envolvem o papel das mulheres na história da ciência e da informática, a utilização da internet, a inclusão digital e seu papel em relação ao gênero, o uso das redes sociais no movimento feminista, entre outros. E neste debate tem persistido a discussão sobre a hegemonia masculina no circuito tecnológico.

Na relação entre mulheres e redes sociais, observa-se um engajamento maior entre as mulheres jovens. E segundo uma pesquisa realizada em 2013, as mulheres estariam “mais propensas” a usarem redes sociais do que os homens, principalmente o Facebook, o Instagram e o Pinterest, demonstrando que utilizam 8% a mais do que os homens.¹⁸ Uma pesquisa recente “[...] revela que as mídias sociais são a categoria que mais consome horas on-line por mês, sendo que o maior percentual de usuários se concentra no Brasil (42%), onde as

¹⁸ PEWRESEARCH. O único site mais utilizado por homens é o Reddit com uma diferença de 4%. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2013/09/12/its-a-womans-social-media-world/> Acesso em: 6 julho. 2023.

mulheres constituem a maior quantidade de acesso às redes sociais (58,2%)”.¹⁹ (MARTINEZ, 2019, p. 10).

Assim, é importante ressaltar que houve um crescimento de 10% de brasileiras que se consideram feministas, sendo a sua maioria mulheres jovens de 15 a 34 anos, entre 2001 e 2010 (SORJ; GOMES, 2014 apud MARTINEZ, 2019, p. 11). Entre 2011 e 2014, o campo discursivo feminista se organizou no mundo digital concomitantemente ao crescimento da utilização do Facebook no Brasil.²⁰

Dentro disso, a questão da autonomia sobre o próprio corpo emerge como pauta central na reflexão feminista cibernética, se articulando a marchas e protestos feministas, cuja visibilidade agora começa a fazer parte do cotidiano das usuárias. A Marcha das Vadias é emblemática nesse sentido, sendo a primeira manifestação brasileira que teve como marca o caráter reticular, através de blogs e redes sociais (SORJ; GOMES, 2014 apud MARTINEZ, 2019, p. 11).

Assim, a partir de 2015, o Ciberfeminismo se torna um campo discursivo de ação feminista no Brasil, a partir da construção e estabelecimento de relações digitais, discussões em grupos de Facebook e redução de distâncias, se tornando “[...] um espaço facilitador de trocas, onde as mulheres (mesmo as que não reivindicam para si uma identidade feminista) identificam, compartilham e nomeiam experiências comuns” (MARTINEZ, 2019, p.11).

Dentre essas experiências comuns em que várias mulheres se identificam, destacam-se algumas campanhas nas redes sociais que se popularizaram: A hashtag #meuprimeiroassédio (que fazia referência a um comercial de televisão sobre o primeiro sutiã), #meuamigosecreto, Chega de Fiu Fiu, Vamos Juntas?, e o movimento #MeToo.²¹

A hashtag #meuprimeiroassédio se tornou popular na rede social Twitter, e teve como gatilho diversas mensagens de cunho sexual direcionadas a uma menina de 12 anos que participava de um programa de televisão. Isso gerou uma série de relatos de muitas mulheres sobre assédios, estupros, perseguições, que nunca tiveram coragem de revelar o que passaram, fosse por culpa, ou vergonha.

¹⁹ COMSCORE. “O panorama das redes sociais na América Latina” da comscore. Disponível em: <<http://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-edocumentos/2017/O-Panorama-das-Redes-Socias-na-America-Latina>> Acesso em: 06 jul. 2023.

²⁰ COMSCORE. “O panorama das redes sociais na América Latina” da ComScore. Disponível em: <<http://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-edocumentos/2017/O-Panorama-das-Redes-Socias-na-America-Latina> acesso em 10/04/2016.> Acesso em: 6 jul. 2023.

²¹ Antes dessas campanhas, houve um protesto virtual promovido por algumas mulheres seminuas com a hashtag #EuNãoMereçoSerEstuprada. O protesto foi feito em resposta aos dados de uma pesquisa do IPEA do dia anterior, em que 65% dos brasileiros afirmaram que mulher que mostra o corpo deveria ser violentada. Fonte: O GLOBO. Protesto 'Não Mereço Ser Estuprada' movimentada Facebook após resultado de pesquisa <<https://oglobo.globo.com/politica/protesto-nao-mereco-ser-estuprada-movimentada-facebook-apos-resultado-de-pesquisa-12018281>> Acesso em: 06 jul. 2023.

Depois dessa campanha, a hashtag #meuamigosecreto se espalhou rapidamente no Dia Internacional da Não Violência Contra As Mulheres, incentivando mulheres a contarem relatos e experiências de situações machistas naturalizadas.

A campanha Chega de Fiu Fiu se originou no site Think Olga em 2013²², um site de informações feministas que fez uma pesquisa sobre as cantadas que as mulheres ouvem nas ruas. O resultado da pesquisa apontou que 99,6% das entrevistadas já tinham levado cantadas que as constrangeram. Os dados referentes a esta pesquisa foram disponibilizados na internet e repercutiram bastante. Após isso, o site Think Olga criou um mapa com o mesmo nome da campanha, responsável por identificar os locais onde ocorrem abusos; confeccionou também o e-book Meu Corpo Não É Seu, que discorre sobre a violência contra a mulher; a Cartilha sobre Assédio Sexual, em parceria com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo; e lançou o documentário Chega de Fiu Fiu em 2018.

A campanha “Vamos Juntas” se iniciou no Facebook como um estímulo para que as mulheres façam companhia a outras mulheres quando estiverem andando nas ruas, com o intuito de se sentirem mais seguras. Como desdobramento disso, foi produzido um aplicativo para smartphones com o objetivo de mapear locais onde ocorreram assédios, criar alertas e aproximar mulheres desconhecidas que estejam por perto.

Por fim, um exemplo de campanha internacional foi o #MeToo, que teve como destaque a violência contra a mulher e o feminicídio. Ele aconteceu em 2017, como apontado pelas autoras Karuna Chandrashekar, Kimberly Lacroix e Sabah Siddiquio (2018), ou seja, o movimento #MeToo ganhou força nas redes sociais, principalmente no Twitter e no Facebook, a partir de uma série de denúncias feitas por atrizes renomadas referente a agressões sexuais envolvendo um famoso produtor de Hollywood. No mesmo ano, a atriz Alyssa Milano foi a responsável por solicitar às mulheres que utilizassem a hashtag #MeToo no Twitter para relatar suas experiências de assédio e violência sexual, no intuito de ser uma espécie de denúncia. (CHANDRASHEKAR; LACROIX; SIDDIQUIO, 2018, apud SAYEJ, 2017).

²² THINK OLGA. Chega de Fiu Fiu Disponível em: <<https://thinkolga.com/projetos/chega-de-fiu-fiu/>> Acesso em 06 jul. 2023.

4. O LUGAR DO FEMINISMO EVANGÉLICO NO MUNDO DIGITAL E A ATUAÇÃO DAS FEMINISTAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS NAS REDES SOCIAIS

No capítulo anterior abordamos o Ciberfeminismo e como ele se organiza e se manifesta nas redes sociais, como Facebook e Instagram, por exemplo. Apesar do meio evangélico ter um grande contingente de mulheres conservadoras que representam a ideologia e aspectos morais de boa parte dessa população, pelo fato de serem influenciadas pela relação entrelaçada entre religião e política nos últimos anos no Brasil, alguns segmentos mais progressistas foram se consolidando, principalmente nas mídias sociais.

Movimentos evangélicos progressistas surgiram tanto como uma reação a escalada do conservadorismo neste meio, muito propagada pela “bancada evangélica” presente no Congresso Nacional do Brasil, por instituições e líderes evangélicos famosos, quanto como uma necessidade de se afirmar como diferentes dos evangélicos que são predominantes. Desse modo, páginas, coletivos e grupos das redes sociais compostos por mulheres que se identificam como feministas evangélicas foram surgindo a partir de 2014 e ganhando cada vez mais adeptas.

Nestas páginas e grupos, essas mulheres procuram discutir diversos assuntos relacionados à religião, fé, sexualidade, hábitos e costumes relacionados com uma visão que, em termos de teoria, parte da Teologia Feminista e de pesquisadoras tanto das Ciências da Religião, quanto das Ciências Sociais, que ao comporem os grupos e páginas, também têm o papel de serem referências bibliográficas dessas mulheres.

Algumas dessas referências bibliográficas são: Ivone Gebara (Teóloga Feminista), Odja Barros (Pastora e teóloga feminista que promove uma hermenêutica feminista da Bíblia), Romi Márcia Bencke (Pastora), Valéria Cristina Vilhena (Fundadora do coletivo EIG, é Teóloga Feminista, Mestra em Teologia, Doutora e atualmente cursa o Pós-Doutorado em Ciências da Religião), Nancy Cardoso (Teóloga Feminista, é Pastora Metodista e possui graduação em Teologia e Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião), Wanda Deifelt (É doutora em Filosofia e possui graduação e Mestrado em Teologia), Simony Cristina Teixeira dos Anjos (Antropóloga, atua no campo político progressista e é secretária executiva da Rede de Mulheres Negras Evangélicas), Carolina Bezerra de Souza (Docente na Faculdades EST na área de Teologia Feminista, Doutora e Pesquisadora em Ciências da Religião), Ana Ester Pádua Freire (Jornalista, Teóloga Queer, Mestra e Doutora em Ciências da Religião) e Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes (Cientista Social e Mestra em Antropologia), dentre outras.

Todas as mulheres citadas acima estão relacionadas ao ambiente acadêmico e fazem e/ou fizeram pesquisas sobre Religião e Gênero. Ivone Gebara, a primeira mencionada, é uma grande referência na área de Teologia Feminista, explicando bem em seus livros no que ela consiste. Valéria Vilhena (2019), junto a outras mulheres, criou o coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG) em 2015, tendo como sua principal causa o combate à violência contra a mulher. Em 2016, a pesquisa de Valéria inclusive se tornou notícia por conta de um dado presente no livro *“Uma Igreja sem voz: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas”*²³, que dizia que “40% das mulheres que sofrem violência doméstica são evangélicas”. É importante ressaltar que foi uma pesquisa qualitativa realizada na Casa Sofia, um espaço que acolhe vítimas localizado na zona sul de São Paulo.

Nancy Cardoso relaciona a teologia feminista com os movimentos sociais, agrícolas e também na chamada leitura popular da Bíblia. No caso de Wanda Deifelt, seu foco em termos de pesquisas é na hermenêutica feminista. Já Simony dos Anjos é cientista social e atualmente doutoranda em Antropologia Social, sendo que seu tema de pesquisa envolve Feministas Negras Evangélicas. Carolina Bezerra de Souza trabalha na área de Literatura Sagrada, principalmente nos textos do Novo Testamento da Bíblia, partindo de uma perspectiva de gênero. O trabalho de Ana Ester Pádua Freire se encontra concentrado na chamada Teologia Queer, sendo que é colunista na Revista *Senso* sobre a temática LGBTQIA+, palestrante sobre religião e sexualidade, Teologia Queer, Teologia Feminista Lésbica e Teopoética. Por fim, Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes é cientista social e pesquisou o fenômeno das mulheres evangélicas “desigrejadas”, que são aquelas mulheres que decidiram não frequentar mais nenhuma igreja evangélica.

Como se pode perceber, os movimentos sociais feministas abordados anteriormente, como a “Marcha das Vadias”, bem como aqueles que se disseminaram em ambiente digital, como o #MeuPrimeiroAssédio, #MeToo, Chega de Fiu Fiu, entre outros, ou seja, principalmente o Ciberfeminismo, influenciaram na criação dos grupos e páginas do Facebook e Instagram que são o cerne desta tese: O grupo Feministas Cristãs, o coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), A Rede de Mulheres Negras Evangélicas, O Projeto Redomas e as Vozes das Redomas.

Desse modo, a partir da etnografia online e da observação participante, o objetivo deste capítulo é explicar e caracterizar cada um dos grupos e/ou páginas feministas

²³ VILHENA, V. C. *“Uma Igreja sem voz: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas”*. Fonte Viva: Belo Horizonte, MG, 2019.

evangélicas pesquisadas para esse trabalho no Facebook e no Instagram. Esses grupos/páginas são Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e Vozes das Redomas, muito influenciados pela Teologia Feminista e pelos próprios movimentos feministas.

4.1 Grupo Feministas Cristãs, do Facebook

O grupo intitulado Feministas Cristãs²⁴ é responsável por questionar os papéis construídos e destinados às mulheres de acordo com uma visão cristã (especificamente evangélica, em sua maioria). Este grupo, por exemplo, foi fundado em 2014 no Facebook, e conta atualmente com 5.000 membros. Ele foi criado por evangélicas e é destinado a mulheres evangélicas de várias denominações, mas acabou suscitando também o interesse de católicas, espíritas e de mulheres de outras crenças. Embora o cristianismo não contemple apenas o Protestantismo, mas o Catolicismo também, já há algum tempo os evangélicos têm se intitulado cristãos numa tentativa de rejeitar estereótipos e doutrinas. Retomando a comunidade citada, na descrição do grupo as fundadoras dizem:

Somos meninas e temos orgulho disso. Discordamos de inúmeras coisas, mas quem aqui foi feito pra apenas concordar? [...] Ainda que revolucionárias, cremos em um Deus soberano e cheio de amor, que traz a todos, mulheres e homens, a misericórdia e a graça, igualmente, sem distinção. (COSTA, 2015).

Para o melhor funcionamento do grupo, ele possui regras que foram listadas numa publicação fixada para que todas as mulheres leiam assim que forem aceitas no grupo. Algumas regras como a proibição de homens e de perfis de casais no grupo são justificadas pela fundadora como uma medida de segurança para as mulheres, e também para evitar constrangimentos, já que se propõe a ser um espaço seguro para que elas discutam sobre vários temas, inclusive sobre assuntos pessoais. As demais regras incluem: sororidade, que constitui a regra principal, desconstrução, sendo que pessoas intolerantes não são bem-vindas, o estímulo à pesquisa sobre temas que já foram publicados antes de postar algum conteúdo no grupo para evitar repetições, o uso de tags, a marcação da temática da postagem entre colchetes, para facilitar a pesquisa sobre os assuntos e a organização.

²⁴ Feministas Cristãs. Grupo fechado da rede social Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/678778715492169/?fref=ts> Acesso em: 31 jul. 2023.

Cabe evidenciar, além do que já foi abordado, uma reportagem sobre o grupo feita pela jornalista Camilla Costa²⁵ (2015), da BBC Brasil, diz que a fundação deste grupo é uma forma das feministas evangélicas se unirem contra um duplo preconceito. Elas geralmente costumam ser confrontadas por indivíduos que não entendem como uma pessoa pode ser cristã e feminista se as religiões cristãs oprimem as mulheres. Neste caso, costumam argumentar que sua fé é cristã, mas não concordam com a opressão que a religião impõe às mulheres. No grupo, quem se identifica como feminista cristã encontra um espaço de debate para diversos temas que não são discutidos no meio feminista, por elas serem cristãs, ou não discutidos no meio cristão, por serem feministas.

Nos limites "seguros" da comunidade, elas falam sobre passagens da Bíblia que consideram machistas ou feministas, compartilham vídeos "problemáticos" das suas próprias igrejas, mas também exaltam pastores e padres considerados progressistas e tiram dúvidas sobre doutrinas religiosas. Assuntos como masturbação, aborto, laicidade do Estado e homossexualidade também entram no debate – e provocam discordâncias. (COSTA, 2015)

Entende-se, assim, que é um espaço de mediação entre feminismo e fé e de uma nova forma de expressar sua religiosidade, isto é, de uma nova identidade evangélica.

Segundo outra reportagem, de Camila Brandalise²⁶ (2015), para o site da revista Istoé, a repórter entrevistou uma das responsáveis por criar o grupo Feministas Cristãs no Facebook. A iniciativa para a criação do grupo surgiu quando percebeu que as denominações evangélicas propagavam discursos machistas, reforçavam hierarquias e a intolerância. Por outro lado, apesar de se identificar com o feminismo, também não encontrou um ambiente favorável à aceitação de feministas cristãs no movimento feminista.

Dessa forma, entende-se que o grupo Feminista Cristãs tem o intuito de contemplar evangélicas que se identificam com o feminismo, mas não encontram acolhimento em igrejas ou no próprio movimento feminista. As principais características deste grupo são: possuir mulheres de diversas religiões além do Protestantismo, como católicas, espíritas, umbandistas e até mesmo mulheres sem religião; também é composto por mulheres com opiniões diversas sobre assuntos considerados “tabus” no universo cristão, como, por exemplo: legalização do

²⁵ COSTA, C. Nas redes sociais, feministas evangélicas se unem contra duplo preconceito. Site da BBC Brasil. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729_salasocial_evangelicas_feministas_cc Acesso em: 31 jul. 2023.

²⁶ BRANDALISE, C. Feministas de Cristo. Revista Istoé. Disponível em: <http://istoe.com.br/432070_FEMINISTAS+DE+CRISTO/> Reportagem de 14 de agosto de 2015. Acesso em: 14 ago. 2017.

aborto, masturbação e sexo antes do casamento. Logo, entende-se que é um grupo plural, portanto, observa-se a necessidade de se utilizar a expressão “feminismos evangélicos” no ambiente digital para se referir a este grupo. Por isso, é importante destacar que o grupo atua como um espaço de debates e de embates entre opiniões conservadoras e progressistas, de desconstrução do machismo e do patriarcado, e por fim, como um espaço seguro para mulheres desabafarem sobre suas frustrações e problemas com suas respectivas instituições e/ou familiares.

Alguns tópicos são mais populares no grupo, isto é, os tópicos são os temas mais abordados nas postagens do grupo, e dentre eles, os que se destacam são relacionados à questão sobre sexo e sexualidade, mulheres bíblicas, mídia, LGBTQIAP+ e aborto. Além desses tópicos, também existe um número considerável de postagens sobre outros temas, como racismo, igreja, negritude, antipornografia, Jesus, saúde, depressão e Bíblia.

É importante ressaltar que resolvemos evitar a reprodução de imagens dos grupos e páginas neste trabalho. Mesmo que borrássemos as fotos e os nomes das pessoas, principalmente se tratando dos grupos, ainda assim haveria o risco de elas terem a privacidade violada e serem expostas, ainda mais quando se trata de assuntos pessoais. Esse cuidado se faz necessário para evitar problemas como de pessoas infiltradas e outras que denunciam os grupos. No caso do grupo Feministas Cristãs, ele é um grupo fechado e você só tem acesso a ele e a seu conteúdo pedindo para entrar e sendo aceita.

Retomando este grupo, boa parte das discussões existentes ocorreram principalmente de 2015 até a época em que eclodiu a Pandemia de Covid-19 no Brasil, em 2020. E sobre o tema mulheres bíblicas, um dos mais populares, há uma postagem de 2018 que resgata a história da rainha Ester, mas colocando em evidência a rainha destituída Vasti e como ela era retratada na Bíblia e interpretada por líderes religiosos e fiéis cristãos.

Podemos entender que a discussão gira em torno da representação da ex-rainha Vasti e como ela é retratada na História de Ester, presente na Bíblia Sagrada. Algumas mulheres do grupo comentaram que através de sua experiência religiosa, foram ensinadas que Vasti era uma mulher arrogante, indisciplinada e só fazia o que queria, sendo que suas atitudes, dessa forma, deveriam ser de servidão e submissão ao rei, que era seu marido. Desse modo, a mesma teria sido justamente rechaçada, e perdido seu papel enquanto rainha por não obedecer ao rei, que, no caso, gostaria que ela dançasse para seus convidados. Contudo, também pelos comentários, algumas mulheres do grupo criticaram a postura e atitude do rei em fazer uma

espécie de “concurso de sexo” para escolher uma nova esposa. Logo, seria um concurso machista e o que ele queria que Vasti fizesse também, pois seria uma forma de objetificar a mulher. Assim, elas percebem que a atitude de Vasti, na realidade, seria louvável.

Assumindo uma postura de uma observadora participante, ao invés de só observar as interações no grupo, em 2019 também fizemos uma provocação com uma postagem nele, com o intuito de suscitar a discussão. Houve bastante repercussão e obtive mais de 170 comentários. Destacamos que alguns comentários provocaram desentendimentos entre as mulheres. A pergunta que realizamos foi sobre o movimento Eu Escolhi Esperar, acerca do que as mulheres do grupo Feministas Cristãs pensavam e achavam sobre ele.

Para contextualizar a pergunta, o movimento Eu Escolhi Esperar²⁷ surgiu em março de 2011, em Vila Velha, ES. De acordo com seus criadores, este movimento busca fazer uma campanha cristã para haver preservação sexual e integridade emocional, ou seja, o objetivo é transmitir uma mensagem que ressalte a importância de viver uma vida de santidade e de pureza, conforme a sua interpretação da Bíblia Sagrada. Sua principal pauta é a defesa do sexo somente após o casamento.

Depois dessa breve explicação, notamos que houve uma série de respostas à pergunta que fizemos, todavia, não necessariamente convergentes. Algumas mulheres não se identificam com esse movimento, acham válido criticá-lo e até apontam alguns problemas em termos de relacionamentos afetivos que ele pode ocasionar. Isto é, a crítica é em relação a uma espécie de controle dos corpos perpetuado pela religião, principalmente de jovens e adolescentes que deveriam reprimir os seus impulsos sexuais. Outras mulheres assumem se identificar com o movimento, justificando que ele está de acordo com a Bíblia e com o que Deus quer que você siga. Desse modo, é interessante observar que ainda que o grupo se identifique como Feministas Cristãs, nem todas as mulheres que estão nele são progressistas ou, pelo menos, não em sua totalidade. Ou seja, a argumentação das mulheres que apoiam o movimento é baseada em ideologia religiosa, já a das mulheres que não se identificam, se refere mais às questões sociais e de contextualização histórica.

Outros temas também são recorrentes nas discussões do grupo, como, por exemplo, sobre a população LGBTQIAP+. Inclusive, há uma imagem da Marcha com Jesus, que ocorreu na Avenida Paulista, em São Paulo, no ano de 2019, em que evangélicos progressistas promoveram uma fé ligada ao amor às pessoas LGBTQIAP+. Isso foi um contraponto em

²⁷ EU ESCOLHI ESPERAR. Disponível em: <https://euescolhiesperar.com/sobre/> Acesso em: 31 jul. 2023.

relação à Marcha para Jesus, promovida por igrejas evangélicas conhecidas por serem homofóbicas e ligadas à extrema-direita da política nacional.

Além deste último tema, o aborto também é uma questão frequentemente discutida no grupo, sendo responsável por desentendimentos entre as mulheres. O desacordo ocorre porque algumas mulheres defendem a legalização do aborto, enquanto outras pensam que aborto em qualquer hipótese seria algo contrário à fé cristã. Neste caso, principalmente no âmbito evangélico. E os ânimos acabam se exaltando, pois ambas as partes tentam convencer uma à outra que estão certas. As mulheres evangélicas do grupo que defenderam a legalização do aborto argumentaram que é uma questão de saúde pública, e que no seu foro íntimo ninguém gostaria ou iria querer fazer mesmo um aborto. Isto é, a compreensão dessas mulheres é baseada numa dimensão social, pois entendem que diversos fatores podem contribuir para que uma mulher decida não ser mãe. Já no caso das mulheres contrárias à legalização do aborto, o argumento que prevalece é o de cunho religioso e moral, por isso a dificuldade de ter um entendimento entre ambas as partes.

Boa parte das discussões sobre aborto foram inflamadas pela Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 181²⁸, de 2017, que possibilitaria criminalizar o aborto nos casos já previstos em lei, como estupro, bebês com anencefalia e risco à vida da mãe. Na época, feministas evangélicas de coletivos como Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG) e Frente Evangélica Pela Legalização Do Aborto se uniram aos protestos de rua organizados por coletivos feministas, se posicionando de forma contrária a esta PEC.

Dessa forma, o propósito deste capítulo foi explorar e caracterizar o grupo Feministas Cristãs, mostrando um pouco das discussões e interações presentes a partir dos temas mais discutidos.

4.2 Coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG)

O coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), fundado em maio de 2015, além de se organizar como movimento social, se articula nas redes sociais por meio de uma comunidade com o mesmo nome, se intitulando como “ativistas digitais”. As responsáveis pela criação e atuação do coletivo são: Simony Cristina dos Anjos, socióloga, ex-colaboradora e ex-articuladora da EIG, também responsável pela coluna Fé-ministas do site Justificando,

²⁸ O GLOBO. Cristãs contrariam suas religiões para defender legalização do aborto. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/cristas-contrariam-suas-religioes-para-defender-legalizacao-do-aborto-22113119>> Acesso: 31 jul. 2023.

Valéria Cristina Vilhena (2019), cofundadora da EIG, graduada em Teologia e Mestre em Ciências da Religião, ela é autora do livro “Uma igreja sem voz: a análise do gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas”, e Daiane Mendes, social media e assessora de comunicação, formada em Jornalismo e coautora do livro “Reféns da Fé”.

Segundo o site do coletivo, elas se caracterizam como “[...] mulheres evangélicas que lutam pela igualdade de gênero, justiça social e que atuam para mudar a situação das evangélicas em suas igrejas e sociedades”.

São mulheres

[...] fazendo parte de um tipo de feminismo que se associa às mulheres de classes populares. Compreendendo-as como sujeitos políticos, que reconhece, especialmente por suas próprias vivências, não só as relações sociais de sexo, mas também as relações de classe e as relações raciais como tendo profundas consequências sobre todas as mulheres, especialmente quando tratamos das mulheres evangélicas pentecostais. (EVANGÉLICAS PELA IGUALDADE DE GÊNERO, 2018)

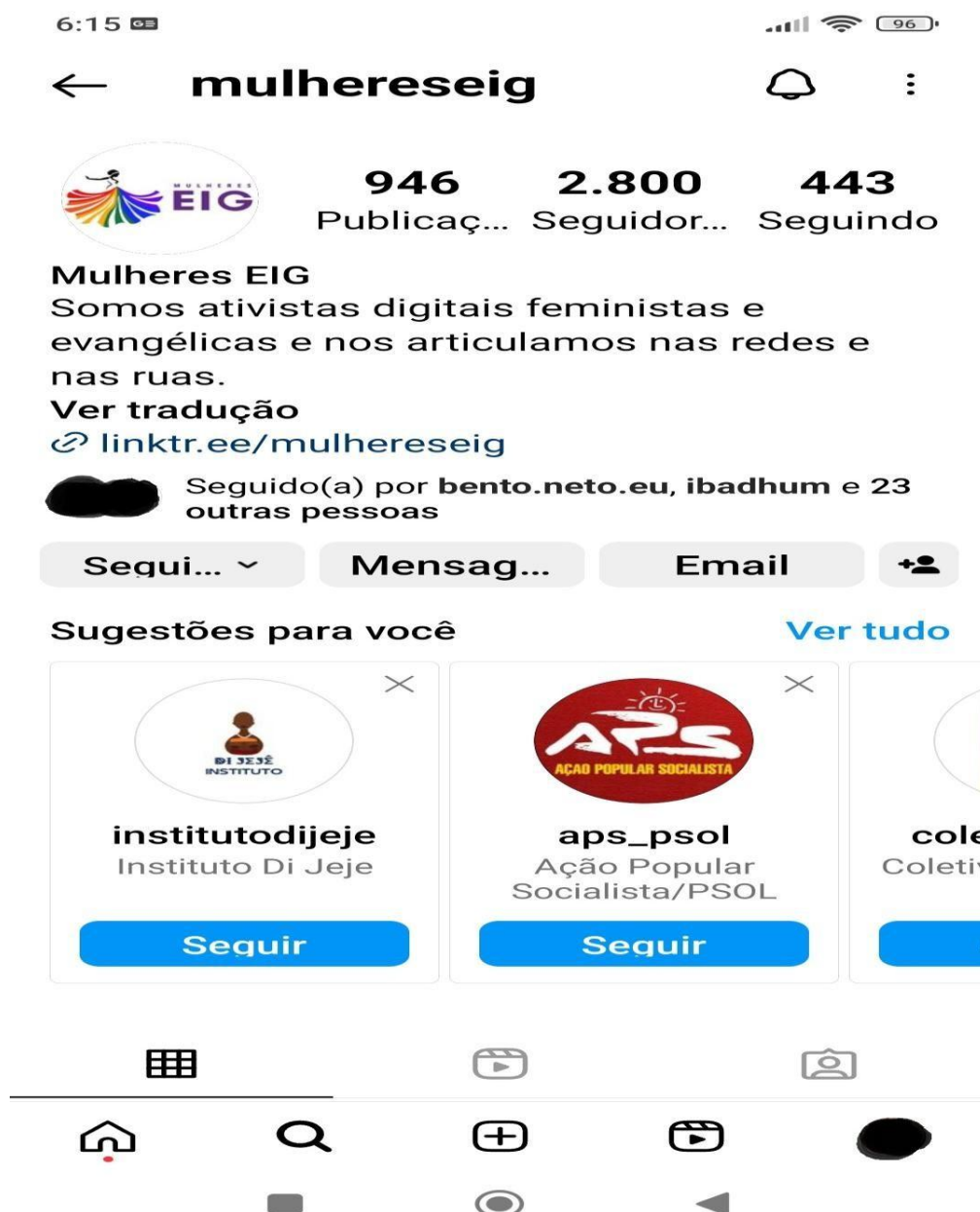
Este coletivo possui um site²⁹, uma página no Facebook³⁰ com mais de cinco mil curtidas e seis mil seguidores, e uma página no Instagram³¹ (Figura 1), além de ter uma organização e ação social concreta, participando de manifestações feministas em prol da igualdade de gênero, a favor da legalização do aborto e oferecendo palestras e acolhimento para mulheres evangélicas vítimas de violência doméstica.

²⁹ MULHERES EIG. Disponível em: <<https://mulhereseig.wordpress.com/>> Acesso em: 30 jul. 2023.

³⁰ EVANGÉLICAS PELA IGUALDADE DE GÊNERO (EIG). Disponível em: <<https://www.facebook.com/mulhereseig>> Acesso em: 30 jul. 2023.

³¹ MULHERES EIG NO INSTAGRAM. Disponível em: <<https://www.instagram.com/mulhereseig/>> Acesso em: 30 jul. 2023.

Figura 1 - Instagram do Coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero



Fonte: mulhereseig. Página do Instagram do Coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero. Disponível em: <https://www.instagram.com/mulhereseig/> Acesso em: 30 jul. 2023.

Assim como o grupo Feministas Cristãs, este coletivo compartilha várias notícias sobre religião, política e feminismo, buscando sempre se posicionar diante de injustiças de gênero. Mais para o final da pesquisa é que tivemos acesso ao WhatsApp do coletivo, e lá é possível acompanhar mais de perto a atuação dele junto às políticas públicas para as mulheres e enfrentamento à violência contra a mulher, inclusive se articulando com o atual Ministério das Mulheres comandado pela Ministra Cida Gonçalves.

Numa determinada publicação feita no coletivo, pudemos observar um texto de Simony dos Anjos³², ex-colaboradora do coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG) sobre a relação entre ser cristã e feminista, e como isto seria possível. Já no início do texto, a autora diz que essa é uma questão controversa, tendo em vista que comumente o padrão de comportamento feminino bíblico é sempre relacionado ao falar baixo, não expor o corpo, não desafiar o marido, ou seja, a típica visão de que a mulher deveria ser submissa ao marido. Assim, ela aponta dois equívocos nessa questão. O primeiro deles se encontra relacionado ao fato de que o Estado Brasileiro é laico, portanto, não tem obrigação de pautar suas políticas segundo o que os cristãos julgam ser o correto, já que a Bíblia não equivale à Constituição, mas sim priorizar a ciência. E isso é determinante principalmente quando se fala em casamento igualitário e legalização do aborto, por exemplo, assim como sobre outras pautas progressistas que buscam a igualdade social.

A outra questão é uma reflexão muito pertinente na abordagem dos grupos e páginas pesquisados, que é o entendimento de que esse suposto “comportamento feminino cristão” tido como submisso seria algo realmente de acordo com a Bíblia Sagrada ou com a construção social que se fez em torno da religião, criada pela sociedade patriarcal e capitalista, que também teria muito a ganhar com a mulher nesta posição. O atual cenário corrobora com isso, onde muitas vezes as mulheres são as responsáveis por cuidar da casa, do marido, dos filhos, sendo que ainda tem que trabalhar e geralmente ganha um salário menor que o dos homens, ou seja, é uma vida sobrecarregada e precária em que as mulheres deveriam aguentar caladas os abusos e a violência.

A autora também discorre sobre a liberdade das mulheres, sobre suas escolhas e seus corpos, em que em muitas situações as mulheres não têm este tipo de controle, sendo controladas por terceiros. Neste sentido, ao pensar em sua fé, ela se posiciona de forma contrária, pois a fé não deveria ter o papel de restringir os direitos e liberdades individuais das mulheres, porque direitos sociais não têm a ver com a religião. E por fim, é importante defender os direitos humanos e sociais em relação às igrejas machistas, pois dessa forma deixa-se claro que pelo Brasil ser um país laico, a igreja não deve interferir nas pautas como educação de gênero nas escolas, dentre outras. Este texto de Simony dos Anjos reflete bem a

³² PÁGINA DO FACEBOOK DE SIMONY DOS ANJOS. Simony, é possível ser cristã e feminista? Disponível em:

<<https://www.facebook.com/profile/100064523659073/search/?q=%C3%A9%20poss%C3%ADvel%20ser%20crist%C3%A3%20e%20feminista%3F>> Acesso: 31 jul. 2023.

concepção de feminismo e como é possível conciliá-lo à fé evangélica, algo que é presente nas articulações do coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG).

Simony aparece em algumas fotos, inclusive em entrevistas para portais de notícias, com uma camiseta com a frase “Machismo é Pecado” estampada (Figura 2), frase que simboliza a luta das feministas evangélicas, pois o machismo representa o sucesso do sistema patriarcal, e ao classificá-lo como “pecado”, aponta para a necessidade de desconstruir o machismo e as estruturas patriarcais da sociedade, neste caso, da sociedade brasileira.

Figura 2 - Imagem de Simony dos Anjos com a frase “machismo é pecado”.



Fonte: Portal Catarinas. 10 mentiras que contam sobre o feminismo nas igrejas (2020). Disponível em: <https://catarinas.info/10-mentiras-que-contam-sobre-o-feminismo-nas-igrejas/> Acesso em: 30 jul. 2023.

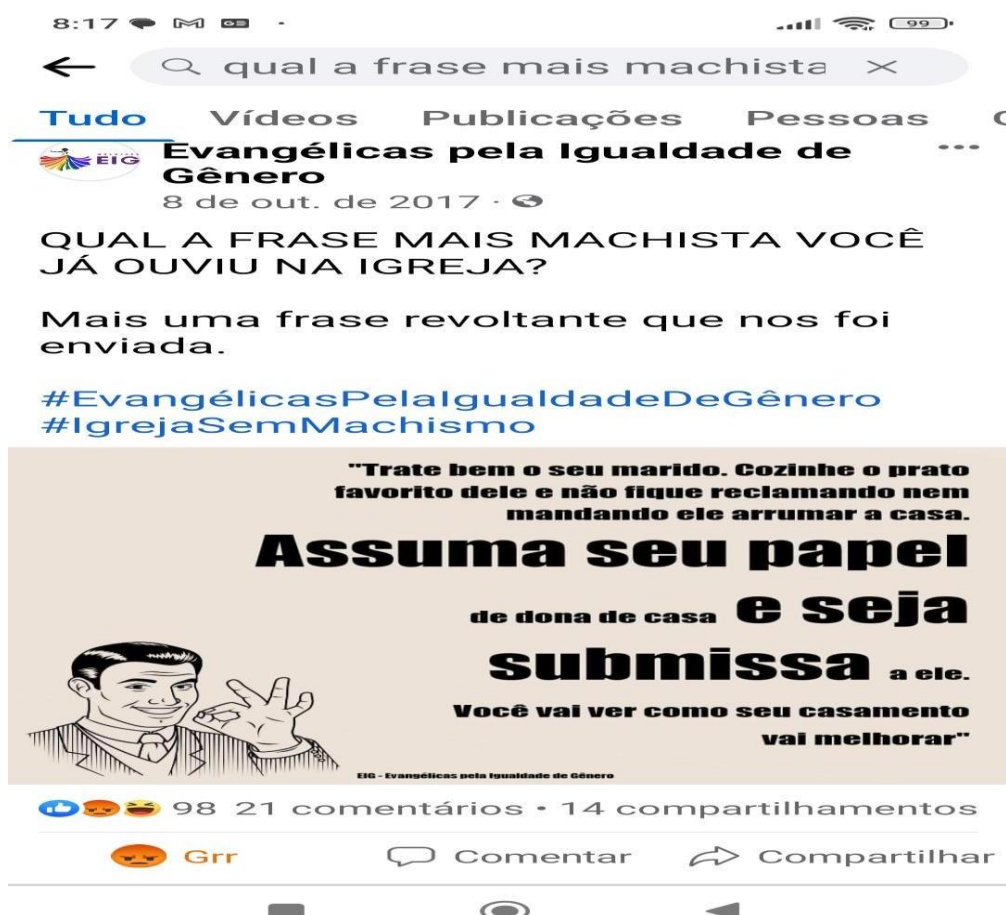
Isso também se evidencia pelo conteúdo postado no Instagram do coletivo, intitulado Mulheres EIG, contendo 946 publicações e 2.801 seguidores. Apesar de manterem as postagens no Facebook, por meio da pesquisa pôde-se observar que em termos de comentários e compartilhamentos, a página do Instagram tem sido mais popular, assim como o grupo de WhatsApp.

Uma série de postagens realizadas no ano de 2017 contendo a pergunta: Qual a frase mais machista que você já ouviu na igreja? se tornou bem popular e com vários comentários de vivências de diversas mulheres feministas evangélicas seguidoras da página Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), como demonstra a Figura 3. Dentre as respostas, podemos destacar algumas: “As mulheres agora estudam, trabalham, ganham mais que os homens, mandam na casa...”. Por isso as famílias estão sendo destruídas”; “Que jovens mulheres não deveriam buscar uma profissão, nem fazer uma faculdade, pois deveriam orar a Deus por um

casamento”, “Trate bem o seu marido. Cozinhe o prato favorito dele e não fique reclamando nem mandando ele arrumar a casa. Assuma seu papel de dona-de-casa e seja submissa a ele”, “Você é feminista? Não vai ter nenhum homem que queira se casar com você”.

Essas frases denotam o conservadorismo presente em algumas instituições evangélicas e também em líderes religiosos. Para eles, as mulheres têm o papel específico de cuidarem do lar, serem boas esposas, submissas a seus maridos e fazerem de tudo para agradá-los, e como consequência, eles demonizam o feminismo. As feministas evangélicas que se identificam com o coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG) repudiam as frases citadas, pois veem como objetivo, desconstruir essa imagem, propondo novas atribuições de sentido para o que é ser uma mulher evangélica a partir de uma ótica progressista e voltada para a luta pelos direitos das mulheres e pela igualdade de gênero.

Figura 3 - Qual a frase mais machista que você já ouviu na igreja?



Fonte: mulhereseig. Página do Instagram do Coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero. Disponível em: <https://www.instagram.com/mulhereseig/> Acesso em: 30 jul. 2023.

Neste sentido, tendo em vista as comunidades digitais e movimentos como o das Feministas Cristãs e Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), numa reportagem do site Metrôpoles, Edson Caldeira^[2] (2017) entrevista duas teólogas e uma socióloga para explicarem como seria possível relacionar o feminismo com o cristianismo. Para uma das teólogas, Romi Márcia Bencke, assim como a mulher é excluída da sociedade, isso também acontece na igreja. Isso ocorre, segundo ela, devido a uma interpretação equivocada dos textos bíblicos.

Um dos principais trechos está no livro de Efésios que regala à mulher o papel de submissão e obediência ao homem. “Assim como hoje, nos tempos bíblicos também se justificava a submissão das mulheres com o argumento de que era ordem de Deus. Não é. Todas as interpretações que colocam as mulheres nesse papel são tendenciosas e manipuladas”, explica. (CALDEIRA, 2017)

“Diferenças biológicas não podem justificar injustiças, violências e desigualdades de oportunidades. Tampouco a Bíblia pode ser base para isso. O feminismo é forma de luta política e a Bíblia tem muitos textos que pautam por essas lutas, pelos mais pobres, pelos injustiçados”, explicou a teóloga. (CALDEIRA, 2017)

Desse modo, Valéria Vilhena (2019)³³, a fundadora do coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), ressalta que o propósito do mesmo é reunir mulheres protestantes, especialmente as mulheres pentecostais e neopentecostais para a construção coletiva de um feminismo cristão, que podemos compreender como um feminismo evangélico, de resistência ao patriarcado, que têm como características intrínsecas o capitalismo e o racismo. Neste sentido, as publicações do grupo se dedicam a desconstruir o patriarcado, o machismo e uma visão capitalista e racista, postando conteúdos e imagens em que se posicionam contrárias a diversos tipos de preconceitos e ações que relacionam a política com a religião. Ou seja, buscam desmistificar a identidade evangélica, desconstruindo o senso comum sobre a maioria evangélica, que na realidade é fundamentalista. Dessa forma, a identidade evangélica apresentada por essas mulheres é uma nova identidade ainda sendo constituída, mas que apresenta um novo olhar e interpretação sobre a Bíblia Sagrada.

Inclusive, a teóloga e mestra em Ciências da Religião Angélica Tostes³⁴ traduziu muito bem esse novo olhar sobre a Bíblia e a identidade evangélica dessas mulheres ao falar sobre a necessidade de uma reflexão crítica sobre as igrejas e sobre a própria teologia. Ela pergunta: “Como a religião e a espiritualidade têm sido usadas para justificar a opressão das

³³ MULHERES EIG NO INSTAGRAM. Disponível em: <<https://www.instagram.com/mulhereseig/>> Acesso: 30 jul. 2023.

³⁴ TOSTES, A. Carta Capital. Os direitos humanos e as mulheres evangélicas. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/os-direitos-humanos-e-as-mulheres-evangelicas/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

mulheres? Como podemos transformar nossas práticas religiosas para que sejam mais inclusivas e respeitadas com as mulheres e outras minorias?” É assim que surgiu a necessidade de incorporar mais claramente as pautas progressistas e feministas na teologia e em suas práticas religiosas, isto é, essa seria uma dinâmica da ação proporcionada pelo coletivo EIG, dentre outros grupos e páginas feministas evangélicas.

4.3 A Rede De Mulheres Negras Evangélicas

A Rede de Mulheres Negras Evangélicas³⁵ foi fundada no 1º Encontro de Mulheres Negras Cristãs (EMNC) realizado em agosto de 2018 pelo Movimento Negro Evangélico em Recife.

A criação dessa Rede foi motivada pela reflexão e convergência de pensamento entre mulheres negras evangélicas presentes no movimento progressista evangélico brasileiro. Contextualizando, isso começou a se articular no Festival Reimaginar, que ocorreu em setembro de 2016 em Brasília, DF. Esse festival reuniu líderes religiosos, pessoas leigas, teólogas e teólogos, ativistas e demais profissionais ligados ao protestantismo brasileiro e ao movimento progressista evangélico. Nesta ocasião, o evento reuniu em torno de 150 pessoas e buscou agregar ideias e iniciativas relacionadas a diversas pautas sociais, como a questão do racismo, violência contra a mulher, diversidade sexual, participação política, entre outras temáticas sociais.

Uma das questões fundamentais discutidas no evento foram as problematizações sobre a invisibilização das mulheres negras evangélicas no protestantismo brasileiro, algo que geralmente era pouco falado ou não era levado em consideração na maioria dos movimentos progressistas evangélicos.

Um dos alicerces desta Rede é compreender que as violações de direitos enfrentadas pelo povo negro evangélico, e claramente pelas mulheres negras evangélicas, são frutos do sistema desigual e explorador presente na sociedade em que vivemos, o chamado capitalismo.

Geralmente, o tema é tratado com “espiritualização”, como um fenômeno sobrenatural que prova a fé dessas mulheres cotidianamente e desconsidera as dimensões concretas relacionadas a fatos históricos e processos sociais que geraram tais desigualdades sociais. Precisávamos de uma iniciativa que reunisse as mulheres negras evangélicas numa frente de mobilização.

Dessa maneira, três mulheres negras evangélicas: Elizabeth Guimarães (Rio de Janeiro-RJ), Vanessa Barboza (Recife-PE) e Nívia Dias (Salvador-BA) decidiram orar e planejar um encontro que reunisse as principais lideranças femininas negras evangélicas em atuação em suas comunidades de fé, nos movimentos sociais ou em

³⁵ REDE DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS. Disponível em: <<https://www.negrasevangelicas.org/nossa-hist%C3%B3ria>> Acesso em: 31 jul. 2023.

instituições e organizações para-eclesiástica no Brasil. (REDE DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS, 2021).

Após meses de orações e organização, a Rede de Mulheres Negras Evangélicas foi criada em 2018, recebendo apoio financeiro da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) e o apoio local de igrejas que se identificaram com a causa. Desse modo, se juntaram à Rede, mulheres negras evangélicas de proeminência no meio evangélico progressista, que defendiam a justiça racial.

Fazem parte da Rede, mulheres ligadas a diversos movimentos sociais ou a organizações sociais de interesse coletivo: existem mulheres do movimento negro, do movimento progressista evangélico, do movimento de mulheres negras, do movimento inter-religioso, mulheres do movimento feminista, do Partido dos Trabalhadores (PT), entre outros. Dessa forma, a Rede de Mulheres Negras Evangélicas tem caráter político e pastoral perante as desigualdades sociais vividas pela população negra brasileira.

E tendo em vista o forte contexto social patriarcal, racista, estrutural e fundamentalista, mesmo sendo desafiador, esta Rede se propõe a estabelecer o diálogo com as evangélicas e evangélicos conservadores, machistas e racistas. Inclusive, para demonstrar que possui um compromisso social, a Rede elaborou um Manifesto Público³⁶ direcionado às igrejas brasileiras.

Neste Manifesto Público, a Rede de Mulheres Negras Evangélicas deixa bem claro quais são os objetivos pelos quais a organização foi articulada, inclusive, faz reivindicações para beneficiar as mulheres negras de modo geral, não apenas aquelas que são evangélicas. Nas palavras delas:

Somos nós, mulheres negras que mais sofremos com as reverberações de uma política pública racista e misógina. Sofremos com a omissão de direitos e a violência do Estado. Sofremos com a invisibilidade e a violência simbólica nos espaços de poder das organizações religiosas. Sofremos com baixos salários e empregos desprotegidos e precarizados.

Desta maneira, nós mulheres cristãs de confissão protestante de diferentes denominações religiosas nos agregamos para unirmo-nos ao movimento de luta em prol da vida das mulheres.

Reivindicamos:

- Que os materiais didáticos de ensino religioso contemplem nos termos da Lei 9394/1996, reformulada por forma das Leis 10639/2003 e 11645/2008, no que diz respeito ao ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena em todas as disciplinas de todos os cursos oferecidos pelas organizações religiosas dos protestantismos: histórico, pentecostal e neopentecostal;

³⁶ REDE DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS. Manifesto Público. Disponível em: <<https://www.negrasevangelicas.org/manifesto>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

- O uso da linguagem inclusiva de gênero em materiais didáticos religiosos e em cerimônias e celebrações religiosas;
- A utilização de representação de pessoas negras na iconografia/imagens/materiais/produtos das/nas igrejas;
- A leitura afrocentrada da bíblia. (REDE DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS, 2021).

Sobre a atuação da Rede de Mulheres Negras Evangélicas nas redes sociais, observou-se que sua página no Facebook possui mais de 1.000 curtidas, 1.200 seguidores e são bastante atuantes tanto no Facebook, quanto na página do Instagram, que possui 249 publicações, e 3.288 seguidores. As postagens em ambas as redes sociais versam mais sobre gênero, sobre a questão racial e suas ligações com o campo evangélico.

Nesse sentido, para as mulheres negras e também para as mulheres negras evangélicas dessa organização, o racismo foi naturalizado no Brasil desde a época da escravidão, em que as negras e negros eram trazidos do continente africano para fazer trabalhos forçados. Infelizmente, centenas de anos depois, apesar da abolição da escravatura, o racismo ainda é presente na sociedade brasileira, desse modo, essas mulheres procuram desconstruir o racismo e reivindicar os seus direitos enquanto cidadãs, ou seja, para serem respeitadas e situadas numa posição de igualdade social, diferente da submissão e papel de servidão, que é geralmente relegado às mulheres negras.

Neste caso, também é importante afirmar que a mulher negra sofre um duplo preconceito, que é o de ser mulher e ser negra, e em nossa sociedade, as mulheres costumam ganhar salários menores que os dos homens. E no caso das mulheres negras, elas se localizam no fim da hierarquia social, relegadas a ganhar um salário menor do que o das mulheres brancas e dos homens negros. Isso reafirma a importância de entender a vivência da mulher negra levando em consideração gênero, raça, religião e classe.

Alguns dados coletados através da pesquisa do IPEA³⁷ realizada em 2011 ressaltam essas questões sobre a mulher negra no Brasil, principalmente sobre a distribuição e desigualdade de renda. Segundo este órgão de pesquisa, aconteceu um:

Aumento proporcional da população negra (preta e parda) no país. Em 1995, 44,9% dos brasileiros declaravam-se negros e, em 2009, este percentual subiu para 51,1%; enquanto a população de brancos caiu de 54,5% para 48,2% no mesmo período. [...] o percentual entre mulheres brancas e negras é de 49,3% e 49,9%, respectivamente. Entretanto, evidências mostram que este aumento populacional não ocorre em razão do aumento da taxa de fecundidade da população negra, mas pela mudança na forma

³⁷ IPEA. Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p.: il. Com a participação de: ONU Mulheres, Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>> Acesso: 31 jul. 2023.

como as pessoas se veem, as quais passam a se autodeclarar como pertencentes a tais grupos de cor/raça. (IPEA, 2011, p. 17)

Em 2009, a mulher branca correspondia 55% da renda média dos homens brancos; para os homens negros, o percentual foi de 53%. No entanto, as mulheres negras, em que pesem o aumento da renda e a redução da desigualdade, permanecem bem isoladas na base da hierarquia social (sua renda média equivalia a 18% dos rendimentos percebidos pelos homens brancos, em 1995, e chega a 30,5% em 2009). (IPEA, 2011, p. 35)

Dessa forma, pode-se observar que, na prática a população negra compõe a maioria dos brasileiros, e dentre eles, principalmente a população composta por mulheres negras carecem de direitos, respeito, igualdade de oportunidades em termos jurídicos, salariais, de gênero, de raça e também no âmbito religioso.

No artigo “Interseccionalidade e mulher negra: raça, classe, gênero e religião” (CESARINO, 2020), procuramos analisar a questão da mulher negra a partir desses marcadores sociais (raça, classe, gênero e religião) e como se constitui a relação dela com a fé evangélica. Desse modo, um ponto importante e até mencionado por Angela Davis, é de que as mulheres negras foram excluídas dos movimentos feministas, ou seja, ela aponta “[...] a importância de utilizar outros parâmetros para a feminilidade e denuncia o racismo existente no movimento feminista, além de fazer uma análise anti-capitalista, antirracista e anti-sexista” (RIBEIRO, 2016, p. 100).

Dessa forma, as mulheres negras procuraram criar os seus próprios movimentos tendo em vista as condições sociais e reivindicações. Dessa forma surgiu o mulherismo, movimento social de feministas negras. Isso representa do ponto de vista intelectual, a adição de uma reflexão sobre a mulher negra baseada na interseccionalidade, levando em consideração vários tipos de opressão que recaem sobre as mulheres negras e que se entrecruzam. Vale ressaltar que interseccionalidade foi um termo cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002), em 1989.

Segundo ela, a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002)

Tendo isso em vista, bell hooks (2000) explicita o papel do feminismo negro:

É essencial para o prosseguimento da luta feminista que as mulheres negras reconheçam a vantagem especial que nossa perspectiva de marginalidade nos dá e

fazer uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e a hegemonia sexista, bem como refutar e criar uma contra hegemonia. Eu estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na realização da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. (HOOKS, 2000)

Mas, como tudo isso se relaciona ao aspecto religioso, em relação às mulheres negras evangélicas? A população negra dos Estados Unidos, por exemplo, participou ativamente da origem do movimento pentecostal, mais adiante tendo um pastor negro como militante dos Direitos Humanos, chamado Martin Luther King Jr, que foi uma grande influência tanto evangélica, quanto para a luta dos negros em prol de igualdade social. E sabe-se que no Brasil, o protestantismo só se popularizou com a vinda de missionários pentecostais dos Estados Unidos, isto é, até hoje o maior número de instituições evangélicas no país pertence ao espectro pentecostal e neopentecostal.

Obviamente, algumas mulheres negras também se popularizaram com seus feitos, lutando pelos direitos civis, como Rosa Parks³⁸. Assim, para pensarmos na relação das mulheres negras com a fé evangélica no contexto brasileiro, são poucas as que exercem cargos de liderança religiosa. Contudo, elas são expressivas enquanto fiéis quando pensamos nas igrejas evangélicas presentes nas comunidades do país.

Sobre o fazer teológico, a teologia negra sob a perspectiva da América Latina se baseia na teologia da libertação, assim como a teologia feminista, sendo que atualmente as mulheres negras evangélicas agora possuem um canal para expressar suas ideias e articular sua própria teologia.

Assim, a teologia afro-feminista surge como um passo metodológico importante, afirmando que a experiência das mulheres é o ponto de partida da reflexão teológica. Neste percurso, o instrumental de gênero é uma ferramenta importante, pois nos ajuda na crítica de poder da nossa cultura patriarcal, bem como nas relações de poder dentro dos grupos de mulheres. (LÓPEZ, 2015, p. 36)

Portanto, para as mulheres que fazem parte da Rede de Mulheres Negras Evangélicas é importante exercer a sua fé juntamente com a luta pelos direitos sociais, pois essa luta é indissociável de sua prática religiosa e de sua identidade enquanto mulher negra evangélica. Para exemplificar isso, na página do Instagram³⁹ da organização existem postagens abordando uma série sobre Memória e História Digital e Política de Mulheres Negras Evangélicas

³⁸ MUNDO EDUCAÇÃO UOL. Rosa Parks. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/rosa-parks.htm#:~:text=Rosa%20Parks%20foi%20uma%20cidad%C3%A3,um%20%C3%B4nibus%20p%C3%ABlico%2C%20no%20Alabama.>> Acesso em: 31 jul. 2023.

³⁹ REDE DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS NO INSTAGRAM. Disponível em: <<https://www.instagram.com/negrasevangelicas/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

chamando a atenção para a questão da violência religiosa, a solidão da mulher negra e a insegurança alimentar atrelada a questão da pobreza.

4.4 Projeto Redomas e grupo Vozes das Redomas

O Projeto Redomas nasceu com o propósito de visibilizar as falas de mulheres que já foram objetificadas, caladas, julgadas e/ou cerceadas de alguma forma em ambientes cristãos. As criadoras da página dizem que: “Existe mais que apenas um corpo dentro destas redomas. E estes corpos femininos querem falar.” Dessa forma, as fundadoras são mulheres cristãs que procuram promover um diálogo no sentido de encerrar e/ou desconstruir os discursos religiosos que corroboram a imagem da mulher como objeto. O objetivo desse grupo de mulheres é conscientizar os homens e outras mulheres a enxergarem a mulher como um ser humano digno de amor e respeito “para além da redoma”.

Além da página, o Projeto Redomas possui um grupo no Facebook chamado Vozes das Redomas⁴⁰, com a finalidade de reunir mulheres que queiram conversar sobre os assuntos e temas abordados nas postagens, nas matérias, em cartilhas e no podcast do Projeto Redomas, para pensar acerca do machismo e sexismo nas instituições religiosas. Este grupo conta com mais de 500 mulheres e os conteúdos abordados e discutidos incluem a divulgação de matérias de portais de notícias, podcasts, neste caso, o chamado Redomascast⁴¹, cartilhas e demais assuntos suscitados na página do Facebook e no site⁴² do Projeto Redomas.

As cartilhas produzidas pelas mulheres criadoras do Projeto Redomas têm como fundamento a conscientização e a democratização de informações importantes para as mulheres, em relação, por exemplo, à violência contra a mulher, com a cartilha lançada em 2018: “Não é falta de oração - cartilha de combate à violência contra a mulher em igrejas e comunidades cristãs”⁴³, disponível gratuitamente no site do projeto. E também produziram a cartilha de 2020: “Nem caladas, nem cobertas – novas perspectivas sobre textos antigos”⁴⁴,

⁴⁰ VOZES DAS REDOMAS NO FACEBOOK. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/525601994279963>> Acesso em: 31 jul. 2023.

⁴¹ PROJETO REDOMAS. Redomascast, o podcast do Projeto Redomas. Disponível em: <<http://projetoedomas.com/category/redomascast/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

⁴² PROJETO REDOMAS. Disponível em: <<http://projetoedomas.com/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

⁴³ PROJETO REDOMAS. Não é falta de oração - cartilha de combate à violência contra a mulher em igrejas e comunidades cristãs. Disponível em: <<http://projetoedomas.com/nao-e-falta-de-oracao-cartilha-de-combate-a-violencia-contra-mulher-nas-igrejas/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

⁴⁴ PROJETO REDOMAS. Nem caladas, nem cobertas - novas perspectivas sobre textos antigos. Site do Projeto Redomas. Disponível em: <<http://projetoedomas.com/nem-caladas-nem-cobertas-livro/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

que procura fazer uma releitura, isto é, uma nova interpretação de alguns textos bíblicos considerados machistas e que submetem as mulheres à posição de inferioridade e/ou a tratam com violência.

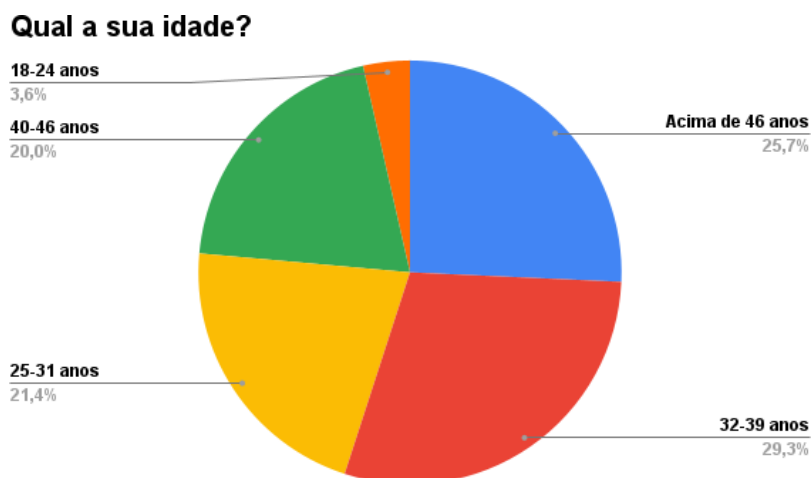
4.5 Questionário online aplicado nos grupos e páginas Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade De Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e Vozes das Redomas

Para podermos compreender melhor o que pensam as feministas evangélicas, como relacionam o feminismo com a sua fé e como se constitui uma nova identidade da mulher evangélica, além do trabalho de campo online, se fez necessário a aplicação de um questionário online construído a partir do Google Formulários, composto por 25 perguntas, sendo 14 perguntas de múltipla escolha e 11 perguntas com respostas curtas e longas, intitulado “Questionário de pesquisa sobre As Feministas Evangélicas nas redes sociais”. Um Termo de Consentimento foi apresentado às participantes, com a garantia do uso dos dados apenas com a finalidade desta pesquisa e de não serem identificadas, de acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).⁴⁵

Para preservar a identidade das mulheres que responderam ao questionário, colocamos a pergunta sobre o nome admitindo a possibilidade de a pessoa colocar apenas a sua inicial, ou um pseudônimo se não quisesse colocar o nome verdadeiro. Obtivemos 109 respostas com esse questionário. Primeiramente, falaremos um pouco sobre os dados quantitativos obtidos pelo questionário, tendo em vista que é um recorte específico de mulheres que fazem parte dos grupos e páginas do Facebook e do Instagram pesquisados: Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e Vozes das Redomas.

⁴⁵ GOV.BR. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/aceso-a-informacao/lgpd>> Acesso em: 31 jul. 2023.

Figura 4 – Faixa Etária



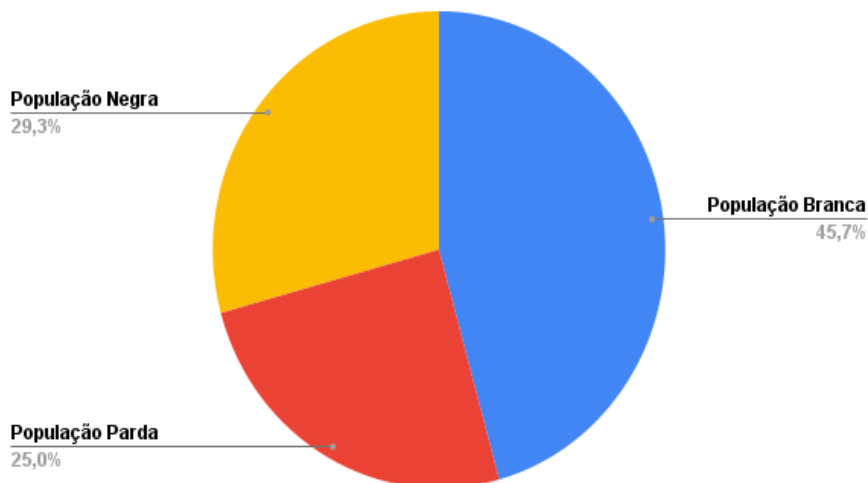
Fonte: Questionário Online criado pela autora a partir do Google Formulários.

Assim, conforme o questionário, na pergunta quatro, sobre faixa etária (Figura 4), 29,4% das mulheres que responderam, isto é, a maioria tem entre 32 e 39 anos, 24,8% acima de 46 anos, 22% de 25 a 31 anos, 19,3% entre 40 e 46 anos, e por fim, 4,5% entre 18 e 24 anos.

Logo em seguida, a pergunta cinco foi sobre a identidade de gênero, sendo que 98,2% se declararam como mulheres cisgêneros, enquanto 1,8% responderam a opção “outra”. E sobre a identidade étnico-racial (Figura 5), foco da pergunta seis, 43,1% representa a população branca, 31,2% de população negra e 25,7% de população parda.

Figura 5 – Identidade Étnico-Racial

A qual destes grupos você pertence?

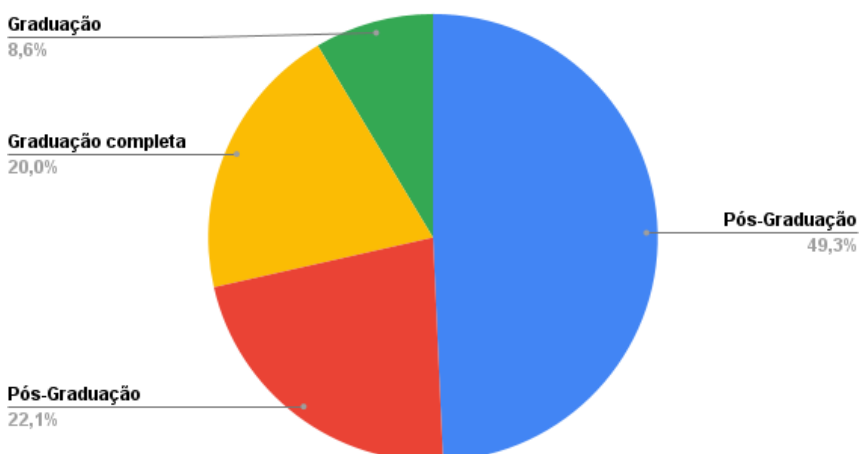


Fonte: Questionário Online criado pela autora a partir do Google Formulários.

O Estado Civil foi questionado na pergunta sete, sendo que um número expressivo, de 47,7% se refere a mulheres casadas, 31,2% de solteiras, 14,7% divorciadas e as demais, mora junto com companheiro ou companheira, outro e viúvas tiveram uma porcentagem baixa. Na pergunta oito, sobre terem ou não filhos, 49,5% possuem filhos, 34,9% não possuem filhos, mas pretendem ter um dia e 15,6% não têm filhos e nem querem ter.

Figura 6 – Nível de Escolaridade

Nível de escolaridade:



Fonte: Questionário Online criado pela autora a partir do Google Formulários.

Em seguida, a pergunta nove foi sobre o nível de escolaridade destas mulheres (Figura 6). 49,5% têm pós-graduação completa (Especialização, Mestrado e/ou Doutorado), 22% possuem pós-graduação incompleta, as que possuem graduação completa com 19,3%, 9,2% têm graduação incompleta.

Do ponto de vista socioeconômico, também questionamos na pergunta dez acerca da renda familiar, e segundo as respostas, 40,4% ganham acima de 5 salários-mínimos, 31,2% ganham de 1 a 3 salários-mínimos e 26,6% ganham de 4 a 5 salários-mínimos e 1,8% correspondem ao ganho de menos de 1 salário-mínimo e/ou preferiram não responder.

Daqui em diante as perguntas se dedicam mais aos aspectos da religião e do feminismo. Na pergunta onze, sobre se você frequenta alguma igreja evangélica, 65,1% frequentam, 23,9% vão ocasionalmente, e 11% não frequentam uma igreja evangélica. Em seguida, sobre quais são as instituições religiosas frequentadas, 56% frequentam Igrejas Protestantes Históricas, como, por exemplo, as igrejas Presbiterianas, Batista e Metodista, 20,2% frequentam Igrejas Progressistas e/ou Inclusivas, que acolhem os LGBTQIAP+ e defendem os direitos humanos, 11,9% frequentam Igrejas Pentecostais e Deuteropentecostais, como Assembleia de Deus e Deus é Amor, 8,3% não frequentam uma igreja, 8,3% outras e 3,7% frequentam Igrejas Neopentecostais, como Igreja Universal do Reino de Deus e Renascer em Cristo.

Na pergunta doze, foi questionado às mulheres que responderam que frequentam outras igrejas sem serem àquelas citadas na pergunta anterior, que pudessem escrever o nome das igrejas que frequentam. Algumas das instituições citadas foram: Igreja da Garagem do Rio de Janeiro (online), Igreja Cristã Carioca, Reuniões do coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), Igreja Presbiteriana Pauliceia SBC, Comunidade Abraçame (online), Igreja Evangélica Pentecostal de Jesus Cristo, Igreja Afirmativa Comuna do Reino (online), Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (conhecida também como Igreja Mórmon), Igreja Adventista do Sétimo Dia, Espaço Cristão, dentre outras. Após esta última pergunta, as respostas do questionário passam a ser voltadas para a relação dessas mulheres com sua fé e com o feminismo evangélico.

Logo, na pergunta treze questionamos o seguinte: “Qual era/é o papel da mulher na igreja que você frequentou/frequenta?” Obtivemos várias respostas, tanto conservadoras quanto progressistas, e evidenciamos as seguintes: coadjuvante, liderança, ministras, pastoras,

diaconisas, dar aulas para crianças, organizar eventos, ficar encarregada da limpeza da instituição, todas as funções disponíveis, conselheira, auxiliadora, entre outros.

Foi possível observar que algumas respostas falaram sobre a mulher ser totalmente livre para exercer sua religiosidade em papel de liderança, como de pastora, por exemplo. Todavia, de acordo com outras mulheres, existem igrejas mais conservadoras em que o papel da mulher é restrito a cuidar das crianças, da limpeza e fazer pregações apenas em eventos pontuais voltados para as mulheres. E com outras, de que existe certa abertura para as mulheres em algumas lideranças importantes da igreja, mas não cargos considerados de alto escalão, como a possibilidade de serem pastoras. Tudo isso pode ser entendido a partir de alguns relatos dessas mulheres reproduzidos abaixo:

“Mulheres podiam ser líderes (líderes de célula, pastoras e apóstolas)”.

“A mulher tem papel ativo na igreja, participando de todas as áreas só não possui o cargo (nomenclatura) mas prega, realiza culto, ora etc”.

“Na igreja metodista temos bispado, presidente, pastoras, mulheres em cargos de direção, porém...o sistema ainda é masculino, patriarcal e branco”.

“Mulheres brancas geralmente são esposas de pastores e presbíteros e ficam à frente de alguns trabalhos como liderar grupos, louvar entre outros serviços. Mulheres negras também têm assumido algumas atividades, mas geralmente são mãe solo”.

“Minha igreja foi fundada por uma mulher, então o papel da mulher é pastorear, ser diácona, líder, cuidar dos eventos. São todos os papéis possíveis. Considerando também que a maioria da igreja é constituída de mulheres”.

“Mudou nos últimos anos, hoje a igreja se coloca numa posição mais igualitarista, passou a ordenar mulheres e defende a igualdade de gênero de púlpito. Hoje existem pastoras na igreja e a liderança feminina é normalizada”.

“A princípio fui criada dentro da visão complementarista teológica de submissão feminina. Cabe a mulher na igreja batista, o louvor, o ensino religioso, a liderança quando casada e a pregação em momentos pontuais quando os cultos são direcionados às mulheres, ou falta contingência masculina como por exemplo, na visitação a enfermos, cultos de consagração e jejum e na diaconia. Na igreja progressista que faço parte, temos liberdade para pregar, entretanto os convites em boa parte delas orbitam no protagonismo feminino quando se trata especificamente de teologia feminista. Entretanto, de fato, a liberdade e autonomia nesses espaços são incontestavelmente maiores do que nós ambientes conservadores que participei durante minha adolescência”.

“O papel da sub Missão em todos os aspectos. Protagonismo masculino. Até ultimamente, nem mulheres sacerdotes eram aceitas. Podíamos pregar, éramos conduzidas ao ministério diaconal. Mas sempre orientadas a resolver nossos problemas com oração. Feminismo não é coisa de cristã. Isso na igreja histórica”.

“Normalmente um papel machista, com funções bem padronizadas relacionadas a cozinha, louvor, cuidado com crianças, grupos de oração...raros casos ligadas a posição de liderança e direcionamento de fiéis (exceto nos casos de igrejas dirigidas por pastoras)”.

“A mulher pode ser líder, ensinar, pregar, mas não pode ser pastora”.

(REPRODUÇÃO DE ALGUMAS RESPOSTAS À PERGUNTA 13 DO QUESTIONÁRIO SOBRE FEMINISTAS EVANGÉLICAS NAS REDES SOCIAIS)

Na questão catorze, a pergunta foi: Qual é o discurso predominante na igreja sobre as mulheres? E as respostas desta reforçaram as respostas da pergunta anterior, de que o discurso

da igreja sobre as mulheres costuma ser: machista, de submissão, de respeito, de igualdade de gênero, entre outros, mas o termo “submissão” foi o mais recorrente entre as respostas. Provavelmente porque é um termo presente numa parte da Bíblia Sagrada, comumente interpretada como se a mulher devesse ser subserviente ao marido. Já as respostas de teor feminista, de igualdade de gênero, equidade e justiça, são discursos mais presentes em instituições progressistas e/ou que tenham uma liberdade institucional maior, e que procuram ressignificar e/ou desconstruir o conceito de “submissão”. Alguns relatos sobre isso se destacaram e resolvemos reproduzi-los abaixo:

"A mulher sábia edifica a sua casa", entendendo sabedoria como sendo se calar diante das violências, machismo, opressão; afinal, Deus "tudo pode transformar".

“Que a mulher deve ser a responsável por cuidar da casa, dos filhos. Ainda que trabalhe fora. E deve ter filhos, não ter filhos é uma questão que não existe. "Feminismo é do Diabo, coisa de abortista, socialista””.

“Somos iguais, porém somos mulheres. Temos que obedecer, existe um limite para sermos independentes ou mulheres com opiniões e formas de pensar diferente das tradicionais”.

“Ressignificar o papel de submissa, de encorajamento e estímulo ao desenvolvimento da fé e participação no Reino”.

“Um discurso de igualdade e liberdade em Cristo para ser e exercer aquilo que ela foi chamada. Para ser honrada e respeitada por uma dignidade igualitária ao do homem, sem dominações ou subjugações”.

“Na minha atual é predominantemente feminista, empoderador, libertário e progressista”.

“O de lutar por igualdade de gênero e pelas minorias”.

“Livre. Não há espaço para pregações machistas”.

(REPRODUÇÃO DE ALGUMAS RESPOSTAS À PERGUNTA 14 DO QUESTIONÁRIO SOBRE FEMINISTAS EVANGÉLICAS NAS REDES SOCIAIS)

Na pergunta 15, procuramos saber: “Você faz parte de algum coletivo feminista evangélico ou segue/acompanha algum desses coletivos/Páginas pelo Facebook/Instagram”? Como a princípio a ideia era englobar na pesquisa mais coletivos e páginas feministas além do Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas e Projeto Redomas, outras páginas e coletivos foram selecionados pelas participantes da pesquisa, contudo, como o recorte é referente a essas páginas e grupos do Facebook e do Instagram, vamos nos ater a estes e os demais que não fazem parte do objeto da pesquisa serão mencionados apenas para melhor entendimento dos resultados, já que nessa pergunta as mulheres poderiam marcar mais de uma opção.

Assim, de acordo com as respostas, o grupo Feministas Cristãs corresponde a 52,3%, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG) 50,5%, Projeto Redomas e grupo Vozes das Redomas 38,5%, Rede de Mulheres Negras Evangélicas 33%, Página (Fé)ministras 21,1%, Frente Evangélica Pela Legalização Do Aborto 20,2%, Vozes Marias 19,3%, Movimento

Social de Mulheres Evangélicas do Brasil (MOSMEB) 12,8% e outros 5,5%. Dessa forma, compreende-se que os quatro grupos e/ou páginas que são os focos desta pesquisa (Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero, Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e as Vozes das Redomas) são os mais seguidos e com maior número de participantes, em conformidade com o que as mulheres feministas evangélicas responderam no questionário.

Ademais, baseado nas respostas da questão 16, a grande maioria, composta por 79,8% dessas mulheres, souberam da existência desses grupos e/ou páginas feministas evangélicas presentes no Facebook e no Instagram através da internet e/ou redes sociais, 33,9% por meio de indicação de amigos/conhecidos, outra forma 9,2% e demais meios de comunicação (TV, Rádio, entre outros) com 0,9%.

Na pergunta 17, buscamos entender como ocorre a interação dessas mulheres nas páginas e grupos pesquisados Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e Vozes das Redomas. 43,1% delas comentam apenas quando acham necessário, ou seja, quando se identificam com o problema de alguém e/ou pode ajudar de alguma forma, 27,5% apenas observam as postagens e discussões e curte o que a agrada, 24,8% sempre se envolvem nas discussões e possuem uma participação bastante ativa, e 4,6% não comentam e nem curtem nada, ou preferiram não responder. Dessa forma, entende-se que um número um pouco abaixo da metade dessas mulheres se sentem à vontade para comentar nos grupos e páginas quando acham preciso.

Na questão dezoito, as mulheres responderam quais são os temas discutidos nos grupos, coletivos e/ou páginas que mais interessam a elas, podendo escolher mais de uma opção: Violência contra a mulher/femicídio e Teologia Feminista foram os temas mais apontados, com 76,1%, Mulheres da Bíblia com 67,9%, Ativismo feminista evangélico 63,3%, Sexo e Sexualidade 58,7%, Aborto e Legalização do Aborto 56,9% e outros 11,9%. Esses dados estão em consonância com os temas mais abordados no grupo Feministas Cristãs, por exemplo, já mencionado anteriormente.

Na questão dezenove, sugere-se marcar quais as funções dos grupos e/ou páginas feministas evangélicas são mais importantes para essas mulheres, sendo mais uma vez possível marcar mais de uma alternativa. Assim, 88,1% compreendem estes locais como um espaço seguro para discutir assuntos que não são debatidos nas igrejas, 83,5% como um espaço para aprender e discutir sobre feminismo evangélico, 77% como um local de

acolhimento, 61,5% apontam como um lugar para conhecer e fazer amizade com outras mulheres feministas evangélicas e 31,2% como um espaço para desabafar sobre seus problemas e questões pessoais. Percebe-se com esses dados, que a função mais importante para essas mulheres é a de que os grupos e páginas feministas evangélicas oferecem um local seguro e disponível para discutir muitos assuntos que não são discutidos nas igrejas, como sexualidade, aborto, identidade de gênero, entre outros.

A pergunta vinte discorre sobre o primeiro contato que essas mulheres tiveram com a Teologia Feminista. As respostas foram diversificadas, talvez por também ter a ver com uma experiência pessoal: pelas redes sociais; por meio de livros e pastoras que trilharam esse caminho; na faculdade de Teologia; com a Pastora Odja Barros, que trabalha com a perspectiva da leitura popular e feminista da Bíblia; outros nomes de pesquisadoras e feministas cristãs citadas também foram Ivone Gebara, Maria José Rosado Nunes, Tábata Tesser, Angélica Tostes, Simony dos Anjos, Camila Mantovani, Priscila Reis e a Pastora Romi Bencke; através do Grupo de Leitura Bíblica Feminista do ISER (Instituto de Estudos da Religião); nas redes sociais por esses grupos citados; através de rodas de conversas; pelo WhatsApp; por reportagens e matérias online sobre o grupo Feministas Cristãs; pelo coletivo Evangélicas Pela Igualdade De Gênero (EIG); pelo Projeto Redomas; pelo Grupo de Movimento Negro Evangélico, ABUB (Aliança Bíblica Universitária do Brasil), entre outros.

Portanto, entende-se que a busca por conhecimento baseado na Teologia Feminista foi de fundamental importância para a maioria das mulheres, ou para iniciá-las nesta área, ou para consolidar sua perspectiva pessoal sobre feminismo evangélico. Destacamos algumas das respostas a esta pergunta que demonstram isso abaixo:

“Ao me tornar metodista a sociedade de mulheres da minha igreja discutia as bases teológicas feministas e sua aplicação na luta por espaços e contra a violência de gênero (que é uma bandeira de nossos grupos femininos na igreja)”.

“Através da busca por estudos e não aceitar o discurso patriarcal retirado da Bíblia e utilizado para colocar as mulheres em segundo plano ou subalternizar suas funções. E o que vejo na Bíblia são mulheres fortes, proativas, dinâmicas e defendidas pelo próprio Cristo”.

“Impactante. Exige muita desconstrução. Foi através das leituras das teologias feministas”.

“Participava de grupos feministas, mas percebia uma grande resistência e até repulsa a abraçar discussões sobre mulheres cristãs. Por isso, em 2014, criei o grupo Feministas Cristãs para que pudéssemos ter um espaço seguro pra discutir nossas pautas. Foi meu primeiro contato”.

“O meu contato tem sido mais com o grupo que criei - África bíblica decolonial, com inspiração no projeto Redomas. Nesse grupo, debatemos sobre a experiência de ser negro, cristão e antirracista. As pautas feministas se entrelaçam mais na experiência de um pensamento feminista negro a partir das experiências de vida das mulheres negras integrantes”.

“Eu já era cristã quanto conheci o feminismo clássico, e as duas 'coisas' nunca foram antagônicas ou conflitantes pra mim - pelo contrário, "sou cristã e por isso sou feminista", não faria o menor sentido estudar as escrituras,

ver como Jesus ressignificou as mulheres na sua época e não entender a importância delas (de nós) no Chamado a Boa Nova”.

“Tive certa estranheza e sensação de estar me "rebelando" contra a igreja”.

“Foi depois da caída da igreja na eleição do Bozo passei a desacreditar nos discursos e comecei a procurar novas interpretações”.

“Natural. Desde muito cedo participo de grupos de mulheres progressistas e com voz ativa nas suas comunidades de fé e prática”.

(REPRODUÇÃO DE ALGUMAS RESPOSTAS À PERGUNTA 20 DO QUESTIONÁRIO SOBRE FEMINISTAS EVANGÉLICAS NAS REDES SOCIAIS)

Na pergunta vinte e um, questionamos como essas mulheres articulam o feminismo com o cristianismo e como se constrói o discurso religioso e a sua prática religiosa a partir desta relação. Nas respostas, identificamos poucas mulheres que disseram não ter conhecimento em como fazer isso e/ou ter pouco conhecimento sobre o assunto, e uma que entende ser possível essa articulação através das redes sociais. Boa parte das mulheres enfatiza a figura de Jesus Cristo como um exemplo que acolheu e não julgou nenhuma mulher, inclusive tinha-as por perto e muitas o seguiam e foram importantes para o cristianismo, e neste sentido, não haveria então contradição entre ser feminista cristã ou feminista evangélica, pois o cristianismo estaria alinhado à defesa da igualdade e equidade entre homens e mulheres. O problema que apontam é a frequente leitura machista da Bíblia Sagrada. Assim, neste caso, há a propositura de uma nova hermenêutica de gênero baseada na suspeita, ou seja, capaz de ressignificar os textos bíblicos e exaltar as figuras femininas presentes na Bíblia. Isso então seria uma articulação possível entre feminismo e cristianismo.

Outra posição ressalta a importância do feminismo negro também nessa nova leitura dos textos bíblicos, tendo em vista que se articulam diversos tipos de opressão quando falamos sobre as mulheres negras evangélicas, isto é, é uma vivência diferente do feminismo branco. E uma terceira opinião presente nas respostas, foi àquela baseada no amor cristão, e que o cristianismo pregaria o amor ao próximo e o acolhimento de mulheres e minorias. Essas questões podem ser observadas em alguns trechos de respostas:

“Amar a todos já é uma articulação desse discurso. A partir disso vejo o discurso religioso pautado no amor e respeito às mulheres e as suas causas na sociedade”.

“Gosto de trabalhar sob a ideia que deve ser construída uma justiça de gênero nos ambientes teológicos, assim precisamos desconstruir e reconstruir uma vivência teológica justa com as mulheres”.

“Uma pauta muito necessária partindo de um princípio patriarcal e machista, onde a religião foi criada e a Bíblia escrita por homens, visão somente masculina. A teologia feminista vem pra uma quebra de paradigmas e patriarcado, onde encontramos nosso espaço e visibilidade”.

“Sou pastora e me sinto responsável por construir interpretações teológicas a partir do meu lugar (mulher parda, trabalhadora) e da recuperação das vezes silenciadas nas interpretações mais antigas, eurocêtricas e machistas. Procuro ler e interpretar a Bíblia a partir da criação em igualdade de gênero e do machismo como mal estruturado pelo pecado. A partir daí busco uma aplicação ao dia a dia de minha comunidade”.

“Entendo o machismo como resultante do pecado original que afetou a todos nós. Infelizmente, o feminismo se faz necessário por causa do cenário social hostil em que vivemos, onde a mulher não tem voz e é frequentemente assolada por todos os tipos de violência - inclusive, a violência dentro das instituições religiosas. Para mim, as discussões feministas se atrelam ao Evangelho genuíno. Jesus chamou mulheres para andar com Ele, deu crédito aos seus testemunhos e hoje, não há como viver o Evangelho integralmente sem olhar para as mulheres como dignas e capazes de serem usadas para a glória de Deus. A meu ver, o Ide de Jesus é igualmente para homens e mulheres. Paulo contou com mulheres e homens. Sendo assim, me sinto empoderada quando olho pra Cristo e me inspiro em grandes nomes femininos do cânon bíblico. Podemos ser hoje, Abigail, Maria, Debora, Ester, Dorcas e tantas outras, extraordinárias”.

“Jesus defendia os direitos das mulheres, assim como Deus tem preferência pela causa dos oprimidos. Se somos "pequenos Cristo" aqui na terra, então é dever da igreja e de cada cristão assumir cada corpo interditado pelo machismo, misoginia, homofobia e etc. Se não o faz, não é evangelho do Cristo que estamos falando”.

“Na experiência de ser mulher cristã no mundo, exercitando a hermenêutica da suspeita nas práticas culturais patriarcais, sexistas e lesbohomotransfóbicas”!

“Cristo veio para nos libertar das amarras e opressões. Cristo militava pelas minorias e oprimidos então ser contra o feminismo é ser contra Cristo que lutava p tais classes”.

“Articulo de forma a questionar o que é a essência da palavra e o que é algo imposto pelo homem, se aproveitando das leis de Deus dentro de um contexto histórico, cultural e de ocasiões específicas. Busco uma interpretação mais livre e menos temerosa acerca da participação da mulher no Reino, e tento desconstruir um pouco da minha criação pentecostal e conservadora que colocava o valor da mulher como secundário / associado ao do homem. Minha prática religiosa se constrói em torno de muito questionamento e engajamento em questões sociais e necessidades das minhas irmãs e irmãos”.

“Hoje me considero mais cristã por ser feminista. Penso que o cristianismo não pode comungar com a opressão, e o feminismo luta contra as estruturas que oprimem as mulheres: patriarcado, machismo, violência, etc. Vejo no discurso e na prática de Jesus legitimidade para ser feminista. E meu feminismo é cristão”.

“Tenho uma posição definida na vida. Por ser uma mulher negra, acredito que se têm dois caminhos: o da renúncia da vida ou o de enfrentar a vida. Optei pelo enfrentamento para sobreviver e ajudar outras mulheres a encararem todas às dificuldades por sermos mulheres”.

“Parte de um processo de profunda desconstrução da fé, desde ressignificar o papel de Deus, a infalibilidade da Bíblia, como também entender a massiva interferência da humanidade no sagrado e como a religião é usada como arma de manipulação e domínio”.

“Pra mim, feminismo é a busca por equidade entre homem e mulher e isso, no meu entender se alinha com os ensinamentos e a conduta de Cristo, que é no que se baseia a minha fé. Sobre o machismo bíblico, entendo que seja fruto da época em que foi escrita”.

“Boa pergunta rs. Eu acredito que em muitos pontos de fato, não há muitos entrelaçamentos, devido a nossa leitura ter sido aprendida de uma forma fundamentalista, então tenho começado a buscar tentar articular ambos os movimentos: feminista e cristão. Contudo, acredito que tenha muito a ver com o Mulherismo Africana e com o Feminismo negro, tendo em vista as experiências de mulheres racializadas na bíblia, que mesmo diante da sociedade patriarcal foram sobreviventes e tomaram a frente várias atividades de liderança”.

“A minha visão é que o Cristianismo sozinho não tem conseguido resolver as coisas. Se fosse assim, realmente o feminismo não era necessário. Daí, vejo que o feminismo pode conversar com o cristianismo, apresentando nada mais que a humanidade das pessoas, as problemáticas e as existências de situações que precisam de mobilizações mais efetivas dentro da sociedade. É preciso haver espaço pra diálogos difíceis também, entender que muito do próprio ambiente religioso contribuiu pra perpetuação de muito machismo e desvalorização da mulher. Espaços esses que só vão surgir nas igrejas a partir de uma leitura feminista evangélica. Não é exigir que todas as mulheres sejam feministas, mas o próprio debate quando surge, só surge porque as pautas feministas foram levantadas um dia e proporcionaram maio liberdade de expressão feminina”.

“O feminismo oferta a chave hermenêutica de gênero, que possibilita suspeitar das narrativas definidas como sagradas, que, em vias de regra patriarcal, sujeitam e submetem as mulheres. O feminismo negro, por sua vez, contribui com a chave hermenêutica internacional de raça, classe e gênero, que possibilita denunciar as narrativas hegemônicas que negam a humanidade das mulheres. Beber dessas fontes oportuniza ao cristianismo

uma revisão de suas narrativas, afirmando que os corpos femininos, tanto quanto os masculinos, são sagrados. Não por acaso a recente campanha da Rede de Mulheres Negras Evangélicas "Meu corpo é templo!"

(REPRODUÇÃO DE ALGUMAS RESPOSTAS À PERGUNTA 21 DO QUESTIONÁRIO SOBRE FEMINISTAS EVANGÉLICAS NAS REDES SOCIAIS)

Partiremos agora para a pergunta vinte e dois: O que é fundamental para que uma mulher seja feminista evangélica? Respostas: acolher uma diversidade de narrativas, ter seu lugar de fala e ser ouvida, acreditar na igualdade de gênero, na diversidade, lutar pelo direito das mulheres cis e trans, lutar contra a violência contra a mulher, fazer uma leitura bíblica mediante a teologia feminista, não aceitar submissão e discurso machista vindo de igrejas, consciência política, de gênero e de classe, respeito, empatia, sororidade, liberdade, conhecimento, coragem e lutar pela desconstrução do patriarcado. É o que se pode observar por algumas respostas:

“Entender que sempre fizemos parte em igualdade na sociedade a partir de Jesus Cristo. Apesar dos desafios e preconceitos impostos pela sociedade e a partir desse empoderamento transcender outras com SORORIDADE e acolhimento e escuta ativa, entendendo a transição de cada uma em seu tempo”.

“Consciência de classe, consciência social, conhecimento bíblico, senso crítico. Devemos essa construção à formação das mulheres na EBD e no estímulo à formação acadêmica, igualmente”.

“Entender o contexto social em que vivemos, permeado pelo machismo e por relações patriarcais. Identificar-se enquanto feminista ainda é difícil para muitas mulheres evangélicas pelo estigma que o movimento sofre no discurso pastoral e de outras lideranças midiáticas. Mas acredito que para ser feminista evangélica é preciso estar aberta ao diálogo e compreender que o feminismo é um movimento social, como a luta antirracista por exemplo, e não tem problema em conectar essa luta com a fé”.

“Entender as estruturas de opressão da sociedade que passam até mesmo pelos textos bíblicos e suas traduções”. “Silenciando e escondendo o papel de liderança das mulheres nas primeiras comunidades cristãs”.

“Empoderamento e apoio dos grupos de mulheres já existente, se não tem é de fundamental importância organizá-lo”!

“Estudo e leituras, sobre o movimento feminista e teologia cristã, e sua articulação com a realidade material de vida das mulheres, brancas, negras, cis, trans, etc”.

“Não gosto do termo "evangélica". Prefiro feminista cristã protestante. Para mim o fundamental é professar sua fé em Jesus Cristo, como Senhor e Salvador, como seu Mestre. Em segundo, que creia no Evangelho de Jesus/ Bíblia e busque vivê-lo e pregá-lo com amor genuíno (consequência natural do primeiro ponto). Em terceiro, que acredite e promova a igualdade de gênero, de direitos, que lute de alguma forma contra a violação de direitos da mulher. O feminismo cristão protestante que acredito é inclusivo”.

“Não acredito em feminismo evangélico, porque o evangelicalismo é o conceito histórico estadunidense fundamentalista que imprime e reforça a necessidade da submissão feminina, inclusive no contexto de levante das primeiras sementes da Teologia Feminista com Sojourner Truth e Elizabeth Cady Stanton. Prefiro seguir a teóloga Nancy Cardoso no movimento de Jesus, que não tolera a violência e a exploração da sua noiva amada. Creio q o fundamental para qualquer mulher que segue a Cristo é a luta pelo fim da opressão de suas irmãs e irmãos, e isso engloba a queda do patriarcado”.

“O ambiente evangélico ainda é de muito retrocesso e resistência a mudanças nas quais a sociedade já caminhou. É preciso unir vozes a esse coro pela libertação da mulher evangélica”.

“A mulher pode ser feminista e evangélica. Para isso é importante que seja firme e radical na defesa do seu lugar de fala e direitos como pessoa e indivíduo social tanto quanto Jesus foi no seu contexto. Ela precisa ter espírito revolucionário e estar incomodada com o discurso de submissão vigente”.

(REPRODUÇÃO DE ALGUMAS RESPOSTAS À PERGUNTA 22 DO QUESTIONÁRIO SOBRE FEMINISTAS EVANGÉLICAS NAS REDES SOCIAIS)

Passando para a questão vinte e três, perguntamos o que significa feminismo evangélico na opinião das mulheres que se identificam com o mesmo. A maioria delas baseia sua própria definição de feminismo evangélico com a busca pela igualdade de gênero, o combate à discriminação, à violência, à opressão, à injustiça e às desigualdades. Desta forma, é buscada uma desconstrução de uma interpretação machista da Bíblia, que sempre foi o que imperou na sociedade, assim como o objetivo de desconstruir o patriarcado fazendo uma nova leitura da Bíblia, mas dessa vez sob a perspectiva do feminismo evangélico. Também é entendido como um movimento político, social, religioso, de empoderamento e representa uma fé racional. Embora muitas tenham, de uma forma ou de outra, definido dessa maneira, há algumas opiniões divergentes sobre o conceito de feminismo evangélico. Duas mulheres discordaram da necessidade de existir um termo e/ou movimento como “feminismo evangélico”, pois entendem que existe apenas o feminismo. Outra mulher compreende que feminismo e movimento evangélico são questões indissociáveis, que uma não existe sem o outro, e que não haveria evangelho sem recorte de raça e gênero.

Tem uma frase também em que uma das mulheres diz que feminismo evangélico não existe, porque na sua concepção só existem mulheres negras feministas evangélicas e mulheres feministas evangélicas, o que pressupõe a visão de que o feminismo evangélico enquanto uma espécie de movimento social não é real. Há também uma perspectiva que compreende o feminismo evangélico como algo reducionista, no sentido de que a religião é a base e ocupa grande parte da vivência de uma pessoa, então seria bem maior que o termo em questão.

Reproduzimos abaixo algumas das concepções de feminismo evangélico:

“Uma direção para homens e mulheres viverem as verdades bíblicas a partir do texto e não da interpretação machista e sexista que perdura. Uma rejeição a toda e qualquer forma de opressão e desigualdade que utilizam as escrituras para a sua legitimação. Uma luta por igualdades e liberdades no meio evangélico”.

“Luta de mulheres que se identificam ou se denominam evangélicas com as causas feministas: igualdade de gênero, rompimento com o machismo, emancipação feminina, independência financeira, etc. Entender que a base machista que existe na bíblia vem de um contexto histórico, de opiniões de indivíduos e contexto cultural da época. Mas Cristo foi totalmente diferente de todos esses padrões e nos mostrou que a base do evangelho é igualdade e amor ao próximo”.

“É a junção entre um movimento social com a fé evangélica. É compreender que ser cristã não é suficiente, que é preciso também nos posicionarmos em outras frentes para que a violência de gênero seja problematizada em todos os espaços sociais que ocupamos, inclusive nas igrejas e no discurso religioso”.

“É o feminismo de mulheres que são evangélicas e buscam na sua prática religiosa do dia a dia desconstruir discursos religiosos ou não que são opressores. É um feminismo que entende que Deus nos chamou para uma comunidade de iguais”.

“É um movimento de conscientização da opressão das mulheres no ambiente evangélico, a partir de discursos e práticas patriarcais. É um despertar para a injustiça de gênero perpetuada nos ambientes evangélicos. É um ativismo cristão que não se conforma com uma igreja que mantém mulheres cativas e oprimidas. É um movimento de acolhimento e liberdade a partir da perspectiva feminina que materializa os ensinamentos de Jesus”.

“Forma de resistir, de fazer a diferença em relação à prática religiosa. Se existe machismo, racismo, outras coisas, o cristianismo tem um dedinho, quase uma mão toda neste processo histórico de desigualdade social. Ser feminista e religiosa é atuar em campo ainda desprezado por outros seguimentos de luta contra o sistema patriarcal branco”.

“O termo "feminismo evangélico" transparece um olhar reducionista acerca da mulher e sua religião, e no cerne de seu significado é muito maior, pq a religião complementa o pensar dessa mulher e para ela serve como esteio, arcabouço de vida, de família ou de si como pessoa que tem uma crença”.

“É lutar por igualdade de gênero dentro e fora da igreja e ajudar na conscientização de outras evangélicas para identificarem como os textos foram e ainda são construídos a partir da visão patriarcal eurocêntrica. É incentivar cada vez mais mulheres a estudar teologia para a expansão e popularização da teologia feminista”.

“Feminismo evangélico é lutar contra todo patriarcado criado pela sociedade machista que usa o nome de Jesus para machucar, ferir e escravizar as mulheres”.

“É o reconhecimento e entendimento das lutas narradas e não narradas das mulheres na bíblia e ativismo social através das suas histórias”.

(REPRODUÇÃO DE ALGUMAS RESPOSTAS À PERGUNTA 23 DO QUESTIONÁRIO SOBRE FEMINISTAS EVANGÉLICAS NAS REDES SOCIAIS)

Por fim, chegamos à pergunta vinte e quatro, que trata sobre a atividade das mulheres feministas evangélicas nas redes sociais, ou seja, se lá agem da mesma forma que no “mundo real” e como isso influenciaria a sua relação com o feminismo e com sua fé. A extensa maioria respondeu que não, que sempre se posicionou da mesma forma no mundo físico e no âmbito da internet e redes sociais, pois se consideram autênticas. Todavia, aquelas que responderam que sim, argumentaram sobre a insegurança do ambiente digital, onde as redes sociais podem ser benéficas para divulgar o Feminismo Evangélico, mas também utilizadas como armas para atacar e ridicularizar quem se considera feminista evangélica. Nota-se tudo isso nas respostas abaixo:

“Não. Sempre me posicionei e agi publicamente como feminista cristã. Isto me custou em alguns momentos perseguições ou retaliações. Busquei uma comunidade de fé mais aberta e inclusiva. Mas, o feminismo mesmo dentro de comunidades mais inclusivas é uma constante construção.”

“Não há diferença. Sigo defendendo que mulheres têm os mesmos direitos que os homens tanto na igreja quanto fora dela.”

“Existe diferença, uma preocupação com a linguagem e como isso vai repercutir nas redes. Penso que as redes podem ser esse instrumento de divulgação, mobilização e início de um trabalho de conscientização. O que torna as relações diferentes do mundo real. Mas são um âmbito de atuação para o feminismo cristão, esse é o sentido da influência no feminismo, mas não vejo como um lugar de influenciar a fé”.

“Procuo me expor minimamente e tenho poucas manifestações em redes sociais”.

“Não! Sou bem-posicionada quanto ao que acredito, mas sou recorrentemente atacada por isso. Em tempos de eleição, por exemplo, tive comentários de homens ditos cristãos em posts que questionavam minha fé e minha salvação, atrelando-as contrárias aos meus posicionamentos. Infelizmente, pros leigos, ser machista e diretista é totalmente bíblico. Isso me entristece. Vivemos uma época de ataque às escrituras e uma ojeriza aos cristãos como resultado do que estamos vivenciando no cenário político. Ser mulher e ser cristã, realmente, tem sido a maior rebeldia de todas, por todas nós - mulheres cristãs”.

“Sempre tomo cuidado em como me expresso, pois as pessoas leem de acordo com suas perspectivas. O que eu falo pode afetar alguém tanto para o bem, quanto de forma negativa. Ultimamente sou mais reservada e pouco ativa nas redes”.

“Procuo me expressar na internet da forma mais simples possível e levo discussões mais profundas para pessoas mais próximas onde podemos ouvir opiniões e debater. Continuo na busca por conhece mais sobre o assunto e é muito interessante o seu tema de tese. A Bíblia diz que pecamos por não conhecer as escrituras e acredito muito nisso, colocamos o nosso achismo e senso comum, por isso acho a sua pesquisa pertinente e interessante para os temas atuais. Vejo muitas pessoas que nunca estudaram o feminismo ou ao menos leram sobre ser totalmente contra, sendo que se chegamos até aqui e eu estou respondendo a uma pesquisa de uma mulher é por causa desse movimento. Só precisamos não nos perder dos princípios bíblicos. É assim que procuro relacionar a minha fé ao feminismo com equilíbrio e bom senso”.

“Não vejo diferença entre internet e mundo real. Mas a internet infelizmente permite q pessoas sejam grossas com posições explicitadas, coisa que não fariam diante da mesma posição dita pessoalmente. Por isso acho que a internet é um meio sim de conhecer e aproximar mulheres feministas e cristãs, mas também pode ser um ambiente hostil em que elas sejam ridicularizadas e desrespeitadas por seus posicionamentos”.

(REPRODUÇÃO DE ALGUMAS RESPOSTAS À PERGUNTA 24 DO QUESTIONÁRIO SOBRE FEMINISTAS EVANGÉLICAS NAS REDES SOCIAIS)

5. CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU PARA PENSAR SOBRE O DISCURSO QUE RELACIONA GÊNERO E RELIGIÃO

Relacionando as questões até aqui abordadas: Contexto Evangélico no Brasil, Concepção de Mulher para o Cristianismo, Mulheres Conservadoras, Mundo Digital, Cibercultura, Ciberfeminismo e grupos/páginas feministas evangélicas no Facebook e no Instagram, nota-se que os discursos produzidos pelas feministas evangélicas são emitidos tanto no “mundo real” quanto no mundo digital, contudo, neste segundo é que ele ganha maior projeção e possibilidades de discussões em grupos nas redes sociais.

Assim, ao tomarmos o discurso feminista em redes sociais evangélicas, partiremos do pressuposto de que os discursos são socialmente construídos em contextos de enunciação que podem ou não legitimá-los.

No texto *A Economia das Trocas Linguísticas*, Pierre Bourdieu (2008) faz uma discussão sociológica sobre o posicionamento do intelectual crítico em relação à linguagem. Isto é, é importante, segundo ele, que o sociólogo se dedique a investigar a linguagem e a linguística enquanto objetos, devido a seu poder de dominação sobre as Ciências Sociais. A linguística seria vista como uma espécie de genealogia interna e externa simultaneamente,

[...] visando antes de tudo trazer à luz, conjuntamente, os pressupostos teóricos das operações de construção de objeto através dos quais esta ciência se fundou e as condições sociais de produção e, sobretudo, talvez da circulação de seus conceitos fundamentais. (BOURDIEU, 2008, p. 1)

Desse modo, Bourdieu (2008) se pergunta quais seriam os efeitos sociológicos produzidos pelos conceitos de língua e palavra, ou de competência e performance quando aplicados ao discurso, ou, qual a teoria sociológica das relações sociais que está implícita na aplicação prática desses conceitos.

Para o autor, (BOURDIEU, 2008, p. 4) "o discurso deve sempre suas características mais importantes às *relações de produção linguísticas* nas quais ele é produzido", ou seja, em relação às suas condições sociais. Para ele, segundo Guimarães e Júnior (2014), os signos operam com correspondências e oposições, significando indivíduos e grupos em determinada estrutura. Dessa forma, elementos como a linguagem, por exemplo, dentre outros, se transforma em elemento expressivo para indivíduos e grupos.

O signo não tem existência (salvo abstrata, nos dicionários) fora de um modo de produção linguístico concreto. Todas as transações linguísticas particulares dependem da estrutura do campo linguístico, ele próprio expressão particular da estrutura das relações de força entre os grupos que possuem as competências correspondentes (ex.: língua "polida" e língua "vulgar" ou, numa situação multilinguística, língua dominante e língua dominada). (BOURDIEU, 2008, p. 4)

Outra questão importante ressaltada por Bourdieu (2008, p. 5), é a da linguagem autorizada:

[...] a estrutura da relação de produção linguística depende da relação de força simbólica entre os dois locutores, isto é, da importância de seu capital de autoridade (que não é redutível ao capital propriamente linguístico): a competência é também portanto capacidade de se *fazer escutar*.

Assim, se faz necessário compreender o lugar dos locutores e qual papel desempenham na relação de produção linguística.

A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos. Daí a definição completa da competência como *direito à palavra*, isto é, à linguagem legítima como linguagem autorizada, como linguagem de autoridade. (BOURDIEU, 2008, p. 5-6)

Desse modo, a ciência do discurso deve criar as leis que determinam quem pode falar, a quem e como, pois, existe censura na comunicação, ou seja, ela pode excluir certos indivíduos, não os convidando para os lugares de fala. Portanto, "o discurso supõe um emissor legítimo dirigindo-se a um destinatário legítimo, reconhecido e reconhecedor". (BOURDIEU, 2008, p. 6). Porém, a ciência do discurso não deve buscar a verdade apenas no próprio discurso, "[...] mas também fora dele, nas condições sociais de produção e de reprodução dos produtores e receptores e da relação entre eles". (BOURDIEU, 2008, p. 7-8)

Para que se possa analisar um discurso, é preciso compreender que entre os pressupostos da comunicação linguística estão as condições de seu estabelecimento, o contexto social no qual ela se instaura e a estrutura do grupo no qual ela se realiza. Se faz necessário, também, que haja conhecimento sobre as relações de força simbólica presentes no

mesmo, e discernimento sobre as leis de produção do grupo que fazem com que algumas categorias estejam ausentes. Essas condições são determinantes para entender o que pode ou não ser dito num grupo.

Portanto, neste trabalho, nos apoiamos, em parte, nas reflexões de Pierre Bourdieu (2008) e sua construção teórica sobre a questão da linguagem e da linguística aplicadas ao discurso, questões que englobam conceitos como o de relações de força simbólica, valor e poder do discurso e capital simbólico, por exemplo, que são fundamentais para analisar e compreender o discurso propagado pelos grupos e/ou páginas do Facebook e Instagram: Feministas Cristãs, Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e o grupo Vozes das Redomas, na medida em que ressaltam as relações de dominação, poder, lugar de fala e legitimidade.

Outras duas contribuições teóricas de Bourdieu também são importantes para analisarmos estes grupos, a sua reflexão sobre gênero e também sobre religião.

No caso de A Dominação Masculina, Bourdieu (2019) procura a partir de seus conceitos como habitus e violência simbólica, por exemplo, analisar o domínio masculino, compreendendo que essa dominação masculina seria um tipo de violência simbólica. Para Senkevics (2013)⁴⁶ isso ocorreria pois, segundo Bourdieu (2019), a imposição de poder representa significações consideradas hegemônicas e legítimas, para não haver conhecimento e questionamento sobre o poder que sustenta essa produção de poder baseada na liderança masculina. Isto é, essa dominação se entranha nas estruturas sociais de tal forma, que interfere na construção de mundo e de pensamento dos indivíduos.

Desse modo, Bourdieu (2019) também entende que esse processo de dominação masculina foi responsável pela organização da construção de dicotomias e oposições na classificação das pessoas e de coisas, como, por exemplo, masculino/feminino, rico/pobre, entre outros. Assim, percebe-se que as estruturas de poder se revelam nestas dicotomias, evidenciando hierarquias de gênero e classe.

Essas questões influenciam a criação de nossos pensamentos e da nossa linguagem, mesmo que racionalmente não seja algo tão evidente, sendo que eles são orientados por preconceitos, opiniões, interesses, etc. É aquela questão de uma falsa ideia de neutralidade, que de acordo com Weber, seria impossível ser alcançada.

⁴⁶ SENKEVICS, A. O conceito de gênero por Pierre Bourdieu: a dominação masculina. Portal Geledés. <<https://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-pierre-bourdieu-a-dominacao-masculina/>> Acesso: 31 jul. 2023.

O problema disso, é que essas influências na construção de nossos pensamentos reforçam as relações desiguais de poder de forma a naturalizá-las, a ponto de que os grupos dominados aceitem passivamente sua condição de submissos. Dessa forma, Senkevics (2013) diz que, para Bourdieu (2019), os espaços do corpo e da própria biologia são lugares responsáveis pela naturalização da dominação masculina.

Sobre a religião, no texto *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*, Bourdieu (2011) sistematiza as concepções de religião dos três autores mais importantes das Ciências Sociais: Marx, Weber e Durkheim, sendo que sua própria teoria possui mais elementos em comum com a de Weber.

Além disso, tendo em vista as formas de dominação simbólica e as relações de poder, Bourdieu (2011) ressalta que a gênese do campo religioso se desenvolve no âmbito político da disputa e criação de classes antagônicas, entendendo a religião como um sistema simbólico, logo, passível de análise. Essa análise, segundo a percepção deste autor, é baseada num modo de compreensão da religião mais objetivista, rompendo com as tradições subjetivistas. Por isso destaca a racionalização da religião (organização da estrutura religiosa, sacerdócio).

Bourdieu (2011) observa que o campo religioso compreende a organização do mundo social em classes antagônicas, e, portanto, num espaço de disputas de poder entre especialistas e leigos pelo monopólio do capital religioso. O processo de urbanização e criação de cidades, bem como o avanço da tecnologia, criou a necessidade de “sistematização” e “moralização” das crenças e práticas religiosas.

Outra questão importante é a divisão do trabalho religioso. Isto está ligado a diferenças entre grupos ou classes, pois aos especialistas (sacerdotes) está destinada a responsabilidade dos meios de produção dos bens religiosos, enquanto aos leigos está delegada a função de consumir estes bens e ser o alvo da mensagem religiosa (relação entre dominantes e dominados). A relação com a religião não é igual para todos.

Para Bourdieu:

[...] a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades *arbitrárias* que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe *na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela “naturalização” e pela eternização).*” (BOURDIEU, 2011, p. 46)

Isso significa que a caracterização de grupos ou classes (o que remete a um estilo de vida singular) é legitimada pela naturalização dos pressupostos religiosos como verdades incontestáveis. E é essa naturalização que tornam estes pressupostos sagrados. Tão importante quanto é também a posição que o grupo ou classe assume na estrutura social.

Para Bourdieu (2011, p. 46), a Religião estabelece a consagração (legitimação) sob duas formas: sanções santificantes: tornam legais as barreiras econômicas e políticas efetivas, e contribui para a *manipulação simbólica das aspirações* que procura assegurar que haja conexão entre as esperanças vividas e as oportunidades objetivas; e a segunda inculca um sistema de práticas e de representações consagradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa procuramos apresentar um panorama sobre as feministas evangélicas nas redes sociais. É um tema específico que se encontra interligado a outros campos e conceitos, como à cibercultura, ou seja, ao mundo digital, às redes sociais Facebook e Instagram, ao Ciberfeminismo e à Teologia Feminista.

Apesar de controversa, a internet tem se tornado um campo explorado pelos pesquisadores de várias áreas, principalmente da Comunicação e das Ciências Sociais. A partir disso, cientistas sociais e antropólogos tiveram que reestruturar sua prática de pesquisa, agora sob a influência do digital e da relação entre on-line e off-line. Neste sentido, observa-se que as relações sociais também se reproduzem no chamado Ciberespaço, constituindo uma parte da Cibercultura, e podem se encontrar diretamente relacionadas às relações do “mundo real”.

Porém, a sociabilidade digital também facilita o emprego de golpes, fraudes, identidades falsas e a disseminação de fake news. E tudo isso tem sido muito presente na sociedade brasileira e em sua relação com o mundo digital.

Do ponto de vista do contexto social, existe uma divisão entre os evangélicos atualmente. A grande maioria se identifica com uma religião fundamentalista e conservadora, o que resultou na eleição de um presidente e de deputadas que se identificam como “antifeministas” e pautam suas políticas públicas a partir de uma leitura da Bíblia Sagrada que é machista, racista e homofóbica.

Por outro lado, existem os evangélicos progressistas, que mesmo sendo minoria e frequentemente atacados por religiosos conservadores, têm utilizado as redes sociais há quase

dez anos para expressar o seu modo de entender e viver a fé evangélica. Dentre eles, temos as Feministas Evangélicas que se encontram distribuídas em grupos e páginas do Facebook e do Instagram.

Como pudemos observar no capítulo sobre o questionário respondido pelas Feministas Evangélicas, percebe-se que constitui um recorte muito específico de mulheres, em sua maioria brancas, com pós-graduação, com idades entre 32 e 39 anos, casadas, com filhos, ganhando acima de cinco salários-mínimos e que frequentam alguma igreja evangélica, em sua maioria, Igrejas Protestantes Históricas, como, por exemplo, a Igreja Presbiteriana e a Igreja Metodista. No caso das mulheres que responderam que frequentam outras igrejas, houve uma variedade de instituições registradas, mas pode-se destacar: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, também conhecida como Igreja Mórmon, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Afirmativa Comuna do Reino e Igreja Internacional Africana em Trondheim (Localizada na Noruega).

Sobre o papel da mulher na instituição que frequentam, tivemos tanto respostas em que relatavam experiências e falas machistas, como a de que “a mulher deve ser submissa ao marido” nas igrejas, sendo também impedidas de exercerem papéis de liderança, quanto respostas sobre instituições lideradas por mulheres e/ou que elas têm total liberdade e até são incentivadas a exercerem o papel que quiserem na igreja, além do incentivo ao estudo da Teologia Feminista. Logo, entende-se que mesmo que essas mulheres se identifiquem como Feministas Evangélicas, não necessariamente frequentam instituições religiosas progressistas ou abertas às mulheres. Além disso, discordam do posicionamento dessas igrejas e enfrentam problemas para poder se manifestarem.

Quando foi perguntado a elas qual o discurso predominante sobre as mulheres na igreja, as respostas vieram em concordância e/ou até mais enfáticas e no mesmo teor das respostas da pergunta anterior. Ou seja, essas mulheres disseram que os discursos recorrentes nas igrejas são: machistas, falam sobre a submissão da mulher, contra o feminismo, e em alguns casos chega ao ponto de orientarem uma mulher que foi vítima de violência doméstica a orar e permanecer casada com seu agressor. Contudo, também tivemos algumas respostas contrárias, de que o discurso é feminista e voltado para a igualdade de gênero e justiça.

Outro dado obtido por meio do questionário foi a porcentagem de mulheres que fazem parte dos grupos/páginas Feministas Evangélicas do Facebook e do Instagram, sendo que muitas delas seguem e/ou fazem parte de vários ao mesmo tempo. Os mais conhecidos e

populares são justamente os quatro que representam o foco desta pesquisa: Feministas Cristãs, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), Projeto Redomas e Vozes das Redomas e Rede de Mulheres Negras Evangélicas. Entretanto, também há uma porcentagem menor que seguem outros grupos/páginas, como: Página (Fé)ministras, Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto, Coletivo Vozes Marias e Movimento Social de Mulheres Evangélicas do Brasil (MOSMEB).

Sobre a interação dessas mulheres nos grupos/páginas do Facebook e do Instagram, a maioria delas comentam apenas quando for necessário e achar que sua opinião será útil. Boa parte delas também procuram apenas observar as postagens, os comentários, e curtir o que lhe agrada. Neste sentido, os temas que mais interessam a essas mulheres são os mesmos temas mais populares e acessados do grupo Feministas Cristãs: Violência contra a mulher/Femicídio, Teologia Feminista, Mulheres da Bíblia, Ativismo Feminista Evangélico, Sexo e Sexualidade, Aborto e Legalização do Aborto. Excetuando alguns temas especificamente atrelados sobre gênero e religião, os demais são temas que costumam fazer parte das pautas de movimentos feministas não-religiosos, ou seculares.

Outra informação é a de que muitas mulheres disseram que agem da mesma forma tanto no “mundo real” quanto no “mundo digital”, ou seja, nas redes sociais, colocando suas opiniões e se assumindo enquanto feministas evangélicas. Contudo, algumas afirmaram que sentem medo de represálias se expressarem suas opiniões ou falarem sobre Feminismo Evangélico e Teologia Feminista nas redes sociais.

Essas mulheres também deixam claro que a função mais importante desses grupos/páginas é ser um espaço seguro para discutir assuntos que não são debatidos nas igrejas. Isso geralmente é mais comum em instituições conservadoras, onde não há espaço para a Teologia Feminista. Muitas vezes por desconhecimento e/ou preconceito, muitas dessas igrejas conservadoras proíbem uma série de assuntos que consideram como “pecaminosos” ou “profanos”, como falar sobre sexualidade e diversidade sexual, por exemplo.

Uma das questões mais importantes do questionário foi aquela que perguntou como essas mulheres articulam o feminismo com o cristianismo e como constroem o discurso religioso e sua prática religiosa a partir dessa relação. Muitas disseram não haver controvérsias e nem antagonismo na relação entre feminismo e cristianismo, alegando que a valorização da mulher e os princípios feministas se encontram arraigados no cristianismo. O amor, assim como o amor ao próximo, também é uma virtude citada que estaria relacionada a

ambos os discursos. Algumas delas até reconheceram que, na prática, o cristianismo foi responsável, em várias situações, por silenciar as mulheres, mas a associação entre feminismo e cristianismo se revelaria com uma nova interpretação do próprio cristianismo. Como, por exemplo, nesta nova leitura, agora feminista, colocando as mulheres da Bíblia como protagonistas em suas histórias, diferente da leitura promovida pelo conservadorismo cristão. Essa seria uma relação possível entre feminismo e cristianismo.

De acordo com essas opiniões, entende-se que para elas existe uma correspondência entre feminismo e cristianismo, isto é, elas assumem características e lutas do feminismo como intrínsecas ao cristianismo também.

Outra opinião diz respeito ao feminismo negro nessa releitura da Bíblia. Segundo as feministas negras evangélicas, não adianta lutar contra o machismo e o patriarcado se existem desigualdades entre mulheres negras e brancas. Logo, as mulheres negras são alvo de diversos tipos de opressão, por isso a necessidade da criação da Rede de Mulheres Negras Evangélicas, por exemplo, pois no Feminismo Evangélico as mulheres brancas não têm esse tipo de vivência e muitas vezes há pouca ênfase na discussão do racismo.

E o que seria fundamental para uma mulher ser Feminista Evangélica? Para muitas: defender a igualdade de gênero, a diversidade, os direitos das mulheres, lutar contra todos os tipos de violência contra a mulher, entender que seu corpo e sua sexualidade pertencem a si próprias e fazer uma leitura bíblica a partir da Teologia Feminista.

Após isso, procurou-se definir o que é Feminismo Evangélico. A maioria das mulheres respondeu de forma parecida com a da pergunta anterior, isto é, que o Feminismo Evangélico envolve a luta pela igualdade de gênero, contra a opressão, contra a violência, contra a discriminação, contra a injustiça e às desigualdades. Desse modo, a desconstrução de uma interpretação machista da Bíblia e do patriarcado possibilita uma nova leitura, desta vez, feminista evangélica.

Contudo, há algumas opiniões que não concordaram com o conceito de feminismo evangélico. Elas pensaram que não há a necessidade de existir “feminismo evangélico” enquanto nomenclatura ou movimento, porque para elas existem apenas feminismo. Inclusive, para uma delas existe apenas mulheres negras feministas evangélicas e mulheres feministas evangélicas.

Desse modo, com a aplicação do questionário, buscamos aquilo que é fundamental numa pesquisa antropológica, que é a alteridade, isto é, o exercício de se colocar no lugar das feministas evangélicas, neste caso, na tentativa de transmitir e interpretar seus discursos. Ou seja, a partir de seus próprios relatos e opiniões é que analisamos e interpretamos o que compreendem como Feminismo Evangélico.

Dessa forma, entende-se que algumas das divergências nos discursos dessas mulheres perpassam as questões chamadas interseccionais, mais analisadas no âmbito do Feminismo Negro Evangélico, afirmando que existem múltiplas intersecções entre classe, raça, gênero e religião, que não são tão refletidas pelas feministas brancas evangélicas. Desse modo, é preciso que a hermenêutica feminista evangélica também abarque as questões de raça e classe quando for analisar os textos bíblicos. Dessa forma, esta visão se relaciona com o conceito de “kyriarcado” de Schussler Fiorenza (2009), que entende que há uma série de opressões vividas pelas mulheres simultaneamente, que além de gênero e religião, incluem raça e classe.

A mesma autora, Schussler Fiorenza (2009), de acordo com Green (2009, p. 18), aponta que o feminismo propõe uma transformação das estruturas sociais, políticas e econômicas e a Teologia Feminista uma transformação global do pensamento teológico e das estruturas eclesiais, indicando que não adianta integrar as mulheres a essas estruturas eclesiais já existentes, que são masculinas, mas sim mudar radicalmente essas estruturas.

Desse modo, é necessário que as mulheres se tornem sujeitos religiosos e assumam uma posição de autoridade, ou seja, parem de ser definidas por uma reflexão teológica masculina e que passem a “participar da construção crítica de significados bíblico-teológicos””. (GREEN, 2009, p. 18).

Como elencado por uma das respostas do questionário, o cristianismo tem a sua parcela de culpa em relação à opressão sofrida pelas mulheres, por isso o senso comum costuma colocar o feminismo e o cristianismo como opostos. Por conta disso é que há também a necessidade de reformular e/ou ressignificar o cristianismo sob uma perspectiva feminista. E isso pode ser feito a partir da teologia feminista crítica de Fiorenza (2009), que prega o protagonismo feminino na interpretação bíblica, e que também tem como objetivo criticar as teologias cristãs e as tradições que impulsionaram a opressão, a violência e a alienação, principalmente em relação às mulheres.

Uma das formas que essas mulheres feministas evangélicas encontraram de se manifestar e de construir espaços de produção de conhecimento nessa área foi através do

surgimento de grupos e páginas que propagam o Feminismo Evangélico, como o grupo Feministas Cristãs, do Facebook, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto Redomas e Vozes das Redomas.

No caso do grupo Feministas Cristãs, existe certa segurança por ser um grupo privado, contudo, durante a pesquisa nos deparamos com uma situação vivenciada por ele, na qual o grupo foi denunciado e posteriormente bloqueado pelo Facebook. Não se sabe quem foram as pessoas que fizeram isso, mas as fundadoras e moderadoras do grupo suspeitaram na época de que foi um ataque orquestrado por pessoas evangélicas conservadoras. Porém, após alguns dias, o grupo foi recuperado.

Nestes grupos/páginas, são compartilhados conteúdos sobre diversos temas, desde aqueles polêmicos como sobre sexualidade, diversidade sexual e aborto, até reflexões sobre algumas mulheres da Bíblia, sendo que questões envolvendo raça e classe são mais presentes na Rede De Mulheres Negras Evangélicas.

O que pode ser concluído diante de tudo isso, é que segundo as respostas das feministas evangélicas, não podemos conceber como um grupo e/ou movimento necessariamente homogêneo, pois cada uma delas tem a sua própria percepção do que é ser feminista evangélica, por isso se referir a elas no plural é mais pertinente. E pensando também nas feministas negras evangélicas, nota-se com clareza a concepção de Stuart Hall sobre as identidades fragmentadas na pós-modernidade. Isto é, o movimento feminista não abarcava todas as particularidades ou elementos que compunham a identidade de mulheres evangélicas que se reconheciam como feministas. Dessa forma criou-se o Feminismo Cristão, o Feminismo Evangélico, e posteriormente o Feminismo Negro Evangélico.

São características identitárias cada vez mais específicas, o que é um marco na pós-modernidade. Assim, se, ao mesmo tempo a pós-modernidade proporciona a comunicação com locais e pessoas do mundo inteiro através da internet, também contribui para essa especificidade cada vez maior das identidades.

É importante também destacar que as Feministas Evangélicas se propõem a romper com a lógica institucionalizada oferecendo uma nova forma de discurso religioso e sobre a posição social da mulher, não apenas nas instituições religiosas. E quando falamos em discurso, nos remetemos à concepção baseada na linguística de Bourdieu (2008). Ou seja, entende-se que o discurso pressupõe relações sociais, econômicas, políticas e de poder que determinam quem está ou não autorizado a falar, isto é, a ter local de fala e a se posicionar.

Por muito tempo, o discurso presente nas instituições cristãs foi o de subalternizar a mulher e silenciá-la. E ainda hoje isso persiste também em algumas igrejas evangélicas conservadoras. Esse discurso sempre foi masculino e patriarcal, ou seja, eles possuem a autoridade e o domínio simbólico que precisam para terem seus discursos legitimados, enquanto os discursos das mulheres foram apagados. O discurso masculino e patriarcal foi construído social e culturalmente e não se encontrou presente apenas no âmbito religioso, mas na sociedade em sua totalidade. E quais foram as condições de produção desses discursos? O discurso masculino, ou machista/patriarcal no seu processo de construção social vai incutindo nas pessoas a ideia de que é, ou será um discurso hegemônico, que acaba se naturalizando.

O problema é que o discurso machista é responsável por produzir e reproduzir desigualdades entre homens e mulheres, prejudicando-as, fazendo com que as mulheres ganhem salários mais baixos que os dos homens, sejam obrigadas a servir, cuidar dos filhos e serem donas-de-casa, não terem direito a assumir cargos de liderança nas igrejas, não terem liberdade sobre seu próprio corpo e sobre sua sexualidade e muitas vezes serem objetificadas e sexualizadas. Logo, é uma vivência feminina que não permite espaço para que a mulher possa tomar suas próprias decisões e fazer escolhas, bem como uma ausência de liberdade. Neste caso, a mulher existiria para servir o homem.

Em *A Dominação Masculina*, Bourdieu (2019) compreende esse domínio masculino como um aspecto ligado à violência simbólica, e que além de disseminar desigualdades, procura naturalizá-las, com isso, dificilmente há resistências. Assim, Senkevics (2013) menciona que para Bourdieu (2019), os espaços do corpo e da própria biologia são lugares responsáveis pela naturalização da dominação masculina.

Obviamente que neste contexto as mulheres pouco tinham algum poder de fala, mas é aí que entra a Teologia Feminista, para subverter essa ordem tanto na sociedade quanto no ambiente religioso. Dessa maneira, a única forma de lutar contra as opressões vivenciadas pelas mulheres seria elevá-las a uma posição em que seus discursos sejam legitimados, eliminando a hierarquia e superioridade de poder masculina sobre a feminina.

Sobre a religião, Bourdieu (2011) compreende que as formas de dominação simbólica e as relações de poder influenciam a mesma, e assim como Geertz (2008), entende a religião como um sistema simbólico passível de análise. Isto quer dizer que ocorre uma naturalização dos pressupostos religiosos mencionados, por exemplo, para aqueles que creem em alguma religião. Por isso, apesar das feministas evangélicas apontarem para a necessidade de uma

ruptura dessa dominação masculina, desnaturalizar as bases da crença que foram fundadas no machismo pode ser uma tarefa muito difícil e que encontra resistência por parte de algumas mulheres que se identificam e frequentam igrejas conservadoras.

Concluindo, desconstrução e desnaturalização são as palavras-chave para analisarmos as Feministas Evangélicas, pois frequentemente utilizam esses termos. A associação construída por elas entre feminismo e cristianismo evangélico é fundamentada em suas convicções religiosas do que é ser evangélica aliadas ao que entendem como feminismo. Na perspectiva de algumas delas, ser feminista e evangélica são indissociáveis, ou seja, a fé evangélica também é responsável, ou deveria, por promover igualdade de gênero, lutar contra a discriminação de gênero, ser a favor da diversidade e lutar pelos direitos humanos. Desse modo, as mulheres evangélicas conservadoras, que pensam o oposto disso, costumam defender machismo, preconceito, atacar as minorias sociais, serem racistas, homofóbicas e transfóbicas, dentre outros que até configuram como crimes.

Por isso, as feministas evangélicas discordam de todo e qualquer posicionamento que provoque preconceito, racismo e homofobia, por exemplo, inclusive considerando tudo isso dentro do espectro entendido como “pecado”. É por isso que a frase emblemática do título da tese é “Machismo é Pecado”, pois resume bem o que pensam as feministas evangélicas. É neste sentido que as feministas evangélicas querem proporcionar conhecimento, inclusive científico, a fim de desconstruir e desnaturalizar o machismo e o patriarcado.

Desse modo, as feministas evangélicas constroem uma nova identidade da mulher evangélica, na medida em que rompem com o padrão estabelecido do que é uma mulher evangélica, que até então tinha sido apropriado pelas mulheres evangélicas conservadoras. E também incorporam na sua interpretação bíblica o protagonismo feminino, e em suas práticas religiosas as lutas consideradas pautas do movimento feminista, como a busca por igualdade de gênero, justiça, direitos humanos, direitos reprodutivos, entre outros.

Assim, concluímos que as Feministas Evangélicas presentes nos grupos/páginas pesquisados, em seus discursos e trajetórias nas redes sociais, propõem um rompimento com as tradições e fundamentalismos, gerando uma ressignificação religiosa a partir do contato com o feminismo. Ou seja, a relação entre fé evangélica e feminismo acaba promovendo uma transformação identitária na mulher evangélica, em que a partir desse momento, suas crenças e práticas religiosas não se dissociam de suas lutas sociais, políticas e de gênero.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. Special Article | Complaint as Feminist Pedagogy. In: CHANDRASHEKAR, Karuna; LACROIX, Kimberly; SIDDIQUI, Sabah. Annual Review of Critical Psychology. Special Issue: Sex and the Power in the University, Vol. 15, p. 15-26, 2018.
- ALMEIDA, R. de. Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. In: Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 38, n. 01, p. 185-213, jan.- abril 2019.
- ALVES, A. C. F.; ALVES, A. K. da S. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil. IV Seminário CETROS. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, Fortaleza, CE. 29 a 31 de maio, 2013.
- ALVES, P. A evolução do Instagram: das fotos quadradas à era dos vídeos. Tecnoblog, 2021. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/especiais/a-evolucao-do-instagram-das-fotos-quadradas-a-era-dos-videos/>> Acesso em: 9 Maio de 2023.
- ALVAREZ, S. Para Além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. Cadernos Pagu (43), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, jan./jun. 2014 <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n43/0104-8333-cpa-43-0013.pdf>> – acesso em: 07 ago. 2019.
- BARROCO, M. L. S. Não passarão! Ofensiva neoconservadora e Serviço Social. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n° 124, 2015.
- BEAUVOIR, S. de. O Segundo Sexo, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BÍBLIA ON, Bíblia Sagrada Online. Disponível em: https://www.bibliaon.com/atos_dos_apostolos_2/ Acesso em: 31 jul. 2023.
- BOIX, Monteserrat; MIGUEL, Ana de. Os Gêneros Da Rede: Os Ciberfeminismos. In: NATHANSON, Graciela (org.). Internet em código feminino: teorias e práticas. Buenos Aires, La Crujía Ediciones, 2013, pp.15-38.
- BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Linguísticas, São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU, P. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.
- BRANDALISE, C. Feministas de Cristo. Fonte: <http://istoe.com.br/432070_FEMINISTAS+DE+CRISTO/> Acesso em: 14 ago. 2017.
- BRITES, F. M. Católicas pelo Direito de Decidir: Vozes Dissonantes e Discursos Católicos sobre o Aborto (1990 – 2010). Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, 2014. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/129046/329159.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 14 ago. 2017.
- BRITO, K. A. “Mulher, tua fé te salvou”: Quem são as evangélicas feministas? Setor de Artes, Comunicação e Design. Departamento de Comunicação Social. UFPR, 2018. (Trabalho de Conclusão de Curso). Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/58889/BRITO_Kethelyn_Anhaias_de_mulher_tua_fe_te_salvou.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso: 31 jul. 2023.

CAFARDO, R.; HOLANDA, M. O que defende Damares Alves, a futura ministra da Mulher. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/damares-alves-e-conhecida-por-defender-direito-a-vida-e-politicas-conservadoras,e437381af58aa39c380cac1f7ada2f481v8v2i9t.html>> Acesso em: 19 set. 2021.

CALDEIRA, E. Cresce o número de evangélicas que aderem ao feminismo. Fonte: <<http://www.metropoles.com/vida-e-estilo/feminismo/cresce-o-numero-de-evangelicas-que-aderem-ao-feminismo>> Acesso em: 14 ago. 2017.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As Origens Norte-Americanas do Pentecostalismo Brasileiro: Observações Sobre uma Relação Ainda Pouco Avaliada. Revista USP, n.67, p.100-115, set./nov. 2005.

CANAL ANA CAMPAGNOLO no YOUTUBE. Vídeo "Não devo nada ao feminismo Dep. Ana Campagnolo". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LEIE_cFxZ4k> Acesso em: 15 set. de 2021.

CARTACAPITAL. (Anti)feminismo em Pauta. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/justica/antifeminismo-em-pauta/>> Acesso em: 19 set. 2021.

CARTACAPITAL. Quem é Caroline Campagnolo, deputada que quer a denúncia de professores "doutrinadores". Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-e-ana-caroline-campagnolo-a-deputada-que-quer-a-denuncia-de-professores-doutrinadores/>> Acesso em: 19 set. 2021.

CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR (Brasil). Institucional: Quem Somos. 2007. Disponível em: <<http://www.catolicasonline.org.br/institucional/>>. Acesso em: 17 mai.2018.

CESARINO, F. T. Corporalidade Neopentecostal: Análise e Concepção de Corpo na Igreja Bola de Neve de Marília, SP. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UNESP Campus de Marília, SP, 2015. (Dissertação de Mestrado).

CESARINO, F. T, Interseccionalidade e mulher negra: raça, classe, gênero e religião. *Sacrilégens*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 127–150, 2020. DOI: 10.34019/2237-6151.2020. v17. 30794. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilégens/article/view/30794>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

CNN Brasil. Facebook muda nome para Meta. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/facebook-muda-nome-para-meta/>> Acesso: 10 abr. 2023.

COMSCORE. “O panorama das redes sociais na América Latina” da comscore. Disponível em: <<http://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-edocumentos/2017/O-Panorama-das-Redes-Socias-na-America-Latina>> Acesso em: 06 jul. 2023.

COMSCORE. “O panorama das redes sociais na América Latina” da ComScore. Disponível em: <<http://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-edocumentos/2017/O-Panorama-das-Redes-Socias-na-America-Latina>> acesso em 10/04/2016.> Acesso em: 6 jul. 2023.

CORREIA, P.M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. M. Novas formas de comunicação: história do Facebook – Uma história necessariamente breve. Revista de Comunicação, Cultura e Política - ALCEU – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-RIO, v. 14, n.28, p. 168-187, jan./jun. 2014.

COSTA, C. Nas redes sociais, feministas evangélicas se unem contra duplo preconceito. Site da BBC Brasil. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729_salasocial_evangelicas_feministas_cc Acesso em: 31 jul. 2023.

CRENSHAW, K. W. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero,” Revista Estudos Feministas 10 (2002): 177.

CUNHA, M. do N. Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital. 1.ed. Curitiba: Editora Appris, 2019.

DW BRASIL no Youtube. "É o momento de a igreja ocupar a nação, diz Damares". Vídeo de uma entrevista do canal DW Brasil, com 524 mil inscritos. A publicação teve cerca de 16 mil visualizações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fYTLsV4SEKU>>. Acesso em: 20 set. 2021.

EU ESCOLHI ESPERAR. Disponível em: <https://euescolhiesperar.com/sobre/> Acesso em: 31 jul. 2023.

EVANGÉLICAS PELA IGUALDADE DE GÊNERO (EIG). Disponível em: <<https://www.facebook.com/mulhereseig>> Acesso em: 30 jul. 2023.

EXAME. Há um ano, o Facebook se tornou Meta: Veja os resultados até agora. Disponível em: <<https://exame.com/future-of-money/ha-um-ano-o-facebook-se-tornou-meta-veja-os-resultados-ate-agora/>> Acesso: 10 abr. 2023.

EXAME. Mark Zuckerberg anuncia a compra do Instagram pelo Facebook. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/mark-zuckerbert-anuncia-a-compra-do-instagram-pelo-facebook/>> Acesso: 10 abr. 2023.

FEMINISTAS CRISTÃS. Grupo Fechado da rede social Facebook. Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/678778715492169/?fref=ts> > Acesso em: 31 jul. 2023.

FERRAZ, C. P.; ALVES, A.P. Da Etnografia Virtual à Etnografia Online: Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. 41º Encontro Anual ANPOCS 2017, Caxambu, MG, out. 2017.

FERRAZ, C. P. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set. 2019.

FILHO, A. B. de S. A Teologia Feminista. Origens do Feminismo Cristão. Publicado em: 07 jul. 2012. <<http://bibliapage.com/a-teologia-feminista/> > Acesso em: 30 out. 2022.

FRANCHINI, Bruna Santiago. O que são as ondas do feminismo? In: Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>> Acesso: 20 jun. 2022.

FRESTON, Paul – *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de doutorado, Unicamp, 1993.

FRIEDAN, B. A Mística Feminina. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

G1. Facebook compra o aplicativo Whatsapp por US\$ 16 bilhões. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-compra-o-aplicativo-whatsapp-por-us-16-bilhoes.html>> Acesso: 10 abr. 2023.

- G1. Mark Zuckerberg é processado nos EUA devido ao caso Cambridge Analytica. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/05/23/mark-zuckerberg-e-processado-nos-eua-devido-ao-caso-cambridge-analytica.ghtml>> Acesso: 10 abr. 2023.
- G1. 50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos, e 10% não tem religião, diz Datafolha. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>> Acesso: 31 jul. 2023.
- GEBARA, I. O Que é Teologia Feminista? São Paulo: Brasiliense, 2007.
- GEERTZ, C. A Religião como sistema cultural. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 66-93.
- GEERTZ, C. A. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 3-21.
- GIDDENS, A. Mundo em Descontrole, Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GIDDENS, A. O mundo na era da globalização. Lisboa: Presença, 2000.
- GOLDSTEIN, V. S. The Human Situation: A Feminine View. *Journal of Religion* 50 (1960).
- GOMES, A. M. A. As representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 1, p. 1-38, 2006.
- GOV.BR. Lei nº 13.709/2018, Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Disponível em: <<https://www.gov.br/esporte/pt-br/aceso-a-informacao/lcpd#:~:text=A%20Lei%20Geral%20de%20Prote%C3%A7%C3%A3o,da%20personalidade%20de%20cada%20indiv%20ADduo.>> Acesso: 5 nov. 2023.
- GREEN, E. *Elisabeth Schussler Fiorenza*. Coleção Teólogos do Século XX. São Paulo, Edições Loyola, 2009.
- HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: D&P, 2006.
- HENKING, S. “A Feminine Complaint Against Theologians”. *Religion Dispatches*. Disponível em: <<https://religiondispatches.org/a-feminine-complaint-against-theologians/>> Acesso: 9 fev. 2023.
- HOOKS, b. *Feminism Is For Everybody: Passionate Politics* (London: Pluto Express, 2000), 15.
- HORST, H. A.; MILLER, D. O Digital e o Humano: Prospecto para uma Antropologia Digital. *Revista Parágrafo*, v. 2, n. 3, jul./dez. 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1> Acesso em: 07 out. 2012.
- IPEA. Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p.: il. Com a participação de: ONU Mulheres, Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>> Acesso: 31 jul. 2023.

- LOPES, A. N. O Feminismo Cristão. Como Tudo Começou. Publicado em: 8 dez. 2011. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2011/12/o-feminismo-cristao-como-tudo-comecou.html>> Acesso: 19 jul. 2016.
- LÓPEZ, M. M. Sou negra e formosa: raça, gênero e religião. Corporeidade, etnia e masculinidade. Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Sinodal, 2015.
- MACIEL, Diogo Barbosa & BERBEL, Gustavo dos Santos. 2015. "A representação do eu na vida cotidiana". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/representação-do-eu-na-vida-cotidiana>> Acesso em: 31 jul. 2023.
- MARIANO, R. Ativismo político de evangélicos conservadores rumo à extrema direita. In: Democracia e Eleições no Brasil: para onde vamos? Hucitec Editora, ANPOCS, São Paulo, 2022.
- MARIANO, R. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- MARIANO, Ricardo. Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. Revista Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 44, março 1996.
- MARTINEZ, F. Feminismos em movimento no ciberespaço. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 56, p.1–34, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8657098>>. Acesso em: 6 jul. 2023.
- MARTINS, M. G. dos S. (Fé)minismo: Análises sociológicas sobre Feministas Evangélicas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFRRJ, 2019. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/5280/2/2019%20-%20Milena%20Geisa%20dos%20Santos%20Martins.pdf>> Acesso: 31 jul. 2023.
- MATTOS, A. N. de. Conservadorismo: entenda o conceito em 4 pontos (2017). Disponível em: <https://www.politize.com.br/conservadorismo-pensamento-conservador/> Acesso em: 19 set. 2021.
- MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, 27 (79), jun 2012. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>>. Acesso em: 31 jul. 2023.
- MERCADO, L. P. L. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. Revista Teias, v. 13, n. 30, p. 169-183, set./dez. 2012.
- MIGUEL, L. F. Mary Wollstonecraft e as origens do feminismo. Blog da Boitempo, 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/27/mary-wollstonecraft-e-as-origens-do-feminismo/> Acesso: 30 out. 2022.
- MILLER, D.; COSTA, E.; HAYNES, N.; MCDONALD, T.; NICOLESCU, R.; SINANAN, J.; SPYER, J.; VENKATRAMAN, S.; WANG, X. Como o Mundo Mudou as Mídias Sociais. Londres, Reino Unido: UCL Press, 2019.
- MILLETT, K. Política sexual. Madri: Ediciones Cátedra, 2017.

MISKOLCI, R. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 275-297.

MULHERES EIG. Disponível em: <<https://mulhereseig.wordpress.com/>> Acesso em: 30 jul. 2023.

MULHERES EIG NO INSTAGRAM. Disponível em: <<https://www.instagram.com/mulhereseig/>> Acesso em: 30 jul. 2023.

MUNDO EDUCAÇÃO UOL. Rosa Parks. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/rosa-parks.htm#:~:text=Rosa%20Parks%20foi%20uma%20cidad%C3%A3,um%20%C3%B4nibus%20p%C3%ABblico%2C%20no%20Alabama.>> Acesso em: 31 jul. 2023.

NATHANSON, G. O que tem a ver as tecnologias digitais com gênero? In: NATHANSON, G. (org.). Internet em código feminino: teorias e práticas. Buenos Aires, La Crujía Ediciones, 2013, pp.15-38.

NAVARRO, A. R. B.; Construção da Identidade corporal (feminina) mediada pela experiência religiosa. In: III Congresso Internacional de Ética e Cidadania, São Paulo, 2007.

NUNES, M. J. R (Org). Gênero, feminismo e Religião: Sobre um campo em constituição. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

O GLOBO. Protesto 'Não Mereço Ser Estuprada' movimentava Facebook após resultado de pesquisa <<https://oglobo.globo.com/politica/protesto-nao-mereco-ser-estuprada-movimentava-facebook-apos-resultado-de-pesquisa-12018281>> Acesso em: 06 jul. 2023.

O GLOBO. Cristãs contrariam suas religiões para defender legalização do aborto. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/cristas-contrariam-suas-religoes-para-defender-legalizacao-do-aborto-22113119>> Acesso: 31 jul. 2023.

PACETE, L. G. Forbes Tech. Brasil é o terceiro país que mais consome redes sociais em todo o mundo. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20E2%80%9CTend%C3%A4ncias%20de%20Social,internet%2C%20em%20especial%20nessas%20plataformas.>> Acesso: 10 abr. 2023.

PÁGINA DO FACEBOOK DE SIMONY DOS ANJOS. Simony, é possível ser cristã e feminista? Disponível em:

<<https://www.facebook.com/profile/100064523659073/search/?q=%C3%A9%20poss%C3%ADvel%20ser%20crist%C3%A3%20e%20feminista%3F>> Acesso: 31 jul. 2023.

PEWRESEARCH. O único site mais utilizado por homens é o Reddit com uma diferença de 4%. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2013/09/12/its-a-womans-social-media-world/> Acesso em: 6 julho. 2023.

PINTO, C. R. Feminismo, História e Poder. Revista de Sociologia e Política. Jun. v. 18 nº 36. p. 15-23, 2010.

PIZA, M. V. O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica. TCC (Bacharelado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Brasília, p. 48. 2012.

PROJETO REDOMAS. Redomascast, o podcast do Projeto Redomas. Disponível em: <<http://projetoedomas.com/category/redomascast/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

PROJETO REDOMAS. Disponível em: <<http://projetoedomas.com/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

PROJETO REDOMAS. Não é falta de oração - cartilha de combate à violência contra a mulher em igrejas e comunidades cristãs. Disponível em: <<http://projetoedomas.com/nao-e-falta-de-oracao-cartilha-de-combate-a-violencia-contramulher-nas-igrejas/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

PROJETO REDOMAS. Nem caladas, nem cobertas - novas perspectivas sobre textos antigos. Site do Projeto Redomas. Disponível em: <<http://projetoedomas.com/nem-caladas-nem-cobertas-livro/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

RAINIE, L.; WELLMAN, B. *The Networked: The New Social Operating System*. Cambridge: The MIT Press, 2014.

REDE DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS. Disponível em: <<https://www.negrasevangelicas.org/nossa-hist%C3%B3ria>> Acesso em: 31 jul. 2023.

REDE DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS. Manifesto Público. Disponível em: <<https://www.negrasevangelicas.org/manifesto>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

REDE DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS NO INSTAGRAM. Disponível em: <<https://www.instagram.com/negrasevangelicas/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

RIBEIRO, D. Feminismo Negro para um Novo Marco Civilizatório. SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos, v.13, n.24, 2016, 99 - 104.

SCHÜSSLER FIORENZA, E. *Caminhos da Sabedoria - Uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo: Nhanduti Editora, 2009.

SENKEVICS, A. O conceito de gênero por Pierre Bourdieu: a dominação masculina. Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-pierre-bourdieu-a-dominacao-masculina/>> Acesso: 31 jul. 2023.

SOARES, G. A. de A. O avanço do neoconservadorismo e a concepção do papel social da mulher no Brasil contemporâneo: Uma breve análise dos significados das declarações e decisões políticas do governo Bolsonaro e de sua ministra Damare Alves. In: *Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”*. Brasília, DF, v. 16, n. 1, p. 1-10, 2019.

SOARES, V. *Muitas Faces do Feminismo no Brasil*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1994.

SORJ, B.; GOMES, C. *Corpo, geração e identidade: A Marcha das Vadias no Brasil*. Soc. Estado, vol.29, n. 2, Brasília, maio/aug. 2014.

TECNOBLOG. A evolução do Instagram: das fotos quadradas à era dos vídeos. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/especiais/a-evolucao-do-instagram-das-fotos-quadradas-a-era-dos-videos/>> Acesso: 1 Maio 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 100% das seções totalizadas: confira como ficou o quadro eleitoral após o 2º turno. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/100-das-secoes-totalizadas-confira-como-ficou-o-quadro-eleitoral-apos-o-2o-turno> Acesso em: 31 jul. 2023.

THINK OLGA. Chega de Fiu Fiu Disponível em: <<https://thinkolga.com/projetos/chega-de-fiu-fiu/>> Acesso em 06 jul. 2023.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. Revista Administração Pública. Rio de Janeiro 40 (1): p. 27-55, Jan./Fev. 2006.

TOSTES, A. Carta Capital. Os direitos humanos e as mulheres evangélicas. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/os-direitos-humanos-e-as-mulheres-evangelicas/>> Acesso em: 31 jul. 2023.

TYLOR. E. B. Primitive Culture (Cultura Primitiva). 1871.

UNIVERSA UOL. Damares diz que menina de 10 anos estuprada deveria ter feito cesárea. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/09/18/damares-diz-que-menina-de-10-anos-estuprada-deveria-ter-feito-cesarea.htm>> Acesso em: 19 set. 2021.

VILHENA, V. C. “Uma Igreja sem voz: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas”. Fonte Viva: Belo Horizonte, MG, 2019.

VOZES DAS REDOMAS NO FACEBOOK. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/525601994279963>> Acesso em: 31 jul. 2023.

WEBER, M. “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, 2. ed., Cengage Learning: 1999.

WEBER, M. XI. A Psicologia Social das Religiões Mundiais, XIII. Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções. Ensaios de Sociologia. 2. ed., Zahar: 1971.

WEBER, Max. Ensaios de Sociologia (edit. por H. H. Gerth e C. W. Mills). 5a. ed. Rio de Janeiro, ed. Guanabara, 1982, p. 13-94.

APÊNDICE A

**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE AS FEMINISTAS EVANGÉLICAS NAS
REDES SOCIAIS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Para confirmar sua participação, você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente ao final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Para ter uma cópia deste TCLE você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em pdf para guardá-lo em seu computador. Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

Você está sendo convidada a participar da pesquisa referente à tese de doutorado em andamento: "Machismo É Pecado": Feministas Evangélicas No Brasil A Partir De Grupos E Páginas Do Facebook E Do Instagram", cuja pesquisadora responsável é "Flávia Tortul Cesarino". Os objetivos da pesquisa são: "Entender, a partir do ponto de vista das feministas evangélicas, como seria possível conciliar o feminismo com a fé evangélica, qual o discurso resultante da junção de ambos, e compreender o processo de construção identitária de alguns coletivos e páginas do Facebook e do Instagram: o grupo Feministas Cristãs, o coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), a Rede de Mulheres Negras Evangélicas, o Projeto Redomas e as Vozes das Redomas, para saber se e como ocorre a ressignificação de suas práticas religiosas à luz do feminismo".

A pesquisa será realizada por meio de um questionário online, constituído por 26 perguntas, sendo 12 perguntas de múltipla escolha e 14 perguntas com respostas curtas, longas e/ou referentes à marcações de mais de uma opção. Estima-se que você precisará de aproximadamente 20 ou 30 minutos para responder o questionário. A precisão de suas respostas é determinante para a qualidade da pesquisa.

Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

Esta pesquisa busca caracterizar uma parte das mulheres evangélicas que atualmente têm se destacado, apesar de não serem maioria dentre os evangélicos. Elas são uma resposta à atual onda neoconservadora, pois as feministas evangélicas têm se organizado em coletivos, movimentos sociais e em páginas e grupos nas redes sociais. Conhecer mais a respeito dessas mulheres possibilita a reflexão acadêmica sobre as mulheres evangélicas, desconstruindo o senso comum de que são todas conservadoras e submissas, sendo na realidade, cheias de identidades e concepções de fé diversas.

As participantes que se interessarem pelos resultados da pesquisa, por favor, entrem em contato por e-mail com a pesquisadora responsável, para que ao final da tese, ela compartilhe com as interessadas.

Solicitamos à participante sua autorização para registro de dados pessoais informados no

questionário aplicado. Asseguramos a confidencialidade e a privacidade dos dados e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (De acordo com o item II. 2.i, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, inciso V, X e XXVIII). A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Inclusive, a participante que não quiser se identificar, tem a opção de colocar uma letra de sua inicial, ou um pseudônimo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Quanto aos riscos para o anonimato e sigilo, garantimos a Sra a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Entretanto, por estarmos usando esta plataforma, "nuvem" eletrônica (ambiente virtual), para armazenamento das respostas, há limitações para assegurar a total confidencialidade e, por isso, uma vez terminada a coleta de dados será realizado o "download" dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local do pesquisador responsável, apagando todo e qualquer registro da plataforma virtual ("nuvem") (Item IV.3.e, da Resolução CNS nº. 466 de 2012; item 3.2. da Carta 01/2021-CONEP).

Caso existam dúvidas sobre a pesquisa, por favor, entre em contato com a pesquisadora responsável Flávia Tortul Cesarino (doutoranda em Ciências Sociais pela UNESP Marília), a qualquer momento para informação adicional no endereço: UNESP Marília: Av. Hygino Muzzi Filho, 737, Mirante, Marília, SP.
E-mails: flaviacesarino@yahoo.com.br, flavia.cesarino@unesp.br
Telefones: (16) 36121096, (16) 991266953

*Obrigatório

1) Você está de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)? *

Sim

2) Qual é o seu e-mail?

3) Qual é o seu nome? (Se não quiser se identificar, pode utilizar a letra inicial de seu nome ou um pseudônimo) *

4) Qual a sua idade? *

Menos de 17 anos

18-24 anos

25-31 anos

32-39 anos

40-46 anos

Acima de 46 anos

5) Qual é a sua identidade de gênero? *

Mulher Cis

Mulher Trans

Outra

Prefiro não dizer

6) A qual destes grupos você pertence? *

- População Negra
- População Parda
- População Branca
- População Amarela
- População Indígena
- Outra

7) Qual é o seu Estado Civil? *

- Solteira
- Casada
- Divorciada
- Viúva
- Mora junto com o companheiro ou companheira
- Outro

8) Você tem filhos? *

- Tenho.
- Não tenho, mas pretendo ter um dia.
- Não tenho e nem quero ter filhos.

9) Cidade e Estado onde mora*

10) Nível de escolaridade:*

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Graduação incompleta
- Graduação completa
- Pós-Graduação incompleta (Especialização, Mestrado e/ou Doutorado)
- Pós-Graduação completa (Especialização, Mestrado e/ou Doutorado)

11) Qual é a sua renda familiar? (Somar o salário de todos que trabalham e moram na mesma casa) *

- Abaixo de um salário-mínimo
- De 1 a 3 salários-mínimos
- De 4 a 5 salários-mínimos
- Acima de 5 salários-mínimos
- Prefiro não responder

12) Você frequenta alguma igreja evangélica? *

- Sim
- Não
- De vez em quando

13) Qual destas igrejas você frequenta? *

- Igrejas Protestantes Históricas (Presbiteriana, Batista, Metodista)

- o Igrejas Pentecostais e Deuteropentecostais (Assembleia de Deus, Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo).
 - o Igrejas Neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Internacional da Graça, Sara Nossa Terra, Bola de Neve Church, entre outras).
 - o Igrejas Progressistas e/ou inclusivas (Igrejas que defendem os direitos humanos e acolhem LGBTQIA+)
 - o Prefiro não dizer
 - o Não frequento nenhuma igreja
 - o Outras
- 14) Se você respondeu "outras" na pergunta anterior, quais igrejas você frequenta?
- 15) Qual era/é o papel da mulher na igreja que você frequentou/frequenta?
- 16) Qual é o discurso predominante na igreja sobre as mulheres?
- 17) Você faz parte de algum coletivo feminista evangélico ou segue/acompanha algum desses coletivos/Páginas pelo Facebook/Instagram? *
- o Grupo Feministas Cristãs
 - o Coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG)
 - o Frente Evangélica Pela Legalização Do Aborto (FEPLA) - Evangélicas Pela Legalização
 - o Movimento Social de Mulheres Evangélicas do Brasil (MOSMEB)
 - o Vozes Marias
 - o Rede De Mulheres Negras Evangélicas
 - o Página (Fé)ministras
 - o Projeto Redomas, do qual faz parte o grupo Vozes Das Redomas
 - o Outros
 - o Nenhum coletivo e/ou página
- 18) Como soube da existência dos coletivos e/ou páginas sobre feminismo evangélico? *
- o Internet e/ou redes sociais.
 - o Demais meios de comunicação: rádio, TV, entre outros.
 - o Através de indicação de amigos/conhecidos.
 - o Outra forma
- 19) Como é a sua interação nos grupos, coletivos e/ou páginas que você acompanha? *
- o Apenas observo as postagens e discussões e curto o que me agrada.
 - o Sempre me envolvo nas discussões e tenho uma participação bastante ativa.
 - o Comento apenas quando acho necessário, ou seja, quando me identifico com o problema de alguém e/ou posso ajudar de alguma forma.
 - o Não comento e nem curto nada.
 - o Prefiro não responder.
- 20) Quais os temas discutidos nos grupos, coletivos e/ou páginas que mais te interessam? *
- o Aborto e Legalização do Aborto.
 - o Sexo e sexualidade (como por exemplo, sexo antes do casamento, virgindade, masturbação, LGBTQIA+)
 - o Mulheres da Bíblia.

- o Violência contra a mulher/feminicídio.
 - o Teologia Feminista
 - o Ativismo feminista evangélico
 - o Outros
- 21) Marque as funções dos grupos, coletivos e/ou páginas que são mais importantes para você:*
- o Acolhimento.
 - o Espaço seguro para discutir assuntos que não são debatidos nas igrejas.
 - o Lugar para desabafar sobre seus problemas e questões pessoais.
 - o Local para conhecer e fazer amizade com outras mulheres feministas evangélicas.
 - o Espaço para aprender e discutir sobre feminismo evangélico.
 - o Outros
- 22) Como foi o seu primeiro contato com a teologia feminista e/ou feminismo evangélico? *
- 23) Como você articula o feminismo com o cristianismo? Como se constrói o discurso religioso e a sua prática religiosa a partir desta relação? *
- 24) O que é fundamental para que uma mulher seja feminista evangélica? *
- 25) Na sua opinião, o que é o feminismo evangélico? *
- 26) Existe diferença na forma como você age e se expressa na internet com a pessoa que você é no mundo "real"? Como isso influencia na sua relação com o feminismo e a sua fé?*

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM E PUBLICAÇÕES EM REDES SOCIAIS

Pelo presente instrumento particular, de um lado Flávia Tortul Cesarino, portador(a) do documento de identificação 44.896.453-3, CPF 370.196.158-13, doravante denominado(a) "AUTORIZADA", e de outro lado, Simony Cristina Teixeira dos Anjos, pessoa física, portador(a) do documento de identificação 23.969.132-5 e CPF 333.367.128-07, doravante denominada "AUTORIZANTE", têm entre si ajustado o presente Termo de Autorização do Uso de Imagem e Publicações em Redes Sociais, nos termos e condições abaixo especificados:

1. OBJETO DA AUTORIZAÇÃO

A AUTORIZANTE, por meio deste termo, autoriza a AUTORIZADA a utilizar a imagem e as publicações realizadas por ele nas redes sociais especificadas abaixo para veiculação em sua Tese de Doutorado, com o propósito de divulgação de ideias e pensamentos para corroborar o que significa ser uma feminista evangélica, um dos objetivos da tese. A publicação a ser utilizada está no perfil de Simony dos Anjos no Facebook, disponível neste link: <https://www.facebook.com/profile/1337988232/search/?q=%C3%A9%20poss%C3%A2vel%20ser%20cris%C3%A7%C3%A3o%20e%20feminista%3F>, ou seja, é um texto escrito por ela sobre se seria possível ser cristã e feminista.

2. REDES SOCIAIS AUTORIZADAS

A autorização concedida neste termo abrange a utilização da imagem e das publicações nas seguintes redes sociais da AUTORIZADA: Facebook e Instagram.

3. PRAZO DA AUTORIZAÇÃO

A autorização é válida pelo prazo de 1 ano, contado a partir da data de assinatura deste documento.

4. DIREITOS CONCEDIDOS

A AUTORIZANTE concorda em ceder à AUTORIZADA o direito de utilizar, reproduzir, publicar, exibir, transmitir e distribuir sua imagem e suas publicações nas redes sociais autorizadas, exclusivamente para os fins mencionados neste termo.

5. REMUNERAÇÃO

A presente autorização é concedida de forma gratuita, não conferindo ao AUTORIZANTE qualquer direito a remuneração, compensação financeira ou benefício por parte da AUTORIZADA.

6. RESPONSABILIDADES

6.1. A AUTORIZADA compromete-se a utilizar a imagem e as publicações do AUTORIZANTE apenas para os fins estipulados neste termo, não podendo utilizá-las de maneira que possa prejudicar a imagem ou reputação do AUTORIZANTE.

6.2. A AUTORIZADA reconhece e respeita os direitos autorais e de propriedade intelectual das publicações do AUTORIZANTE, não alterando o conteúdo sem a devida autorização.

7. REVOGAÇÃO DA AUTORIZAÇÃO

A AUTORIZANTE reserva o direito de revogar esta autorização a qualquer momento, mediante comunicação por escrito à AUTORIZADA. Após a revogação, a AUTORIZADA compromete-se a interromper imediatamente o uso das publicações.

E, por estarem assim justas e acordadas, as partes assinam o presente Termo em duas vias de igual teor e forma.

Data: 08 de agosto de 2023

AUTORIZANTE:

**SIMONY CRISTINA
TEIXEIRA DOS
ANJOS:
33336712807**

Assinado digitalmente por SIMONY CRISTINA TEIXEIRA DOS ANJOS:33336712807

DN: C=BR, O=ICP-Brasil, OU=Secretaria da Receita Federal do Brasil - RFB, OU=RFB e-CPF A1, OU=AC SERASA RFB, OU=62173620000180, OU=VIDEOCONFERENCIA, CN=SIMONY CRISTINA TEIXEIRA DOS ANJOS:33336712807

Razão: Eu concordo com os termos definidos por minha assinatura neste documento

Localização: Simony Cristina Teixeira dos Anjos
Data: 2023.08.12 14:03:09-03'00

Foxit PDF Reader Versão: 1

AUTORIZADA:

Documento assinado digitalmente



FLAVIA TORTUL CESARINO
Data: 14/08/2023 22:00:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE PUBLICAÇÕES E IMAGENS EM REDES SOCIAIS

Pelo presente instrumento particular, de um lado, Flávia Tortul Cesarino, portador(a) do documento de identificação 44.896.453-3, CPF 370.196.158-13, doravante denominado(a) "AUTORIZADA", e de outro lado Mulheres EIG – Evangélicas pela Igualdade de Gênero, com sede na Rua Cantareira , 1118 – 1º andar, inscrita no CNPJ sob o número 46.320.129/0001 - 88, neste ato representada por Valéria Cristina Vilhena, portador(a) do documento de identificação 20.071.583, e CPF 149.152.398-02, doravante denominada "AUTORIZANTE", têm entre si ajustado o presente Termo de Autorização do Uso de Publicações em Redes Sociais, nos termos e condições abaixo especificados:

1. OBJETO DA AUTORIZAÇÃO

O AUTORIZANTE, por meio deste termo, autoriza a AUTORIZADA a utilizar as publicações realizadas por ele nas redes sociais para veiculação em sua Tese de Doutorado, com o propósito de exemplificar e auxiliar na construção da Tese acerca do Feminismo Evangélico nas redes sociais.

2. REDES SOCIAIS AUTORIZADAS

A autorização concedida neste termo abrange a utilização das publicações nas seguintes redes sociais da AUTORIZADA: Facebook e Instagram.

3. PRAZO DA AUTORIZAÇÃO

A autorização é válida pelo prazo de 1 ano, contado a partir da data de assinatura deste documento.

4. DIREITOS CONCEDIDOS

O AUTORIZANTE concorda em ceder à AUTORIZADA o direito de utilizar, reproduzir, publicar, exibir, transmitir e distribuir suas publicações nas redes sociais autorizadas, exclusivamente para os fins mencionados neste termo.

5. REMUNERAÇÃO

A presente autorização é concedida de forma gratuita, não conferindo ao AUTORIZANTE qualquer direito a remuneração, compensação financeira ou benefício por parte da AUTORIZADA.

6. RESPONSABILIDADES

6.1. A AUTORIZADA compromete-se a utilizar as publicações do AUTORIZANTE apenas para os fins estipulados neste termo, não podendo utilizá-las de maneira que possa prejudicar a imagem ou reputação do AUTORIZANTE.

6.2. A AUTORIZADA reconhece e respeita os direitos autorais e de propriedade intelectual das publicações do AUTORIZANTE, não alterando o conteúdo sem a devida autorização.

7. REVOGAÇÃO DA AUTORIZAÇÃO

O AUTORIZANTE reserva o direito de revogar esta autorização a qualquer momento, mediante comunicação por escrito à AUTORIZADA. Após a revogação, a AUTORIZADA compromete-se a interromper imediatamente o uso das publicações.

E, por estarem assim justas e acordadas, as partes assinam o presente Termo em duas vias de igual teor e forma.

Data: 08 de agosto de 2023.

AUTORIZANTE:

[ASSINATURA DO AUTORIZANTE]

AUTORIZADA:



Documento assinado digitalmente

FLAVIA TORTUL CESARINO

Data: 24/08/2023 01:01:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

[ASSINATURA DO REPRESENTANTE LEGAL]